

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

STEFÂNIA OLIVEIRA DA COSTA

**A UNIPAMPA EM CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA:
Organização comunicada nos sites dos *campi* de Jaguarão e Santana do
Livramento**

Porto Alegre (RS)

2015

STEFÂNIA OLIVEIRA DA COSTA

**A UNIPAMPA EM CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA:
Organização comunicada nos sites dos *campi* de Jaguarão e Santana do
Livramento**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM/UFRGS, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação.

Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Karla Maria Müller

Porto Alegre (RS)

2015

*"Un hombre del pueblo de Neguá, en la costa de Colombia, pudo subir al alto cielo.
A la vuelta contó. Dijo que había contemplado desde arriba, la vida humana.
Y dijo que somos un mar de fueguitos.
- El mundo es eso – reveló - un montón de gente, un mar de fueguitos.
No hay dos fuegos iguales!
Cada persona brilla con luz propia entre todas las demás.
Hay fuegos grandes y fuegos chicos y fuegos de todos los colores. Hay gente de
fuego sereno, que ni se entera del viento, y gente de fuego loco que llena el aire de
chispas. Algunos fuegos, fuegos bobos, no alumbran ni queman; pero otros arden la
vida con tanta pasión que no se puede mirarlos sin parpadear, y quien se acerca se
enciende."*

Eduardo Galeano

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Elizabete e Volmar Costa, primeiramente, manifesto minha mais profunda gratidão e dedico este trabalho:

Pai, embora sem o título, sempre foste um grande mestre, e, mesmo que não mais consigas demonstrar, eu sei o quão orgulhoso ficas com cada uma das minhas conquistas. Obrigada por cada sorriso e cada abraço que ainda me dás.

Mãe, trago comigo os teus traços mais marcantes: a perseverança, a fé e a determinação. Quero que saibas que sem teu apoio, tuas palavras, tua torcida e teu infinito amor eu certamente não seria tão realizada quanto hoje sou.

Aos meus irmãos e melhores amigos, Sabrina e Jônatas Costa:

Mano, exemplo de comunicador, nossa amizade e parceria se prolonga há quase 33 anos e, sem dúvida, só se fortalece. Tua companhia, de capoeira e de boemia, amenizou os momentos mais difíceis do curso e tornou minha rotina, em Porto Alegre, ainda mais alegre.

Sá, graças a ti pude dedicar-me com mais afinco à pesquisa. Obrigada pelo carinho imensurável que demonstraste por mim e pelos nossos pais. Sem dúvida me deste muito mais segurança e tranquilidade. Não é à toa que eu quero brindar contigo todas as minhas vitórias.

Ao meu marido:

Bruno, tua dedicação à pesquisa só me enche de orgulho, de inspiração e de admiração. Sou cada dia mais feliz ao teu lado. Obrigada pela paciência, pela ajuda, pelos ensinamentos, pelo companheirismo e pelo amor.

Aos sogros, Márcia e Antônio, e à Cacaia, todos muito presentes durante o curso:

Vocês foram incansáveis em gestos e palavras. Obrigada por me receberem tão bem nesta família tão linda, onde só encontro paz, apoio, amizade e alegria!

Aos dindos Loivete e João, extensivo ao primo Hernani:

Obrigada! Além de me proporcionarem o conforto do lar porto-alegrense, vocês estimularam cada etapa da dissertação, sonhando comigo e, como sempre, enchendo-me de carinho e atenção.

Aos primos Letícia e Fabrício Casarin, simplesmente incansáveis:

Agradeço muito toda a ajuda, as caronas, a retirada de livros, as impressões, os cafés, enfim, a companhia e a amizade no decorrer de todo este período.

Ao colega e amigo Maurício Pinto da Silva, o primeiro a me apresentar às fronteiras nacionais e à minha atual orientadora:

Obrigada querido amigo por acreditares, antes mesmo de mim, que eu conseguiria o meu tão sonhado Mestrado em Comunicação e Informação na UFRGS. Teu apoio e confiança foram essenciais e jamais serão esquecidos.

À professora Karla Maria Müller, orientadora:

Obrigada pela paciência, pelos ensinamentos, pela disponibilidade e sobretudo pela confiança. És parte importantíssima desse período permeado de descobertas e aprendizados. Espero que nossos caminhos se cruzem muitas vezes, sendo este apenas o início de uma longa parceria e amizade. Que sigamos juntas pelas relações públicas e pela causa fronteiriça!

Ao professor Rudimar Baldissera:

Obrigada por te dispores a fazer parte de minha banca e por enriqueceres a minha pesquisa. Encerro o mestrado orgulhosa de ter sido tua aluna e convicta de que estás entre os melhores professores da nossa área.

À professora Adriana Dorfman:

Obrigada por dares conselhos importantíssimos para o andamento deste trabalho e por me indicares a *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris. Ainda serei tua aluna.

À professora Vera Raddatz:

Obrigada pela disponibilidade em participares de minha defesa. Tua opinião quanto a este trabalho é de extrema relevância, pois respeito muito tua produção acadêmica.

A todos os demais professores do PPGCOM, em especial à Profa. Nísia Martins do Rosário, pelos seus ensinamentos e suas palavras sempre tão confortantes ao longo do curso.

Aos colegas Laira Campos e Jean Rossato, parceiros nessa caminhada, e a todos os demais incontáveis amigos e familiares.

Finalmente, agradeço à Universidade Federal de Pelotas, instituição que desde 2004 me vem abrindo muitas portas, à Universidade Federal do Pampa, da qual sou grande admiradora, e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela calorosa acolhida.

RESUMO

Este Estudo de Caso, com foco na Universidade Federal do Pampa, tem como objeto empírico os sites dos *campi* da instituição em Jaguarão e Santana do Livramento, buscando compreender se, pela dimensão da organização comunicada, ela ativa sua condição fronteiriça e pratica movimentos interculturais, de modo a aproximar-se de maneira estratégica da identidade regional existente na fronteira brasileiro-uruguaia. Primeiramente, a partir de autores como Landowski (2012), Thompson (2011) e Mattellart (2005), reflete-se sobre culturas, identidades, práticas socioculturais; no momento seguinte, baseando-se sobretudo nos estudos de Baldissera (2007; 2008; 2009; 2011), discute-se o quanto as falas planejadas podem promover interações entre a UNIPAMPA e seu contexto; resgata-se, através de Oliven (2002) e Chauí (2014), dados importantes para a compreensão do que vem a ser a universidade do século XXI; com apoio de Santos (2013) e Ristoff (2013), debate-se os atuais desafios que esta instituição social enfrenta, entre eles os processos de internacionalização, democratização e expansão; por fim, apresenta-se a UNIPAMPA, para, com apoio de pesquisadores como Dorfman (2009; 2013), Müller (2003; 2007) e Raddatz (2004; 2009), compreender o que vem a ser sua condição fronteiriça, bem como quais as características que conformam a identidade regional nas fronteiras do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Posteriormente, aplica-se a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011), em 50 textos retirados da seção “Notícias” dos sites dos *campi* Jaguarão e Santana do Livramento. Os resultados fazem crer que a UNIPAMPA ativa sua condição fronteiriça. Porém, apesar de demonstrar competência intercultural e realizar alguns movimentos que tendem à admissão do Outro, não se assume como fronteiriça, perdendo a oportunidade de aliar ações e discursos em prol de seu Projeto Institucional.

Palavras-chave: Fronteira. Condição Fronteiriça. Organização comunicada. Universidades. UNIPAMPA.

ABSTRACT

This Case Study of the Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) focuses on the websites of Jaguarão and Santana do Livramento's *campi*. The objective is analyzing if UNIPAMPA activates its bordering condition and performs intercultural movements, in the scope of its communicated organization, in order to strategically approach the regional identity that exists in Brazilian-Uruguayan border. The literature review includes the following stages: First, cultures, identities and sociocultural practices are investigated through Landowski (2012), Thompson (2011) and Mattellart (2005). Then, based on Baldissera's research (2007; 2008; 2009; 2011), the ways of interaction between planned discourses and context are understood. With Oliven (2002), Chauí (2014), Santos (2013) and Ristoff (2013), notes about the perspective of University's role in XXI century, as well as its challenges, as internationalization, democratization and expansion, are established. Finally, the bordering condition is discussed, with the support of Dorfman (2009; 2013), Müller (2003; 2007) and Raddatz (2004; 2009), in order to understand the characteristic of regional identity in the borders between Rio Grande do Sul and Uruguay. Afterwards, the analysis are made through Content Analysis, as proposed by Bardin (2011), in 50 texts from the section "Notícias" from the sites of the two referred UNIPAMPAS's *campi*. The results show that UNIPAMPA activates its bordering conditions and considers the possibilities existing in both sides of the border. However, despite the fact of having intercultural competences and performing a few movements that tend to admit the Other, the University does not acknowledges itself as a "bordering University", losing the opportunity of combining acting and discourses in benefit of its Institutional Project.

Keywords: Border. Bordering condition. Communicated organization. Universities. UNIPAMPA.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de figuras

Figura 1 - Assinatura visual da UNIPAMPA	54
Figura 2 - Página de apresentação da UNIPAMPA.....	78
Figura 3 - Demonstrativo do material coletado.....	83
Figura 4 - Resultados obtidos através do mecanismo "Filtro" - Campus Jaguarão...	91
Figura 5 - Resultados obtidos através do mecanismo "Filtro" - Campus Santana do Livramento.....	91

Lista de imagens

Imagem 1 - Campus UNIPAMPA em Santana do Livramento	57
Imagem 2 - Campus UNIPAMPA em Jaguarão	57
Imagem 3 - Praça Internacional: marco em Santana do Livramento (BR) – Rivera (UY).....	69
Imagem 4 – Ponte Internacional Barão de Mauá	70

Lista de mapas

Mapa 1 - Distribuição dos campi da UNIPAMPA no Rio Grande do Sul	54
Mapa 2 - Faixa de Fronteira do Brasil	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Textos selecionados por ano/campus	83
Tabela 2 - Ocorrências de "fronteira(s)" e "fronteiriço(a)(s)" no site do Campus UNIPAMPA Jaguarão.....	84
Tabela 3 - Ocorrências de "fronteira(s)" e "fronteiriço(a)(s)" no site do Campus UNIPAMPA Santana do Livramento.....	84
Tabela 4 - Categorização do <i>corpus</i>	85
Tabela 5 - Categorização dos textos UNIPAMPA dos <i>campi</i> de Jaguarão e Santana do Livramento.....	87
Tabela 6 - Evolução das classificações de textos nas categorias "ativada/explicita" e "ativada/diluída"	92

PREÂMBULO

Ao elaborar o trabalho de conclusão do Curso de Comunicação Social – Habilitação Relações Públicas – em 2006, abordando a atuação das relações públicas nas assessorias de comunicação social das universidades, percebi o quanto as pesquisas acadêmicas poderiam enriquecer as minhas práticas profissionais, de forma que, ainda hoje, busco transformar as principais inquietações e dificuldades do trabalho cotidiano em temas de investigação. Esse foi o grande estímulo para me candidatar ao Curso de Mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Explico-me.

Atuo desde 2004 como técnica-administrativa no Gabinete do Reitor da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Em 2008, a Reitoria passou a ocupar as dependências de um antigo frigorífico inglês, localizado na linha de divisa da região central da cidade com o Bairro da Balsa, área bastante humilde e há muito carente de atenção das autoridades. Inaugurado o Campus Porto, uma das primeiras providências da UFPel foi a construção de um muro, delimitando o seu terreno e controlando o acesso às novas instalações, de forma que parecia proteger-se daquele ambiente considerado violento. A vizinhança, por sua vez, na esperança de receber novos investimentos econômicos e sociais, passou a cobrar, através de seus representantes e dos veículos de comunicação, uma nova postura institucional, mais interessada em interagir com o entorno e beneficiá-lo via projetos de extensão, principalmente. Com o tempo, esses movimentos resultaram em iniciativas criativas e benéficas, contudo, pouco divulgadas e compartilhadas com os demais membros da Instituição e da comunidade pelotense.

Desde então, enquanto relações públicas, passei a refletir a respeito da comunicação organizacional como estimuladora das interações culturais e identitárias entre sujeitos, organizações e ambiente, observando sobretudo a postura das universidades, nas quais pretendo continuar atuando, seja como técnica-administrativa, seja futuramente como professora. Eis, então, que, em 2010, a UFPel inaugurou o Núcleo de Estudos Fronteiriços (NEF/UFPel), em Santana do Livramento, cidade gaúcha vizinha à Rivera, Uruguai. Esta nova unidade surgia vinculada ao Centro de Integração do MERCOSUL (CIM/UFPel), oferecendo-se como um espaço privilegiado para atividades de ensino, pesquisa e extensão na

área de integração regional. Após participar de alguns eventos no NEF, interessei-me em conhecer e aprender mais sobre as fronteiras brasileiras. Com as leituras, percebi a complexidade e a riqueza histórica e cultural presentes nas regiões fronteiriças, entendendo que minhas reflexões iniciais, relativas às trocas e às identificações entre as universidades e seus entornos, poderiam ser muito válidas se aplicadas àqueles contextos, onde o contato e a integração são realidade histórica. Essas observações, somadas à criação da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), instituição com dez *campi* distribuídos na Faixa de Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e a Argentina, transformaram-se em um convite para retornar à academia, pois vi que poderiam render bons frutos caso aprofundadas através de uma pesquisa.

Esses frutos são expostos, então, nesta dissertação de mestrado, onde problematizo comunicação organizacional, universidade brasileira no século XXI, condição fronteiriça e identidade regional nas fronteiras brasileiro-uruguayas, além de cultura, identidade, práticas socioculturais e identitárias, buscando o embasamento teórico para, no momento das análises, compreender como a UNIPAMPA, através da comunicação oficial, tangível, ativa sua condição fronteiriça com o Uruguai, aproxima-se da identidade regional e realiza movimentos de mediação cultural e integração.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CULTURAS, IDENTIDADES E PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS	22
2.1 As concepções de cultura segundo John B. Thompson.....	23
2.2 A construção da identidade e as práticas identitárias	25
2.3 Práticas socioculturais e interculturalidade.....	29
3 COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DISCURSOS ESTRATÉGICOS	32
3.1 Atualizações sobre comunicação organizacional	32
3.2 Discursos estratégicos para a obtenção de legitimidade e reconhecimento organizacional	36
4 UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA E SEUS ATUAIS DESAFIOS	42
4.1 Breve resgate histórico sobre a universidade no Brasil.....	42
4.2 Desafios das universidades no século XXI.....	46
4.3 Universidade Federal do Pampa	51
5 FRONTEIRAS E SEUS AGENTES EM CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA	59
5.1 Entendendo a fronteira e a condição fronteira.....	61
5.2 Contextualizações sobre a fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai.....	64
5.3 Santana do Livramento(BR) - Rivera(UY) e Jaguarão(BR) - Rio Branco(UY).....	68
5.4 Por uma identidade cultural fronteira.....	71
6 A UNIPAMPA (DES)ATIVANDO SUA CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA	76
6.1 Procedimentos metodológicos	76
6.1.1 Estruturação e apresentação do <i>corpus</i> de análise.....	82
6.1.2 Categorizações.....	85
6.2 Análises: inferências e interpretações	89
6.2.1 A condição fronteira da UNIPAMPA ativada	89
6.2.2 A condição fronteira da UNIPAMPA desativada	100
7 CONSIDERAÇÕES	106
REFERÊNCIAS	110

1 INTRODUÇÃO

A assinatura do Tratado de Assunção, dando origem ao MERCOSUL, em 1991, incentivou os debates sobre as práticas de integração nas fronteiras latino-americanas e colaborou para o fomento de pesquisas, das mais diversas disciplinas, direcionadas a esses espaços. Embora o acordo prime por questões econômicas, os governos e as demais instituições vêm percebendo que os resultados são mais eficazes quando acompanhados de outros movimentos integracionistas também nas esferas social, cultural, tecnológica, política e educacional. As fronteiras, então, para além de limites territoriais, áreas periféricas associadas especialmente a representações negativas, tornam-se importantes laboratórios de investigação, dignos de visibilidade e investimentos, uma vez que lá os intercâmbios e entrelaçamentos culturais e identitários antecedem os atuais movimentos globalizantes: são espaços historicamente coabitados e partilhados por grupos de distintas nacionalidades.

O Brasil, cujo território faz fronteira com outros dez países, participa dessa movimentação de maneira bastante significativa. O Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PDFF), a interiorização dos *campi* das universidades federais já existentes, começada em 2003, bem como a instalação, através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), desde 2008, de 14 novas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), algumas delas localizadas nas zonas de fronteira, configuram exemplos de que a preocupação com essas regiões periféricas vem aumentando gradativamente.

Na região sul do Brasil foram criadas três novas IFES: a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), em Foz do Iguaçu-PR, cidade vizinha a Ciudad del Este, no Paraguai, e Puerto Iguazú, na Argentina; a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), com seus *campi* distribuídos na Faixa de Fronteira do Sudoeste do Paraná, Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul; e a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), com todos os seus *campi* distribuídos na Faixa de Fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e a Argentina.

Essas universidades fronteiriças são atores sociais que, juntamente com as demais organizações, públicas e privadas, geram impacto no entorno sociocultural,

afetando e sendo afetadas pelos demais sujeitos, em diversos graus. Não estão, portanto, excluídas de participar do processo de integração latino-americano, estando fortemente aptas a colaborar através da mobilização de sentidos que acarretem a valorização das práticas socioculturais das fronteiras e, conseqüentemente, ativem sua condição fronteiriça. E aí a comunicação organizacional entra em cena e dá suporte ao projeto ora proposto. Afinal, a partir dos processos comunicacionais são construídos e disputados sentidos que poderão, ou não, dar visibilidade às culturas locais e estimular a integração, bem como promover identificações estratégicas entre organizações e demais sujeitos fronteiriços.

Ao encontro dessas colocações, mostrando a urgência do tema, vem a última edição do Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas – VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (ABRAPCORP), ocorrido em maio de 2014, com o tema “Comunicação, interculturalidade e organizações: faces e dimensões da contemporaneidade”. O evento foi antecedido pelo curso “Comunicação, cultura e diferenças nas organizações: reflexões sobre o local e o global” e será sucedido pelo lançamento, em 2015, da Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Organicom), com a temática “Interculturalidade e Comunicação nas Organizações”. A Revista, em 2011, já sinalizava atentar para tais questões ao publicar o artigo de Ana María Suárez Monsalve, docente e pesquisadora na Universidade de Medellín, Colômbia, intitulado “*Pensar la integración latinoamericana: también desde la comunicación organizacional y las relaciones públicas*”¹ (MONSALVE, 2011).

Estabelecidas essas conexões, realiza-se uma pesquisa cujo tema é a comunicação organizacional das IFES atuantes nas fronteiras brasileiras com o Uruguai, partindo-se da hipótese de que elas ainda não se posicionam efetivamente como agentes fronteiriços através da dimensão da “organização comunicada” (BALDISSERA, 2009a), sobretudo por não terem percebido que os discursos por elas produzidos e postos em circulação são capazes de aproximá-las ou afastá-las

¹ Opta-se, neste trabalho, pela não tradução do espanhol uma vez que, como veremos, trata-se de língua oficial do MERCOSUL. Logo, aceitá-la, aprendê-la e valorizá-la é uma das formas de promover a admissão do Outro e a convivência pacífica com ele, fomentando uma integração sem fusão.

das identidades regionais. Essa proposta justifica-se em virtude de adicionar um novo enfoque para as demais pesquisas direcionadas às mesmas regiões, pois que, mesmo quando oriundas da Comunicação, preocupam-se particularmente com a mídia.

As buscas por variadas combinações dos termos “fronteira”, “universidade”, “comunicação” e “comunicação organizacional”, em repositórios digitais como o LUME, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) mostraram nenhum estudo específico sobre comunicação organizacional nas fronteiras brasileiras. Existem trabalhos envolvendo comunicação e fronteiras ou comunicação e universidade. Outros, em especial oriundos da Linguística, da História, da Geografia e da Antropologia, são encontrados quando se busca apenas pelo termo “fronteira”. Alguns serão relatados a seguir porque, em conjunto, permitem compreender melhor o poder da comunicação para a formação do imaginário social sobre os espaços em questão e fornecem elementos que conformam uma identidade cultural fronteiriça.

Na tese defendida em 2003 junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), intitulada “Mídia e Fronteira”, Karla Maria Müller discute a presença do elemento fronteira nos processos midiáticos locais utilizando-se de jornais de Santana do Livramento (BR) – Rivera (UY) e Uruguaiana (BR) – Paso de los Libres (AR). Segundo a pesquisadora, esses jornais são instrumentos estimuladores das interações estabelecidas entre os habitantes de ambos os lados da linha divisória. Os resultados de suas análises demonstraram que a fronteira está presente nos processos comunicacionais articulados pela mídia local, a qual às vezes estimula sentimentos de amizade e irmandade, noutras, de rivalidade e diferença (MÜLLER, 2003).

Outra investigação congregando comunicação e fronteira foi a tese elaborada por Vera Lucia Raddatz: “Rádio de fronteira: da cultura local ao espaço global”. Defendida em 2009 junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação/UFRGS, analisou práticas socioculturais, representadas em emissoras

de quatro diferentes pontos da fronteira brasileira, todas com suas programações disponíveis na Internet. Ou seja, havia o interesse em compreender como a própria fronteira difunde sua imagem para o mundo e quais traços identitários são ressaltados nesse processo comunicacional. Percebeu-se o cuidado que os comunicadores precisam ter ao lidar com um espaço de integração e de tensão, onde se transita constantemente entre o eu, o outro e o nós, havendo sempre a possibilidade de um deslize que possa ferir a integridade do vizinho e comprometer a convivência pacífica com ele (RADDATZ, 2009).

De ambos os trabalhos citados surgiram resultados que mostram as organizações midiáticas como potenciais mediadoras da construção de uma identidade de fronteira, bem como agentes sociais capazes de promover o diálogo intercultural. No rádio e no jornal encontra-se, por exemplo, dizeres em português, em espanhol, e até mesmo no “gauchês” ou “portunhol”, como são conhecidos os dialetos regionais. Essas e outras observações das respectivas autoras comprovam que a mídia local reflete as práticas socioculturais fronteiriças, admitindo que há tensionamentos e diferenças, mas também demonstrando a possibilidade de colaborar para a manutenção da convivência fraterna e da integração cultural já recorrente.

Embora originária de outra área acadêmica, a pesquisa de mestrado em Psicologia Cultural desenvolvida por Gimena Pérez-Caraballo junto ao Instituto de Psicologia da Université Lumière Lyon II, na França, defendida em 2011, também influenciou o direcionamento deste trabalho ao trazer uma reflexão sobre a construção da identidade da população que habita a fronteira entre Brasil e Uruguai, permitindo compreender melhor os movimentos de integração lá existentes. Denominada “*Construction identitaire dans les espaces frontaliers: quel lien avec l'appartenance territoriale et l'identité linguistique*”², apresenta resgates teóricos sobre identidade territorial, identidade linguística e identidade cultural, discutindo a percepção do espaço entre habitantes da fronteira Brasil-Uruguai (PÉREZ-CARABALLO, 2011).

² “A construção da identidade nos espaços fronteiriços: qual a relação com o pertencimento territorial e a identidade linguística” (PÉREZ-CARABALLO, 2011, tradução nossa)

Não menos relevante, tem-se o livro “*Rivera-Livramento: una frontera diferente*” de Gladys Bentancor, fruto de sua *maestria* sobre estudos fronteiriços na Universidad de la República (UDELAR). Publicado na série “Fronteiras da Integração”, pela Editora Universitária/UFPel, o trabalho apresenta, sob a ótica da Geografia, conceitos fundamentais para a compreensão histórica e social das fronteiras, sobretudo brasileiro-uruguayas, reforçando a noção de que são contextos complexos, porém culturalmente ricos e atraentes para as mais diversas disciplinas (BENTANCOR, 2009).

Outra pesquisadora da área da Geografia, Adriana Dorfman, em sua tese intitulada “Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais”, concluída em 2009 junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bem como em artigo publicado posteriormente, apresenta o conceito de condição fronteiriça, do qual nos apropriamos nesta dissertação (DORFMAN, 2009; 2013).

Esses trabalhos, aliados às recentes discussões, no âmbito do MERCOSUL, relativas à participação das universidades na construção da integração latino-americana, levam a crer que esta se trata de uma proposta relevante, bem como inédita, capaz de ampliar as discussões sobre fronteiras e comunicação ao dar particular atenção aos processos comunicacionais, no âmbito das IFES, como participantes na edificação de uma universidade inclusiva, que, ao reconhecer e divulgar sua condição fronteiriça, valorize-a, ative-a, aproximando-se dos grupos locais. Além disso, cabe lembrar, na última Conferência Mundial sobre Ensino Superior (CMES), ocorrida em 2009, em Paris/França, foram destacados dez desafios mundiais sobre os quais as instituições devem gerar conhecimentos, entre eles o diálogo intercultural e a construção da paz (UNESCO, 2009).

Afinar os relacionamentos entre universidade e sociedade exige, pois, dos comunicadores, o desenvolvimento de competências interculturais, de forma a administrar positivamente questões de gênero, de raça, de classes, de culturas, de identidades. Este desafio profissional se alarga no caso das IFES atuantes nas fronteiras brasileiras, pois que estas, além de participarem dos recentes processos de democratização e de intensa mobilidade acadêmica comum a todas as demais, o que já exige cuidados e inteligência para lidar com culturas e identidades diversas,

fazem parte de um contexto ainda mais diferenciado. Reinaldo Fleuri inspira esse debate ao dizer que a escola, além de reproduzir a cultura nacional dominante, também serve para promover e consolidar as culturas locais, tornando-se mediadora cultural ao estabelecer formas de reprodução, de comunicação e de tradução entre a cultura nacional envolvente e as culturas regionais (FLEURI, 2010).

O tempo e os recursos disponíveis para esta pesquisa não permitiriam, porém, dedicá-la a todas as universidades fronteiriças brasileiras. Opta-se, assim, por focar na UNIPAMPA devido, principalmente, a sua localização. Trata-se de uma instituição com sede na cidade de Bagé, e com outros nove *campi* distribuídos nas cidades de Alegrete, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Itaqui, Jaguarão, Santana do Livramento, São Borja, São Gabriel e Uruguaiana, todas na Faixa de Fronteira, algumas próximas do Uruguai, outras, da Argentina.

Criada pela Lei nº 11.640, de 11 de janeiro de 2008, de natureza pública e vinculada ao Ministério da Educação/Governo Federal do Brasil, a UNIPAMPA tem por objetivos

ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas do conhecimento e promover a extensão universitária, caracterizando sua inserção regional, mediante atuação multicampi na mesorregião Metade Sul do Rio Grande do Sul (BRASIL, 2008).

Essas e outras informações genéricas sobre a Universidade estão disponíveis em seu portal institucional (UNIPAMPA, 2015), o qual oferece links para sites específicos de cada campus³.

Percebe-se que essas páginas institucionais na Internet são a mais importante fonte de consulta dos públicos que buscam informações sobre a Universidade, sendo muito relevantes as representações de si ofertadas através delas. Quanto mais as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) se desenvolvem, menos as organizações dependem das mídias tradicionais para se fazerem conhecer. Os sites se tornam, assim, lugar de visibilidade e de legitimação organizacional (BALDISSERA; SILVA, 2011).

³ Tanto o portal institucional principal da UNIPAMPA quanto os demais sites dos *campi* da Universidade foram acessados entre maio de 2013 e janeiro de 2015.

Ao acessarmos, todavia, o texto “Universidade”, disponível no portal institucional, não há referências a sua condição fronteiriça nem são citados os países vizinhos, Uruguai e Argentina. Fala-se somente que a UNIPAMPA foi criada para minimizar o processo de estagnação econômica, buscando agir para a incorporação da região ao mapa de desenvolvimento do Rio Grande do Sul (UNIPAMPA, 2015). A condição fronteiriça da Universidade não é ali acionada e sequer são citados o Uruguai e a Argentina, embora alguns dos *campi* UNIPAMPA estejam inclusive em cidades-gêmeas com esses países.

No entanto, a listagem dos cursos de graduação e pós-graduação, assim como uma leitura transversal dos textos da seção “Notícias”, publicados pela Universidade em seus sites, mostra que o fato de estar localizada na fronteira não é completamente ignorado, existindo, conquanto não destacado por nenhum dos discursos expostos na página principal ou na apresentação institucional, práticas direcionadas àquele ambiente, entre elas a oferta de vagas específicas para uruguaios fronteiriços, além de atividades de ensino, pesquisa e extensão voltadas à inserção regional da UNIPAMPA.

A complexidade desta Universidade conduz à decisão por concentrar a análise nas unidades de Santana do Livramento e de Jaguarão, cidades-gêmeas com as uruguaias Rivera e Rio Branco, respectivamente. Os sites desses dois *campi* constituem, então, o objeto empírico desta pesquisa. Ambos oferecem vagas para ingresso específico de uruguaios, sob a guarda do Decreto n° 5105, de junho de 2004 (BRASIL, 2004), o qual permite residência, estudo e trabalho a nacionais fronteiriços brasileiros e uruguaios do outro lado da linha demarcatória.

Define-se por recolher textos, publicados pela própria UNIPAMPA, na seção “Notícias”, nos sites dos *campi* de Santana do Livramento e de Jaguarão, no período que abrange o lançamento do Edital n° 145/2011, em 20 de outubro de 2011 (UNIPAMPA, 2011), e o encerramento do Edital n° 204/2013, em 06 de janeiro de 2014 (UNIPAMPA, 2013b).

Há também particular interesse em direcionar o olhar às fronteiras do Brasil com o Uruguai por conformarem pares onde as relações históricas estabelecidas resultaram em uma identidade regional específica, que, acredita-se, não pode passar despercebida quando do “fazer” comunicacional, sobretudo pela

possibilidade de ser estrategicamente trazida para os discursos de uma instituição que traz no próprio nome o Pampa, região de planícies que se estendem entre o Rio Grande do Sul, o Uruguai e a Argentina de forma consideravelmente homogênea.

Essa capacidade de planejar discursos, movimentando sentidos específicos por meio de textos, “falas” autorizadas, corresponderia a apenas uma das três dimensões propostas por Baldissera (2009a) para dar conta da complexidade da comunicação organizacional: a organização comunicada. Por conseguinte, ao formular a questão que norteia este estudo – como a condição fronteira da Universidade Federal do Pampa é ativada através da “organização comunicada” em seus sites institucionais? - não se quer reduzir a comunicação da UNIPAMPA somente ao que é da qualidade do tangível. Considera-se, tão só, a dimensão da organização comunicada, porque ela trará respostas cujas análises possibilitam atingir o principal objetivo traçado: compreender se a Universidade Federal do Pampa, em seus esforços de comunicação denominados organização comunicada, ativa sua condição fronteira e pratica movimentos interculturais, de modo a aproximar-se estrategicamente da identidade regional existente na fronteira brasileiro-uruguaia.

Esse objetivo geral, em conjunto com as observações anteriores sobre os sites da UNIPAMPA, deu origem aos seguintes objetivos específicos:

- (1) inserir as instituições universitárias em um debate sobre comunicação nas fronteiras o qual tradicionalmente tem sido voltado para a mídia;
- (2) identificar, observando a dimensão da organização comunicada da UNIPAMPA, se as aparições dos termos fronteira(s) e fronteiro(a)(s) remetem à condição fronteira da Universidade;
- (3) observar, a partir dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, se a comunicação planejada reflete movimentos crescentes de inserção regional da UNIPAMPA no contexto fronteiro, conforme proposto em seu Projeto Institucional;
- (4) verificar se são trazidos para os discursos da UNIPAMPA elementos da identidade regional os quais poderiam agir estrategicamente em prol da obtenção de reconhecimento e legitimidade organizacional;

- (5) desenvolver uma reflexão cujos resultados possam colaborar para a adoção de uma política expressiva de ação universitária em contextos fronteiriços.

Conhecidos o tema, o foco, o objeto, os objetivos e as justificativas da pesquisa ora proposta, parte-se para uma revisão bibliográfica interdisciplinar, visando refletir sobre aqueles que são entendidos como os principais eixos teóricos.

Primeiramente, no Capítulo 2, debate-se cultura e identidade, práticas socioculturais e interculturalidade, conceitos interligados e indispensáveis quando se trabalha com sujeitos, sejam eles indivíduos ou organizações, e com fronteiras nacionais. Destacam-se as formas simbólicas de John B. Thompson (2011), as práticas identitárias de Eric Landowski (2012) e a interculturalidade proposta por Mattelart (2005) e Hall (1997). Trazem-se, assim, elementos que permitem compreender a possibilidade de identificações com distintas culturas, hoje intensificada pelas TIC e pelas facilidades de deslocamento.

Na sequência, tem-se o Capítulo 3, onde entram em cena as organizações, agentes sociais possibilitados/dinamizados pela comunicação, uma vez que através dos processos comunicacionais interagem/dialogam com o entorno. Todavia, estar em relação pressupõe disputas por capital e poder simbólicos. Por isso considera-se estratégico oferecer identificações capazes de causar as impressões esperadas da alteridade, pois que esta tenderá a perceber a organização como uma referência identitária, legitimando-a (BALDISSERA, 2007). Além disso, ao valorizar as marcas do lugar e estabelecer espaços para que a diversidade se manifeste, a organização ativa sua condição fronteiriça e promove o diálogo intercultural.

O Capítulo 4 narra, brevemente, a história da universidade brasileira (OLIVEN, A., 2002), como ela teria passado da condição de instituição para a de organização (CHAUÍ, 2014), chegando aos seus atuais desafios, nascidos principalmente de movimentos de democratização, internacionalização e de expansão, os quais vêm exigindo que desenvolva competências interculturais, administrando uma diversidade ainda nova no seio de instituições historicamente elitizadas. Na sequência, o texto traz alguns apontamentos sobre a chegada das universidades públicas em áreas periféricas como as fronteiras brasileiras, terminando por narrar o caso específico da Universidade Federal do Pampa.

Conquanto já tenham nascido com mais “cara de povo”, como afirma Ristoff (2013), as universidades posicionadas nas fronteiras brasileiras são também provocadas por essa condição de contato. A última revisão teórica, presente no Capítulo 5, tem, assim, o intuito de debater o que seria a condição fronteiriça, proposta por Dorfman (2009; 2013), citada no objetivo central desta dissertação, além de apresentar especialmente a identidade cultural fronteiriça brasileiro-uruguaia, sobretudo apropriando-se dos relatos de Müller (2003; 2007), Raddatz (2009) e Dorfman (2009). Conhecê-la, e conhecer a formação histórica das cidades-gêmeas Santana do Livramento (BR) – Rivera (UY) e Jaguarão (BR) - Rio Branco (UY), é essencial para o desenvolvimento da análise de conteúdo e para as inferências e interpretações que surgem a partir dela.

Finalmente, no Capítulo 6, explica-se os procedimentos metodológicos e distribui-se os 50 textos que compõem o *corpus* da pesquisa em duas categorias de análise. A primeira categoria é denominada “a condição fronteiriça da UNIPAMPA ativada” e subdivide-se em “explícita” e “diluída”, pois algumas vezes, embora o texto divulgue uma ação institucional voltada à realidade da fronteira, nem sempre está claro que a iniciativa se deve à localização geográfica da Universidade, que tem entre seus objetivos a inserção e o desenvolvimento regional. A segunda categoria, chamada “a condição fronteiriça da UNIPAMPA desativada”, abrange os textos nos quais, embora apareçam os termos “fronteira(s)” e/ou “fronteiriço(a)(s)”, o principal intuito não é apontar aspectos da atuação institucional naquela região. Expostos os caminhos trilhados e concluída a categorização, parte-se para as análises, cujos resultados mostram importantes movimentações da UNIPAMPA no contexto fronteiriço, atestando que ela pratica a fronteira, sobretudo de maneira intercultural, abre espaço para que a diversidade de manifeste, age em prol da integração com o Uruguai, porém, não se assume, pela dimensão da organização comunicada, como uma universidade fronteiriça, nem traz para seus discursos os principais elementos da identidade regional.

2 CULTURAS, IDENTIDADES E PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS

Tanto o conceito de cultura quanto o de identidade não são fixos. Desde que surgiram, vêm acompanhando diferentes ciclos sociais. Em algumas épocas, todavia, são debatidos com mais zelo e evidência. É o que tem ocorrido desde o final do século XX, início do século XXI, quando os processos globalizantes e os avanços tecnológicos intensificaram-se, repondo a questão das diferenças e das diversidades regionais e culturais, mudando a relação espaço-tempo e colocando em xeque a crença nas identidades fixas e estáveis.

Quando se falava em identidades nacionais, por exemplo, partia-se da premissa de que existia uma pureza cultural capaz de unificar diferentes sujeitos por pertencerem à mesma nação. Hoje, apesar de as identidades nacionais ainda serem assim representadas, a possibilidade de os sujeitos estabelecerem contatos e identificações com as mais diversas culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, principalmente, nacionais, descredibiliza a ideia de uma única e homogênea identidade. De acordo com Hall (2011, p. 13), “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. Em virtude disso é que muito se discute uma possível “crise de identidade”, vinculada ao deslocamento do indivíduo de seu lugar no mundo social e cultural, pois que é continuamente confrontado por múltiplas identificações possíveis.

O que prevalece entre os autores, todavia, é o entendimento de que é provável e pode mesmo ser positivo que os indivíduos e as organizações por eles constituídas assimilem características particulares das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias com as quais se identificam. Não se trata de ir ao encontro da fusão, da uniformização, mas de entender que somos sujeitos cujas identidades estão em permanente construção, existindo a possibilidade de, nos intercâmbios, enriquecermo-nos mutuamente: “Agora é preciso viver, na imediatidade do cotidiano, a coexistência com os modos de vida vindos de outros lugares, e cada vez mais heteróclitos”, salienta Landowski (2012, p. 4).

A partir dessas constatações, práticas identitárias são discutidas e fala-se em interculturalidade, em trabalhar democraticamente as divergências, de forma que se conviva pacífica e criativamente com identidades e contextos heterogêneos.

Segundo Hall (2011), somos obrigados a renunciar à pureza cultural e ao absolutismo étnico. Podemos manter vínculos com lugares e tradições, mas não a ilusão do retorno ao passado, de modo que nos resta a negociação com as distintas culturas. Nesse processo, todos os sujeitos envolvidos vão sendo marcados por diferentes tradições, linguagens e histórias. Delas, vão retirando seus recursos e conseqüentemente constituindo um novo tipo de identidade, em constante transição.

Cultura e identidade são, assim, inter-relacionadas e interdependentes na medida em que uma precisa da outra como fonte de significados. E, se ambas pertencem ao mundo das significações, dos sentidos, onde circulam bens e mensagens, competem também ao domínio da comunicação. Para apreender isso é preciso rever esses conceitos cambiantes.

2.1 As concepções de cultura segundo John B. Thompson

John B. Thompson realiza uma reflexão sobre o desenvolvimento do conceito de cultura, realçando quatro tipos de sentidos a ela atribuídos. Primeiramente, nos séculos XVIII e XIX, teria existido o que o autor chama de concepção clássica, quando o termo “cultura” referia-se a um processo intelectual ou espiritual, ao enobrecimento das faculdades humanas, distanciando-se do termo “civilização”. Isso sucedia em virtude de este ter adquirido uma conotação imperialista, associada com polidez e refinamento, não mais servindo para denotar como deveria ser a vida social (THOMPSON, 2011).

Eis que se desenvolve, ainda no século XIX, a Antropologia, e com ela a cientifização da cultura, bem como novos pontos de vista sobre seu significado. Dois deles seriam a concepção descritiva e a concepção simbólica. A primeira, talvez a mais difundida, relacionada, de acordo com Thompson (2011, p. 166), “a um variado conjunto de valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas características de uma sociedade específica ou de um período histórico”. A segunda, previamente esboçada por Leslie White e muito presente nos escritos de Clifford

Geertz, mais pautada pelo simbolismo, isto é, cultura como padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, incluindo ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, responsáveis pela comunicação dos indivíduos entre si e pelo compartilhamento de suas experiências, concepções e crenças (THOMPSON, 2011).

Considerando que as formas simbólicas são produzidas e interpretadas em contextos sócio-históricos particulares, Thompson (2011) propõe a concepção estrutural de cultura, onde os fenômenos culturais aparecem como “formas simbólicas em contextos estruturados”, havendo uma constituição significativa e uma contextualização social de tais formas. A partir dessa visão, a análise cultural é:

O estudo das formas simbólicas – isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos – em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas (THOMPSON, 2011, p. 181).

Analisar fenômenos culturais envolve, assim, observar os contextos, para, por meio de sua elucidação, interpretar as formas simbólicas. Essas, por sua vez, são mais bem entendidas quando Thompson (2011, p. 183) as define como “uma ampla variedade de fenômenos significativos, desde ações, gestos e rituais, até manifestações verbais, textos, programas de televisão e obras de arte”. Teriam, segundo ele, cinco principais características:

- são expressões de um sujeito para outro(s) sujeito(s), havendo um objetivo, uma intenção, ao empregá-las;
- envolvem aplicação de regras, códigos e convenções sociais, que podem não ser as mesmas para quem as produz e quem as interpreta;
- são formadas por elementos inter-relacionados; são representações de algo, dizem algo sobre alguma coisa e, ao dizer, afirmam, declaram, projetam ou retratam determinado objeto/sujeito;
- são contextualizadas, isto é, “o sentido e o valor que elas têm para aqueles que as recebem, tudo depende, em certa medida, dos contextos e instituições que as geram, medeiam e mantêm” (THOMPSON, 2011).

O aspecto conceitual das formas simbólicas é muito relevante para o trabalho ora apresentado, pois mostra que o “peso” de um discurso está imediatamente

vinculado ao seu enunciador, às palavras por ele escolhidas e aos meios técnicos utilizados. No caso dos sites, portais institucionais acessíveis a qualquer sujeito com acesso à Internet, frisa-se que é muito provável as condições de produção dos discursos que ali circulam serem substancialmente diferentes das condições de recepção destes, o que certamente interfere nos processos de valorização, avaliação e conflito aos quais todas as formas simbólicas estão expostas. Influencia, igualmente, na maneira como o sujeito enunciador será conhecido e far-se-á conhecer, isto é, nas identificações que irá oferecer e nas que efetivamente ocorrerão, sobretudo quando se entende que os textos, produzidos pelas organizações, tratam-se de formas simbólicas, a serem ou não valorizadas.

2.2 A construção da identidade e as práticas identitárias

Volta-se, pois, às identidades, mais cientes de sua interdependência com a cultura, pois que a construção social da identidade não pode ser considerada fora de um processo simbólico e discursivo tomado por relações de força, ou seja, não pode ser considerada fora do âmbito da cultura. Silva (2013) ajuda a compreender isso quando explica que diferentes sistemas simbólicos produzem diferentes significados, os quais são contestados e cambiantes. Ele complementa:

Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade (SILVA, 2013, p. 19).

É importante não conceituar identidade, segundo este autor, somente em sua dimensão simbólica, pois que os sujeitos são também estrangidos pelas relações sociais estabelecidas na família, nas instituições educacionais, no trabalho, entre outros, todos esses campos com seus próprios recursos simbólicos e seu próprio contexto material. Além disso, a comunicação globalizada nos dá acesso aos mais variados repertórios disponíveis no mundo, não mais nos permitindo acreditar que cada grupo organiza sua identidade a partir da apropriação de bens culturais de um território específico. Logo, ainda que esses sujeitos se percebam como “a mesma

pessoa”, em cada campo exercem diferentes papéis e se identificam com distintas práticas socioculturais (SILVA, 2013).

A identidade comporta, também, uma relação dialética com a diferença. Ela pressupõe um processo de identificação, pelo qual o sujeito se torna semelhante ao Outro, e um processo de diferenciação, que distancia o indivíduo dos que são distintos dele. Quando se diz “sou brasileiro”, por exemplo, pode-se entender “não sou uruguaio”. Da mesma forma, quando se afirma “ele é uruguaio”, está-se discretamente estabelecendo que o referido sujeito não é igual aos brasileiros. “A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)”, salienta Silva (2013, p. 79).

Isso não significa pensá-la somente a partir da negação do Outro, como se este fosse sempre um problema ao colocar à prova os demais sujeitos. A identidade pode adquirir um sentido positivo, que estimularia a boa vontade para com a chamada diversidade cultural e a crença no enriquecimento mútuo entre “parceiros” diferentes e autônomos (SILVA, 2013). Adotar esse ponto de vista seria ir além da simples negação do Outro, reconhecendo que ele pode tornar-se parte constitutiva de um Nós sem, com isso, desfazer-se completamente das identificações que já possui.

Os grupos, antes de qualquer coisa, deveriam perceber que são eles mesmos que criam e legitimam distâncias e desigualdades sociais, construindo estereótipos reforçados principalmente através de seus próprios discursos e ações e, muitas vezes, causando problemas de sociabilidade. Landowski (2012) se pergunta, assim, quais os movimentos a serem feitos para lidar com o dessemelhante, e, no lugar de posicionar-se cara a cara com ele, reduzindo-o a uma condição de pura exterioridade, buscar interiorizá-lo, deixando-o participar da descoberta de um “si”. Ou seja, permitindo ao Outro fazer-nos presentes a nós mesmos ao nos despertar o sentido: “Quer a encaremos no plano da vivência individual ou da consciência coletiva, a emergência do sentimento de ‘identidade’ parece passar necessariamente pela intermediação de uma ‘alteridade’ a ser construída” (LANDOWSKI, 2012, p. 4).

Na procura por respostas, o autor encontra diferentes formas de articulação da relação entre o “Nós” e seu “Outro”. A primeira delas, na qual se dá valor

universal aos próprios (“aos nossos”) usos locais, modos de viver, de agir e reagir, de sentir e de pensar, ele denomina “assimilação”. Através das práticas e dos discursos assimiladores, espera-se dos estrangeiros a rápida adoção da língua, dos costumes, das crenças, dos valores morais, sociais e estéticos do grupo dominante. O Outro é imediatamente desqualificado enquanto sujeito, sua singularidade não remetendo a nenhuma identidade estruturada ao se considerar suas atitudes e comportamentos “diferentes” simplesmente como acidentes da natureza, não possuindo sentido sequer no interior de sua (outra) cultura:

E é finalmente este desconhecimento – ingênuo ou deliberado – que fundamenta a boa consciência do Nós em sua intenção assimiladora: não só o estrangeiro tem tudo a ganhar ao se fundir de corpo e alma no grupo que o acolhe, mas, além disso, o que ele precisa perder de si mesmo para aí se dissolver como lhe recomendam não conta, estritamente falando, para nada (LANDOWSKI, 2012, p. 7).

Dessa prática identitária, cujo discurso é racional e argumentativo, de tentar “reduzir o Outro ao Mesmo”, passa-se a outra, passional, chamada “exclusão”. Esta tende à negação, ao reconhecimento de que o Outro jamais será como os demais sujeitos pertencentes ao grupo de referência, havendo urgência de repeli-lo, rejeitá-lo. Na concepção de Landowski (2012), embora assimilar e excluir pareçam atitudes extremamente opostas, ambas partem do princípio de que existe um “Nós” a ser preservado a qualquer custo. A alteridade, nos dois casos, é considerada uma ameaça, restando-lhe fundir-se completamente na massa ou ser posta de lado.

Para ascender, pois, a outras práticas identitárias, criando a possibilidade de novas relações com o Outro, faz-se necessário reconhecer que a diferença ocorre em função do ponto de vista adotado, havendo a possibilidade de o “estrangeiro” ser parte integrante de um Nós, sem perder, todavia, sua própria identidade. Essa perspectiva dá origem ao que o pesquisador chama de “segregação” e de “admissão”. Para Landowski (2012, p. 16), segregar seria “reconhecer o Outro, a despeito de sua diferença e de sua aparente estranheza, como parte integrante de si”, atitude resultante, afirma ele, da impossibilidade de assimilar e da recusa de excluir. É o caso, por exemplo, dos idosos, dos enfermos, dos marginais, quase sempre mantidos à parte, mas não completamente relegados da sociedade.

A “admissão” é, por conseguinte, a grande proposta do autor para combater a tendência em reduzir o múltiplo e o diverso ao homogêneo, ao único. Essa atitude pode conduzir a uma coexistência mais feliz, cujo princípio seria a aceitação e a aproximação entre distintas identidades. Admitir “implica primeiro um gesto de abertura, de aceitação, de curiosidade, talvez de ‘amor’ pela diferença que faz com que o Outro, justamente, seja outro” (LANDOWSKI, 2012, p. 23). No lugar de desconfiança entra, assim, atração pela alteridade, esse (re)conhecimento recíproco podendo gerar, inclusive, novas possibilidades de ação e de crescimento mútuo.

Tal atitude, contudo, para produzir resultados pontualmente distintos dos obtidos com a “assimilação”, com a “exclusão” e com a “segregação”, precisa vir acompanhada de esforços para não ceder ao desejo de um total abandono de si perante o Outro - abandono da própria identidade - nem ao desejo de posse total do Outro, liquidando exatamente com o que o torna atraente: sua diferença. Essa resistência é necessária para evitar uma progressiva uniformização cultural, de forma que se torne viável a integração sem fusão, isto é, sem que sejam abolidas todas as fronteiras que separam as identidades (LANDOWSKI, 2012).

Silva (2013) concorda com Landowski (2012) ao reconhecer que esta é uma tarefa difícil, mas que, se cumprida, pode colaborar com os processos integracionistas em voga neste século. Difícil, sobretudo, porque identidade e diferença são criações sociais e culturais, não simplesmente definidas, como também impostas e disputadas na medida em que dão acesso privilegiado aos bens sociais. Posicionar-se, pois, positivamente com relação à identidade leva a aceitar que, de fato, por ser indefinidamente construída pela interação com diferentes grupos de pertencimento, não pode ser estável, “fechada”. Cada vez que nos apropriamos de uma manifestação simbólica proveniente de outro grupo, nós a reelaboramos, recontextualizando-a. Por isso as identidades se tornam, hoje, cada vez mais cambiantes.

Voltar-se às fronteiras nacionais é uma forma de enxergar, de materializar esse debate, pois que lá, explica Canclíni (2008), realiza-se permanentemente movimentos oscilantes e até mesmo convenientes entre as identidades, provando-se que os intercâmbios culturais e identitários descartam qualquer possibilidade de identidades acabadas, completamente definidas. Essa condição fronteiriça, o fato de

estar em um lugar de permanente encontro, onde se partilha o espaço e diversos aspectos da vida cotidiana, acarreta práticas socioculturais um tanto peculiares, e brinda os que lá habitam, muitas vezes bilíngues ou até biculturais, de uma capacidade de mediação, descrita a seguir, a qual será aqui chamada de competência intercultural (NIETO; PÉREZ-CARABALLO, 2012).

2.3 Práticas socioculturais e interculturalidade

Próxima da proposta de Thompson (2011) e em consonância com a de Landowski (2012) está a definição sociosemiótica de Mattelart (2005, p. 41), para quem a cultura “abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social”. A análise seria, sobretudo, intercultural, a partir do momento em que observaria os deslocamentos de função e significados dos objetos, nas relações de poder impressas no trânsito de uma cultura para outra, identificando os que dispõem de maior força para modificar a significação dos objetos. Logo, o cultural e o social aparecem imbricados, e todas as práticas sociais, isto é, as ações, as falas, os hábitos, a linguagem, as crenças, os valores, os rituais de um grupo, possuem uma dimensão cultural. Embora nessas práticas nem tudo seja cultura, é essa dimensão que nos possibilita falar em práticas socioculturais. Na vida cotidiana, quando determinados grupos identitários se encontram, essas práticas se entrecruzam, interagem, evidentemente nem sempre de forma equilibrada e pacífica.

De acordo com Mattelart (2005, p. 45), “qualquer prática social, no trabalho e no consumo, contém uma dimensão significante que lhe dá seu sentido, que a constitui e constitui nossa interação na sociedade”. Essa dimensão é a da cultura, e a dificuldade em se falar dela provém exatamente de sua ligação com a história social.

Em Hall (1997, p.15) também se verifica que “toda ação social é cultural, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação”. O uso que se faz de um objeto, por exemplo, e o próprio significado que ele possui, não é idêntico para todos os grupos, afinal, existiria uma espécie de “fosso” entre a existência e o significado do objeto. Ou seja,

o significado não está na coisa em si, mas provém da linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas estão inseridas (HALL, 1997).

Ser intercultural, deste modo, é também se relacionar com o Outro sem usar o poder para tentar deslocar de função a significação de seus objetos, de suas práticas. É abastecer-se de distintos repertórios culturais, reelaborando interculturalmente o sentido, quando for o caso. Explica Mattelart (2005):

O intercultural está diretamente relacionado ao conjunto de processos através dos quais dois ou mais grupos representam e intuem imaginariamente o social, concebem e gerem as relações com outros, ou seja, as diferenças ordenam sua dispersão e incomensurabilidade mediante uma delimitação que flutua entre a ordem que torna possível o funcionamento da sociedade, as zonas de disputa (local e global) e os atores que a abrem para o possível (MATTELART, 2005, p. 49).

Ser cidadão em sentido intercultural, segundo este autor, seria manter “campos sociais alternativos” e, ainda assim, ser incluído, conectar-se, sem que isto atropela a diferença nem condene à desigualdade. Trata-se de conviver e interagir com a alteridade, aprendendo com ela, criando até mesmo uma identidade comum, mas sem deixar que desapareçam as particularidades. Esses movimentos permitiriam integrar sem fundir. Neste caso, a interculturalidade, “um núcleo de compreensão das práticas e da elaboração de políticas”, de acordo com Mattelart (2005, p. 69), pode agir em prol da manutenção da diferença e da dignidade de determinado grupo.

O prefixo “inter”, acrescentam Nieto e Pérez-Caraballo (2012), remete à ligação, à relação, e ainda à distinção existente entre as culturas. Nele, a ideia de contato cultural se realiza, e desta surge um modo particular de interação e de interrogação. O conjunto de mudanças e transformações daí surgidas é tratado sob o ângulo da interculturalidade.

Isso nos faz refletir sobre a responsabilidade dos agentes locais, cujas práticas podem combinar o conhecimento das culturas regionais com as demandas democráticas da sociedade nacional, de modo a desenvolverem uma competência intercultural. Esta, por sua vez, exige certa abertura para entender e aceitar outras culturas, a serem reconhecidas e consideradas tão válidas como a dos profissionais e instituições envolvidos com elas, afinal, “*la negación del Otro agrava a desigualdad*

y incrementa la fragmentación de la sociedad” (NIETO; PÉREZ-CARABALLO, 2012, p. 87).

A comunicação, responsável pelo fluxo de informações e de influências, torna-se um importante pilar da interculturalidade ao proporcionar os intercâmbios entre as diferentes culturas. Por isso os discursos, mesmo que na maioria das vezes pareçam estar apenas descrevendo uma situação, um fato, precisam ser cuidadosamente elaborados, procurando mostrar, respeitar e valorizar a diversidade: *“La competencia cultural estaría relacionada con los conocimientos, las habilidades, las destrezas y el saber hacer de una persona en contextos multiculturales”* (NIETO; PÉREZ-CARABALLO, 2012, p. 89).

As universidades são atores sociais, sujeitos discursivos também desafiados a construir suas identidades, reconhecendo e absorvendo características do entorno, enriquecendo-se nesse processo, mas sem perder suas particularidades nem esquecer suas responsabilidades sociais. Embora a comunicação não se resuma às falas planejadas, tangíveis, estas certamente influenciam as demais dimensões comunicacionais ao construírem sentidos comuns, estimulando determinados tipos de interação. Essa atribuição da comunicação e dos comunicadores é discutida na próxima etapa, quando se fala em comunicação organizacional e discursos estratégicos.

3 COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DISCURSOS ESTRATÉGICOS

3.1 Atualizações sobre comunicação organizacional

Por muito tempo, as organizações foram compreendidas simplesmente como domínios hierárquicos e a comunicação como um de seus meros elementos. Reinava um pensamento linear, através do qual o papel da comunicação organizacional limitava-se à transmissão de mensagens “claras” aos públicos de interesse. Acreditava-se que, uma vez atingidos tais objetivos, bons resultados estariam garantidos e a organização estaria “protegida” de seu ambiente. Assim, considerava-se passivo o receptor, descartava-se sua autonomia enquanto sujeito participante do processo de construção de sentidos e perdia-se a visão global de análise.

Esses paradigmas, embora ainda existentes, perdem espaço para novas propostas, mais condizentes com o contexto diverso hoje vigente. Dessa forma, a comunicação recebe cada vez mais reconhecimento e é vista a partir de perspectivas que a consideram em sua complexidade. Ela ganha importância não mais por isolar as organizações, mas por aproximá-las de seus públicos ao facilitar diálogos e demais interações com eles e ao compreender que não se trata simplesmente de um emissor enviando uma mensagem para um receptor praticamente inerte. Pelo contrário, ambos são sujeitos sociais desempenhando papéis, produzindo e interpretando sentidos simultaneamente, exercendo e sofrendo influência dos mais variados aspectos, dentre eles as relações de poder presentes naquele ambiente.

Rudimar Baldissera, ao refletir sobre a comunicação organizacional a partir do paradigma de complexidade, de Edgar Morin, afirma que, embora a tendência seja a “supervalorização dos processos planejados em detrimento de todas as demais realizações comunicacionais”, a comunicação organizacional “não se restringe ao âmbito do organizado, à fala autorizada, aos processos formais, à comunicação da e/ou na organização” (BALDISSERA, 2009a, p. 117-118). Sugere, por conseguinte, repensá-la a partir de três dimensões, as quais ele denomina organização comunicada, organização comunicante e organização falada.

Para entendê-las, o sujeito, seja uma organização ou um único indivíduo, precisa ser visto como “força em tensão de diálogo, e, portanto, também como propositor e criador do mundo” (BALDISSERA, 2008a, p. 156). Isso significa que ele participa da (re)criação da sociedade/cultura ao mesmo tempo em que é perturbado por ela, o que configura uma relação de tensão permanente entre os sujeitos em suas relações de contexto e sociabilidade. Nessa direção, ao pensar a comunicação, Baldissera (2008a, p. 158) afirma: “É na materialização do processo comunicacional que as forças se realizam e os sentidos são disputados”.

Ou seja, a incerteza está sempre presente e por isso mesmo a comunicação não pode ser reduzida ao âmbito do tangível, planejado. Na verdade, ela tem caráter constitutivo, central, por ser materializadora dos processos que fazem a organização existir: “A comunicação é o lugar de sujeitos em relação que (re)tecem o ser organizacional, muitas vezes, independentemente da vontade e dos objetivos da própria organização”. Desta forma, comunicação organizacional “é o processo de construção e disputa de sentidos no âmbito das relações organizacionais” (BALDISSERA, 2008a, p. 169).

Pela sua abrangência, faz-se imprescindível compreendê-la para além das ações intencionais, autorizadas, propostas pelos departamentos/coordenadorias de comunicação social por meio dos núcleos de relações públicas, marketing, publicidade e assessoria de imprensa. Quando a comunicação organizacional é reduzida às falas oficiais, previstas, controladas, tangíveis, elimina-se toda a dinâmica de um sistema espontâneo, permeado de incertezas, desordens, resistências e tensões. Por isso, ao pensar a comunicação a partir do âmbito das relações organizacionais, Baldissera (2009a) sugere que, à dimensão da organização comunicada, somem-se as dimensões da organização comunicante e da organização falada.

De acordo com o autor, enquanto a organização comunicada refere-se “aos processos formais e até disciplinadores da fala autorizada”; àquilo que a organização visibiliza através dos sites, dos jornais institucionais, de relises e de campanhas publicitárias, por exemplo, de forma estratégica ou não, objetivando diferentes retornos, a organização comunicante atenta “para todo processo comunicacional que se atualiza quando, de alguma forma e em algum nível,

qualquer sujeito (pessoa, público) estabelecer relação com a organização”, quer dizer, interpretar, atribuir sentido à alguma coisa relacionada a ela (BALDISSERA, 2009a, p. 118). Essa dimensão inclui, pois, processos que são da qualidade do informal/não-oficial e dos quais muitas vezes a organização sequer tem conhecimento, não podendo, portanto, planejá-los.

Já a organização falada refere-se aos processos informais e indiretos, como, por exemplo, uma conversa entre dois colegas sobre a universidade onde estudam, entre pais que falam da escola de seus filhos, entre funcionários que almoçam juntos e debatem sobre a empresa. Conquanto as dimensões da organização comunicante e da organização falada não possam ser diretamente controladas, pode-se tentar acompanhá-las, e, quando possível e necessário, até neutralizá-las através da organização comunicada (BALDISSERA, 2009a).

Importa é não simplificar e reduzir a comunicação organizacional uma vez que, enquanto subsistema também sociocultural, tensiona e é tensionada por diversos elementos-força. Entre eles estão o contexto, a cultura, o imaginário, a história, a psique, a economia, etc. Logo, somos convidados a olhar para as organizações como resultados provisórios da cultura do grupo onde estão inseridas, e, ao mesmo tempo, como capazes de influenciar a (re)elaboração da cultura e do imaginário desse grupo (BALDISSERA, 2009b). Afinal, se os sujeitos se transformam e transformam o entorno quando entram em relação, (re)tecendo constantemente a teia sociocultural, com as organizações, compostas por sujeitos complexos, não é diferente:

Afirma-se que não apenas a cultura organizacional é resultado da cultura do meio sociocultural de onde procedem as lideranças organizacionais e/ou onde a organização está inserida, mas que a própria cultura do meio passa a ser perturbada, em diferentes intensidades, pela cultura organizacional, especialmente à medida que essa organização assume visibilidade e legitimidade de modo a ser reconhecida como referência (BALDISSERA, 2009b, p. 1).

Uma vez que as inúmeras trocas simbólicas entre organizações e públicos são as responsáveis por essa influência recíproca, a comunicação começa a ser vista como grande possibilitadora de interações culturais e identitárias. Essa ampla compreensão da comunicação organizacional e sua intrínseca relação com a cultura

afeta também a maneira como as relações públicas são praticadas em diferentes contextos. De acordo com Grunig (2009, p. 20), para poder comunicar-se com seus diversos públicos, tanto local como globalmente, os profissionais de relações públicas têm sido obrigados a desenvolver competências interculturais, pois que muito tem aumentado a diversidade étnico-racial nos ambientes organizacionais. As multinacionais, por exemplo, não podem se comportar de forma homogênea em todos os países onde atuam sob o risco de se fecharem ao diálogo. E o papel dos comunicadores, entre eles o relações públicas, é de grande responsabilidade, pois agir positivamente com relação à diversidade, deixar-se “experimentar” diferentes identidades, só será possível para a organização que construa espaço para o Outro, aproxime-se dele.

Assumir a alteridade como agente desorganizador/(re)organizador da comunicação organizacional e, portanto, da própria organização, significa, primeiro, respeitá-la em sua complexidade (como sujeitos diversos – diversidade) e, por outro lado, criar, reforçar, (re)afirmar espaços para que tal diversidade se manifeste seja pela crítica, pela resistência, pela colaboração, pelo comprometimento, pela rejeição, que, de modo geral, são relações que catalisam a criatividade (BALDISSERA, 2008a, p. 171).

Ao abrir tais espaços, a organização atua como um mediador cultural, estimulando a prática da admissão das diferenças, proposta por Landowski (2012) e deixando-se enriquecer com a diversidade. Essa postura intercultural convida a observar e valorizar as marcas do lugar, elevando a autoestima dos grupos que a ele pertencem e, como resultado, aproximando-se daquele público, o que pode ser estratégico para conquistar reconhecimento e legitimação.

Ao trazer tais reflexões para as fronteiras brasileiro-uruguayas, cujas peculiaridades são apresentadas mais adiante, entende-se que as organizações lá atuantes podem e devem estimular interações, demonstrando competência intercultural ao propiciar melhor adaptação àquele entorno e incentivar o convívio pacífico.

Defende-se que tais ações trarão retornos para as organizações ao serem divulgadas, visibilizadas, ou seja, conforme os públicos estiverem bem informados a respeito delas. Por isso, a seguir, far-se-á algumas considerações sobre discursos estratégicos para a construção da “imagem-conceito” (BALDISSERA, 2008b).

3.2 Discursos estratégicos para a obtenção de legitimidade e reconhecimento organizacional

O mesmo pensamento linear, clássico, o qual por muito tempo imperou nos estudos comunicacionais, também esteve presente no cenário organizacional. Agora, no espaço das incertezas, a adoção de um pensamento estratégico torna-se questão de sobrevivência. São, então, retomadas as discussões sobre os conceitos de estratégia e os debates a respeito de “como fazer” comunicação estratégica.

Pérez (2001) propõe pensarmos a estratégia a partir de oito dimensões: como antecipação, decisão, método, posição, marco de referência, perspectiva, discurso e relação com o entorno.

A estratégia como antecipação diz respeito ao futuro, à capacidade humana de antecipar-se ao porvir, de forma a prevenir-se às mudanças do entorno, detectando problemas e oportunidades antes que estes se façam presentes; quanto à decisão, convém lembrar que ela só é estratégica no momento em que intervém na expectativa de pelo menos outro agente e quando realmente resulta em ações; enquanto método, a estratégia diz respeito aos passos a serem dados para se colocar em prática as decisões tomadas; como posição e vantagem, está relacionada a encontrar espaço na mente do público através de valor e diferença; como marco de referência, a estratégia vincula-se à mobilização coletiva, sobretudo por mensagens e discursos, de forma que os objetivos e metas sejam compartilhados por todos os envolvidos com a organização; já perspectiva e visão seria a dimensão indicadora do caminho a trilhar, possibilitando imaginar como estará a organização no futuro se no momento presente algumas medidas forem adotadas e as condutas ajustadas (PÉREZ, 2001).

A sétima dimensão proposta é a da estratégia como discurso e lógica de ação: *“Si la estrategia es capaz de enmarcar conductas es porque su discurso conlleva una lógica de la acción que no sólo compromete la conducta presente, sino también, y sobre todo, las acciones venideras que de esa lógica derivan”* (PÉREZ, 2001, p. 150). A partir deste enfoque, a estratégia abrange: o discurso interno e externo, conduzindo as histórias passadas, presentes e futuras da organização e dando coerência ao seu relato vivido; a lógica de ação, um discurso lógico, pois que

a ação desprovida de lógica afasta-se da estratégia; e um desígnio, o qual desloca aos níveis inferiores suas tarefas de execução, suas ações.

Finalmente, o autor encerra sua reflexão com a dimensão da estratégia que, junto à anterior, mais se aproxima deste trabalho: a estratégia como relação com o entorno. Ela se refere à escolha de um estilo e de uma forma de a organização se relacionar com seu contexto. Assim como os políticos mudam seus discursos de acordo com seus públicos, bem como os sujeitos escolhem o traje segundo a situação, as organizações também precisam adaptar-se ao ambiente onde atuam (PÉREZ, 2001).

Outros autores cujos escritos também colocam em pauta esse assunto, complementam: “A estratégia é contextualizada e precisa ser entendida dentro de um ambiente sociocultural específico, cujas práticas, ferramentas e conceitos são tomados de seu meio através das instituições e dos processos de socialização”, (BULGACOV E MARCHIORI, 2010, p. 149). Esses pesquisadores apresentam e discutem a estratégia como prática social, concluindo que seria um processo de construção da realidade por meio das interações sociais. A ênfase seria, portanto, nos sujeitos como atores sociais, cujos processos de interação e de comunicação fazem emergir diferentes práticas e contextos. Assim, os níveis micro – atividades e práticas – e macro – ambiente – influenciam-se reciprocamente.

Nem toda prática, contudo, é estratégica. Para sê-lo, deve interferir na sobrevivência, nas direções e nos resultados da organização. Além disso, há discursos a serem associados a essas práticas. Esses discursos utilizam linguagem, recursos cognitivos e simbólicos, e, em sua maioria, provêm de textos escritos, de instrumentos formais, os quais, para serem estratégicos, precisam ser cuidadosamente planejados, estando em consonância com as demais atividades.

Cientes de que construímos significados comuns por meio da linguagem, pode-se entender a comunicação como elemento fundamental para a existência da estratégia. Sob essa perspectiva, adotada por Reis (et al., 2010, p. 172), “as estratégias são percebidas como resultantes de dinâmicas de produção de sentido decorrentes das interações cotidianas”. Desta forma, além de colaborarem para que a organização alcance os posicionamentos desejados, “podem ser inspiradoras e projetoras de construções identitárias simbólicas que dão visibilidade a

características através das quais a organização gostaria de ser reconhecida” (REIS et al., 2010, p. 172).

Essas negociações de sentido realizadas pelas organizações são processos comunicativos. Baldissera (2009b, p. 12) vem ao encontro dessas colocações quando destaca que as tensões entre as culturas da organização e as da comunidade atualizam relações de força. Logo, afirma ele, “à medida que a organização consegue comunicar-se e instituir-se como referência, tende a neutralizar e, mesmo, inverter o fluxo inquisitório (perturbador)”. Trata-se de acumular/construir capital simbólico, de modo a projetar-se sobre o entorno sociocultural, “sendo provável que suas ações sejam menos questionadas do que seriam caso não detivesse tal legitimidade, capital simbólico e imagem-conceito positiva” (BALDISSERA, 2009b, p. 12).

Segundo Bourdieu (2012, p. 7) “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Para o autor, “o poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder” (BOURDIEU, 2012, p. 15). Já a “imagem-conceito”, proposta por Rudimar Baldissera, seria um

construto simbólico, complexo e sintetizante, de caráter judicativo/caracterizante e provisório, realizada pela alteridade (recepção) mediante permanentes tensões dialógicas, dialéticas e recursivas, intra e entre uma diversidade de elementos-força, tais como as informações e as percepções sobre a identidade (algo/alguém), a capacidade de compreensão, a cultura, o imaginário, a psique, a história e o contexto estruturado” (BALDISSERA, 2008b, p.198).

Conclui-se, por conseguinte, que, quanto maior o reconhecimento obtido pela organização, maior sua tendência a exercer poder simbólico sobre seu entorno. Por isso afirma-se ser estratégica essa aproximação com as identidades regionais, pois ao reconhecer determinada organização como um agente local, sabendo que seu impacto é positivo, o público sente-se estimulado a copiar seus valores e comportamentos. Tal perspectiva tende a intensificar-se quando a legitimidade organizacional não é somente uma construção discursiva, mas é realmente geradora

de renda, de empregos, de desenvolvimento humano, de sustentabilidade e de responsabilidade social (BALDISSERA, 2009b).

Essa mudança da lógica econômica para a lógica social é um dos grandes desafios das organizações. Em virtude disso, elas precisam incluir, em seus objetivos estratégicos, contribuições para a manutenção do sistema social, o que exige profundo respeito pelas culturas e as identidades regionais, a ser demonstrado com ações e discursos. Os textos – formas simbólicas – a serem analisados neste trabalho fazem parte de um conjunto de dizeres de si que compõem os discursos organizacionais.

Partindo-se dessas reflexões - principalmente no tocante à capacidade estratégica de as organizações darem visibilidade a aspectos específicos de suas identidades através da organização comunicada, e com isso obterem simpatia e reconhecimento, de modo a exercerem-se simbolicamente sobre o entorno sociocultural - as organizações são enxergadas como construções discursivas, a partir de três orientações:

Alguns pesquisadores veem as organizações como objetos ou entidades já formados, com características e resultados refletidos no discurso. Outros estudiosos veem as organizações como em permanente estado de constituição, através dos modos como as propriedades do discurso e os padrões de interação dão forma ao *organizing*; é a visão da organização como *becoming*; como em permanente estado de constituição. E outros, ainda, veem as organizações como fundadas, alicerçadas na ação; ancoradas em práticas sociais e formações discursivas (FAIRHURST E PUTNAM, 2010, p. 109).

A proposta desses autores é o reconhecimento simultâneo de ambas as orientações citadas, mostrando que elas dialogam. Essa ideia acompanha a noção de que os discursos refletem características das organizações, porém, permitem a elas se transformem ao interagir com o contexto sociocultural onde estão. Ao mesmo tempo, também servem de apoio para o cumprimento de sua missão e para a obtenção de legitimidade.

Assim como os demais sujeitos, as organizações selecionam e apresentam aspectos de suas identidades de acordo com o contexto interativo e com os objetivos propostos: “A edição do si em representações e o seu oferecimento na cadeia de comunicação, atenta, por um lado, para a neutralização (suspensão) de

tudo o que, de algum modo, puder desqualificar o sujeito identitário”. Por outro lado, atenta “para a projeção daquilo de si que acredita causar as impressões desejadas na alteridade/audiência” (BALDISSERA E SILVA, 2011, p. 168).

Os discursos permitem, desta forma, que as organizações se façam reconhecer como legítimas aos instituírem-se e reafirmarem-se permanentemente. Eles ajudarão a construir a identidade organizacional e a fazer com que os diferentes níveis da organização se comportem de forma coerente com ela, consciente ou inconscientemente.

Na produção de discursos, realizada pelas organizações – organização comunicada – está em jogo a “realização de escolhas feitas e tornadas visíveis para que o resultado final do enunciado tenha determinada significação” (BALDISSERA E SILVA, 2011, p. 174). O tornar visível é o fazer do discurso, em que o texto é sua representação material, sua forma empírica.

Ademais, ele é orientado, construído com uma finalidade, devendo dirigir-se para algum lugar; é uma forma de ação, de agir sobre o outro, modificando-o e/ou modificando uma situação; é interativo, pressupondo sempre outra instância de enunciação à qual se dirige o enunciador e com relação à qual constrói seu próprio discurso; é contextualizado, de forma que o mesmo enunciado em dois lugares distintos pode ter duas interpretações completamente diferentes; é assumido por um sujeito, alguém responsável pelo que está dizendo, fiador de sua veracidade; é regido por normas, como todo comportamento; e finalmente, é considerado no bojo de um interdiscurso, adquirindo sentido no interior de um universo de outros discursos (MAINGUENEAU, 2013).

A noção de *ethos*, também muito relevante, está ligada à personalidade do enunciador, compreendendo “não só a dimensão propriamente vocal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas ligadas pelas representações coletivas à personagem do enunciador”, explica Maingueneau (2013, p. 108). A este sujeito fiador são atribuídos um caráter – gama de traços psicológicos - e uma corporalidade – compleição corporal, maneira de se vestir e de se movimentar no espaço social. O próprio enunciado do fiador irá legitimar sua maneira de dizer, sua identidade.

Concluindo, retoma-se Silva (2013), cujas colocações conduziram anteriormente os debates sobre identidade, porque ele também alerta para a imprescindibilidade de os discursos recrutarem os sujeitos, isto é, assumi-los como são, as identidades construindo-se, destarte, no interior de práticas discursivas.

Ao trazer essas ponderações para as organizações enquanto enunciadoras, considera-se que o que dizem de si, e a maneira como o fazem, deve estar de acordo com as percepções almejadas, sempre avaliando o ponto de vista da alteridade, afinal, somente à medida que interage e dialoga é que um sujeito reconhece sua própria identidade. Cabe lembrar que, apesar de os discursos oficiais serem, em sua maioria, produzidos por comunicadores, sobretudo sob gerenciamento do setor de relações públicas, a instância apresentada e reconhecida como responsável é a organização como um todo.

O caso da UNIPAMPA não é diferente. A instituição é também cobrada e avaliada pelo que diz de si. Esses dizeres e seus respectivos resultados não só refletem como ajudam a construir a identidade e a “imagem-conceito” da organização. Podem ser estratégicos à medida que tenham potencial para aproximar a universidade de seu entorno, posicionando-a como um sujeito fronteiro. Legitimando-se, a instituição passa a ser uma referência local, com credibilidade para mobilizar sentidos não apenas em benefício próprio, mas em prol do habitante da fronteira e das representações que este faz de si, da sua identidade, da sua condição fronteira.

É preciso considerar, ainda, que as IFES representam um tipo singular de organização. Por isso, a seguir, falar-se-á especificamente sobre elas. Conhecer um pouco da história das universidades brasileiras permitirá mais clareza sobre a importância de seu atual processo de expansão e de democratização, bem como de sua chegada às fronteiras brasileiras, movimentos que só intensificam a necessidade de se tornarem mediadoras culturais e comportarem-se positivamente com relação à diversidade.

4 UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA E SEUS ATUAIS DESAFIOS

4.1 Breve resgate histórico sobre a universidade no Brasil

Quando surgidas no Brasil, já independente, por volta de 1920-30, as universidades eram um privilégio de poucos e estavam ligadas à ideia de alta cultura. No geral, eram ainda restritas a poucos domínios do conhecimento, tais como Medicina, Direito, Engenharia, Agronomia e Conservatórios de Música. Mesmo com a criação, por Getúlio Vargas, do então denominado Ministério da Educação e Saúde, a pesquisa científica não era institucionalizada e não se pensava a universidade a serviço da comunidade. Ela produzia “muito mais para suas próprias finalidades e para a realização de seus membros do que para a sociedade como um todo” (ROMÃO E LOSS, 2014, p. 141).

A Universidade do Distrito Federal, fundada em 1935 e extinta por decreto presidencial apenas quatro anos mais tarde, foi a primeira a estimular as atividades científicas. Depois, destaca-se o caso da Universidade de São Paulo, que atingiu um alto padrão acadêmico-científico, tornando-se importante centro de pesquisa do Brasil (OLIVEN, A., 2002).

No período seguinte (1945/1964), também a partir de faculdades já existentes, surgiram diversas universidades, muitas delas federalizadas. “Cada unidade da federação passou a contar, em suas respectivas capitais, com uma universidade pública federal”, explica Oliven, A. (2002, p. 31). A autora salienta que, ainda nesta época, em 1961, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, que mantinha preocupação maior com o ensino, deixando mais uma vez a pesquisa em segundo plano e mobilizando professores e pesquisadores, muitos com pós-graduação no exterior, a defenderem uma modernização institucional (OLIVEN, A., 2002).

Com o Golpe de 1964, acirrou-se o controle do Estado sobre as universidades, e as reformas ocorridas no período militar visaram especialmente o exercício de pressão e controle sobre estudantes e professores. Ocorreram, todavia, alterações importantes como as do exame vestibular, que deixava de ser

eliminatório para se tornar classificatório, e as das atividades de ensino, pesquisa e extensão, as quais se tornavam indissociáveis. Assim, passavam a ser valorizadas a titulação e a produção científica dos professores, o que favorecia, finalmente, o desenvolvimento da pós-graduação e da pesquisa no Brasil. A alta demanda por vagas no ensino superior incentivou igualmente a expansão do setor privado, de forma que diversas faculdades isoladas chegaram às cidades de porte médio do interior do país. O governo militar via com bons olhos essa pulverização das faculdades privadas por dificultarem a mobilização estudantil (OLIVEN, A., 2002).

A universidade dos anos 70 seria, diz Chauí (2014, p. 4), “o prêmio de consolação que a ditadura ofereceu à sua base de sustentação político-ideológica, isto é, à classe média despojada de poder”. Isso se deve à promessa de prestígio e ascensão social com a obtenção do diploma universitário, o que resultou na adaptação de currículos às urgências do mercado, bem como na abertura de novos cursos superiores e na vinculação do Ministério da Educação ao Ministério do Planejamento.

A abertura política, já nos anos 1980, trouxe mais mudanças. Em 1988, a Constituição Federal, afora ter estabelecido percentual mínimo de 18% da receita anual para o ensino, permitiu renovados debates sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Aprovada em 1996, introduziu os processos avaliatórios dos cursos de graduação e das respectivas instituições de ensino superior. Ademais, de acordo com essa Lei, o título de “universidade” estava condicionado a ter “um terço do quadro docente com titulação de mestre ou doutor e um terço contratado em tempo integral” (OLIVEN, A., 2002, p. 37). Tais condições acarretaram a institucionalização da pesquisa e moldaram as universidades brasileiras, deixando-as mais próximas do formato conhecido hoje (OLIVEN, A., 2002).

Mas essa universidade dos anos 80 também incentivou a expansão das escolas particulares e as parcerias com empresas privadas, cujo foco era a garantia de estágios e empregos, bem como o financiamento de pesquisas das quais o mercado carecia. Assim, a apresentação de resultados imediatos ficava facilitada. Por essa razão, era a “universidade de resultados” (CHAUÍ, 2014). E, mesmo depois de tantas reformas, alguns autores consideram que ainda se mantinha o projeto de

uma universidade elitista. Como afirmam Romão e Loss (2014), a instituição universitária comprometia-se cada vez mais com a “sombra do poder”.

Esses movimentos citados, segundo Marilena Chauí, colaboraram para chegarmos à “universidade operacional” de nossos dias, aquela que se equipara a uma organização:

Regida por contrato de gestão, avaliada por índices de produtividade, calculada para ser flexível, a universidade operacional está estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional e, portanto, pela particularidade e instabilidade dos meios e objetivos (CHAUÍ, 2014, p. 5).

Para a autora, exemplos destas mudanças são a diminuição do tempo para mestrados e doutorados, a avaliação pelo número de publicações e de participações em eventos, além do excessivo preenchimento de relatórios. A docência, então, resume-se na transmissão rápida e prática de conhecimentos para quem vai ao mercado de trabalho ou como treino para novos pesquisadores, os quais irão dar prosseguimento aos afazeres específicos de um professor. A pesquisa também fica prejudicada à medida que há menos tempo para o enfrentamento, para a reflexão crítica, para se pensar, investigar e, finalmente, dizer o que ainda não foi dito (CHAUÍ, 2014).

Chauí (2014) explica muito bem esse direcionamento da universidade para o mercado. Segunda ela, o capitalismo tende a converter tudo em mercadoria, produzindo um sistema de equivalências. Por causa disso, começa-se a acreditar que todas as manifestações sociais são regidas pelas mesmas regras e podem ser administradas da mesma maneira. Esse movimento transforma uma instituição social, como a universidade, em uma organização⁴. Dessa forma, ela passa a ser regida por ideias de gestão, imaginando já saber por que, para que e onde existe, e deixando de questionar seu papel social (CHAUÍ, 2014).

Santos (2013) acrescenta que, a partir dos anos 1960, surgiram apelos para que, afora a vertente economicista e produtivista, a universidade adotasse a

⁴ Note-se que a área da Comunicação Organizacional, na qual se enquadra esta pesquisa, abrange tanto o estudo das organizações quanto o das instituições sociais. Portanto, o termo organizacional, ao definir a área, possui amplitude maior do que o sentido aqui atribuído por Chauí, utilizado para definir a vocação mercadológica de um ente, que, neste caso, é a Universidade.

vertende social e política. Tratava-se de convocá-la a assumir sua responsabilidade social, uma vez que era raro o cuidado em mobilizar os conhecimentos adquiridos em prol de soluções para os problemas da sociedade e em colocar a autonomia institucional e a tradição de espírito crítico a ofício dos grupos dominados e de seus interesses. Ao mesmo tempo, relata o autor, essa redução da responsabilidade social à sua cooperação com a indústria não impediu uma concepção mais ampla de permanecer no imaginário simbólico dos universitários e das instituições, reforçando-se em períodos de transição e de aprofundamento democrático.

A universidade será democrática se souber usar o seu saber hegemônico para recuperar e possibilitar o desenvolvimento de saberes não hegemônicos, gerados nas práticas das classes sociais oprimidas e dos grupos ou estratos socialmente discriminados (SANTOS, 2013, p. 425).

Essas questões se fizeram presentes na última Conferência Mundial sobre Ensino Superior, organizada em 2009 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2009), em Paris, quando as instituições foram chamadas a ocupar seus postos de líderes na construção de uma nova sociedade, colocando-se a serviço de todos e não apenas de grupos privilegiados.

A liderança universitária, explica Ristoff (2013, p. 519), envolve a “geração de conhecimentos para abordar os grandes desafios mundiais que se impõem”. Entre eles o diálogo intercultural, a construção da paz e a promoção da equidade e da justiça social. Ou seja, invoca-se a responsabilidade social da universidade perante os problemas do mundo contemporâneo, responsabilidade esta que extrapola o seu papel no acréscimo de produtividade industrial global, para finalmente atingir a valorização social e cultural da comunidade envolvente, devendo, tanto o ensino quanto a pesquisa, refletir a dimensão regional, nacional e internacional, conectando-se o conhecimento aos problemas locais sem esquecer as questões globais (RISTOFF, 2013).

No Brasil, embora ainda seja vigente e talvez até predominante a orientação mercadológica do sistema universitário, desde o início dos anos 2000 surgiram algumas mudanças, as quais nos levam a crer que vem sendo gradativamente repensado o papel social das instituições de ensino superior. Ainda nos anos 1990, período em que houve decréscimo do investimento nas universidades públicas

brasileiras e elas ficaram bastante “sucateadas”, os debates se tornaram mais acalorados, adquirindo força os discursos que pregavam a reforma universitária. Esses esforços resultaram, por exemplo, na retomada dos concursos públicos para docentes e para técnicos-administrativos, os mesmos voltando a acontecer após muitos anos (FLECK, 2013).

Esses movimentos alavancaram outros, atuais, os quais apontam para a democratização e a internacionalização do ensino superior e para o enfrentamento das dificuldades provenientes desse processo.

Partindo do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) foi instituído em 2007 pelo Governo Federal com o intuito de ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Com recursos do Programa, foram criadas 14 novas universidades federais e mais de 100 novos *campi* no interior do Brasil, expandidas as vagas e os recursos físicos e humanos nas instituições já existentes, adotado o Sistema de Seleção Unificada (SiSU/MEC), bem como lançados novos cursos e estimulada a mobilidade acadêmica nacional e internacional. Igualmente, a Lei nº 12.711/2012 (BRASIL, 2012), conhecida como Lei de Cotas, garantiu 50% das matrículas por curso e turno para alunos oriundos integralmente do ensino médio público. Essas ações, muitas delas ainda em implantação, vêm acompanhadas de novos desafios e debates. Vejamos alguns deles.

4.2 Desafios das universidades no século XXI

O acesso, por si só, não garante a integração e a permanência desta população historicamente excluída do nível universitário, e, posteriormente, sua aceitação em iguais condições no mercado de trabalho. Discutem-se, assim, as políticas de ações afirmativas a serem adotadas (SANTOS, 2013). Logo, democratizar de fato a universidade envolve uma mobilização coletiva em prol da diversidade cultural e da igualdade de oportunidades, além de uma aproximação institucional com a comunidade envolvente. Caso contrário, como aponta Santos (2013), a dicotomia entre alta cultura e cultura de massas apenas se deslocará para o seio das universidades, havendo em seu interior um sistema de hierarquização.

Existe, pois, necessidade de as universidades também desenvolverem uma competência intercultural, aprendendo a lidar positivamente com os diversos públicos que possuem, respeitando e valorizando a diferença como forma de enriquecimento mútuo, principalmente neste momento em que enfrentam mais um desafio: a internacionalização.

Através de acordos de cooperação, projetos de cotutela de doutorado, produção de artigos e livros acadêmicos a serem publicados em outros países, parcerias com multinacionais, participação em eventos e pesquisas internacionais, bem como formação de redes tais quais a Asociación de Universidades de América Latina y el Caribe para la Integración (AUALCPI), o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB) e a Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), as instituições, públicas e privadas, incentivam a mobilidade acadêmica e os intercâmbios, tanto no âmbito discente quanto no docente. Trata-se, inclusive, de divulgar a produção intelectual para o próprio país e para o resto do mundo e, simultaneamente, de aprender com as práticas acadêmicas e culturais do Outro.

Para incentivar a internacionalização, o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCTI), através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), lançaram, em 2011, o Programa Ciência Sem Fronteiras (CsF). O principal objetivo deste é consolidar, expandir e internacionalizar a ciência e a tecnologia brasileira, incentivando alunos de graduação e pós-graduação a realizarem estágios no exterior e a conviverem e aprenderem com sistemas educacionais competitivos em relação à tecnologia e à inovação. Para isso, foram firmados acordos com universidades de 30 países e previstas 101 mil bolsas a serem distribuídas até o final deste ano de 2015 (CSF, 2015).

O Brasil, embora modestamente, também participa de um dos mais conhecidos e pioneiros programas de mobilidade estudantil, o Erasmus. Criado e financiado pela União Europeia (UE) há mais de vinte anos, oferece bolsas de mestrado, doutorado e graduação, com o intuito de obter a excelência dos países

européus na educação superior e na pesquisa, além do reforço de laços com países de todos os continentes.

Pode-se citar ainda o Brasil France Ingénieurs Technologie (CAPES/BRAFITEC), que prevê projetos de parceria universitária em todas as áreas da Engenharia, visando fomentar o intercâmbio Brasil-França e estimular a aproximação das estruturas curriculares dos respectivos cursos (BRAHITEC, 2015); o Santander Universidades, cujo objetivo é desenvolver iniciativas voltadas à educação superior, entre elas o intercâmbio cultural (SANTANDER UNIVERSIDADES, 2015); e o Esquema de Mobilidade Universitária da América Latina e do Caribe – EMUAL, promovido pela AUALCPI para que estudantes de graduação e pós-graduação possam realizar intercâmbios em outras universidades desta rede. Também voltado para os latino-americanos, existe o Programa Internacional Estudantil Brasil-Colômbia (BRACOL), gerenciado pelo GCUB.

Com similar objetivo, encontram-se diversos outros acordos e programas, os quais, embora sofram as mais variadas críticas, demonstram o crescente interesse mundial na internacionalização do ensino superior. No caso brasileiro, tal empenho deve-se à necessidade de reverter as baixas classificações de nossas universidades nos rankings nacionais e internacionais; à exigência, no mercado de trabalho, de profissionais qualificados e bilíngues; à política de inserção do país no cenário globalizado; e, sem dúvida, à política de aproximação imprescindível à formação de blocos econômicos.

A cooperação internacional, todavia, também acompanha o movimento proposto por Santos (2013) neste século XXI, convidando a uma concepção mais ampla sobre a responsabilidade social das universidades. O relatório da última Conferência Mundial sobre Ensino Superior diz que a internacionalização “deve ser baseada na solidariedade e no respeito mútuo, além de na promoção de valores humanísticos e diálogo intercultural” (UNESCO, 2009, p. 4). Ou seja, também deve ter como estímulo a responsabilidade social, pois é uma das formas de difusão de uma cultura da paz e de auxílio ao entendimento mútuo, além de ser uma técnica para diversificar a pesquisa e o conhecimento em escala global e regional.

O caso do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) evidencia essa necessidade de diálogo intercultural. Inicialmente, o acordo previa o fortalecimento

das economias latino-americanas, todavia, percebeu-se que somente a integração econômica não conseguiria sustentar a formação de blocos geopoliticamente reunidos. Era urgente a criação de um espaço comum onde circulassem serviços e capitais educacionais. Surgiu, pois, o Setor Educacional do MERCOSUL (SEM), o qual almeja discussão e implementação de uma agenda para a integração regional a qual contemple os níveis econômico, social, científico-tecnológico e cultural da região. Nesse ínterim, valoriza-se a universidade como campo de mediação cultural, capaz de promover as línguas oficiais do MERCOSUL – português, espanhol e guarani – e encontrar soluções para garantir os intercâmbios, procurando reconhecer e destacar a história e as práticas socioculturais regionais, bem como fomentar discursos integracionistas.

Esse compromisso parece ainda mais saliente em instituições como a Universidade da Integração Latino-Americana (UNILA), a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Todas foram recentemente criadas e já nasceram vinculadas às fronteiras, nacionais e culturais. Conquanto sejam também fruto de recursos do REUNI, e, portanto, tenham surgido para ampliar o acesso ao ensino superior, não estão casualmente localizadas na Faixa de Fronteira. Estudos liderados pela professora Lia Osório Machado, quando da Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PDFF), cujos resultados foram apresentados em 2005, demonstraram a necessidade de investimentos nessa região tão estratégica para a integração latino-americana.

A demanda por tais estudos surgiu, entre outros fatores, do pouco conhecimento dos centros decisórios sobre as especificidades econômicas, sociais e culturais dos municípios de fronteira, os quais diferem bastante entre Norte e Sul do Brasil; da percepção de que a promoção da cidadania e do desenvolvimento era uma das formas de controlar as atividades ilícitas associadas a essas regiões; e da visão de que os projetos integracionistas fortalecidos pelo MERCOSUL têm os povos fronteiriços como importantes aliados (BRASIL, 2005).

O PDFF tem, assim, o intuito de promover o desenvolvimento regional por meio da estruturação física, social e produtiva dessa região, ativando as potencialidades locais de forma articulada com os demais países da América do Sul.

Visa, ainda, a implantar iniciativas que respeitem a diversidade local, promovam a integração e mudem a mentalidade no tocante às fronteiras, por longo período entendidas como uma agenda negativa (BRASIL, 2005).

Essas universidades não são, por conseguinte, fundadas a esmo na Faixa de Fronteira. Elas chegaram lá porque existiam pendências locais e estratégicas, vinculadas a um cenário de baixa qualificação dos trabalhadores, pouco dinamismo econômico, carência de empregos, falta de empreendedorismo dos agentes locais, vulnerabilidade das populações ao desacato à cidadania e aos direitos humanos, incompreensão e desrespeito à multiplicidade étnica e cultural, carência de informação e de pesquisas, currículos escolares e professores não adaptados às particularidades das zonas de fronteira (BRASIL, 2005).

A partir de tal diagnóstico, ficou evidente que o desenvolvimento regional deveria tornar-se prioridade para a soberania brasileira e a integração entre os países da América Latina. Na agenda no PDFF, dentre as atividades propostas, destacam-se algumas envolvendo as universidades enquanto atores sociais, dentre elas: a criação e o fortalecimento de centros de pesquisa com foco no desenvolvimento das especializações produtivas regionais; a ampliação de programas de qualificação profissional de forma a contemplarem a Faixa de Fronteira; e a mobilização do ensino, da pesquisa e da assistência técnica para elaborar e difundir tecnologias agregadoras de valor à produção subregional (BRASIL, 2005).

Percebe-se, a partir dessas observações, a localização e a criação estratégica dessas universidades dispostas em áreas de contato e interação entre povos, trazendo em seus próprios nomes a “integração latino-americana” (UNILA), a “fronteira” (UFFS) e o “pampa” (UNIPAMPA). Para darem retornos, contudo, em termos de desenvolvimento regional, assumindo sua condição fronteiriça e participando de fato do fortalecimento da integração, não basta intitular-se como “do lugar”. Essas (ainda) jovens instituições são convidadas a desenvolver habilidades interculturais e uma postura que preveja a admissão do Outro e o fomento da cidadania fronteiriça. As políticas institucionais (assim como as políticas públicas) precisam também atender as especificidades regionais, entre elas a convivência com o país vizinho, sobretudo quando a própria universidade diz ter vindo para o

desenvolvimento regional, como a UNIPAMPA, e quando, também ela, assume-se como uma instituição social que reconhece, em tudo que realiza, os seus compromissos éticos (UNIPAMPA, 2009).

4.3 Universidade Federal do Pampa

Criada pela Lei nº 11.640, de 11 de janeiro de 2008, a Universidade Federal do Pampa, de natureza pública federal, tem sede e foro na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul, mas inserção regional na Mesorregião da Metade Sul⁵ do Rio Grande do Sul, possibilitada pela atuação *multicampi*, pois também possui unidades administrativas e acadêmicas nas cidades gaúchas, todas na Faixa de Fronteira, de Alegrete, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Itaqui, Jaguarão, Santana do Livramento, São Borja, São Gabriel e Uruguaiana. Conforme consta no Artigo 2º da referida Lei, os objetivos institucionais são o ensino superior, a pesquisa nas diferentes áreas e a extensão universitária.

O Projeto Institucional da Universidade Federal do Pampa (2009) afirma:

A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA é resultado da reivindicação da comunidade da região, que encontrou guarida na política de expansão e renovação das instituições federais de educação superior, que vem sendo promovida pelo governo federal. Veio marcada pela responsabilidade de contribuir com a região em que se edifica – um extenso território, com críticos problemas de desenvolvimento sócio-econômico, inclusive de acesso à educação básica e à educação superior - a “metade sul” do Rio Grande do Sul. Veio ainda para contribuir com a integração e o desenvolvimento da região de fronteira do Brasil com o Uruguai e a Argentina (UNIPAMPA, 2009, p. 3).

Segundo o referido projeto, a UNIPAMPA é fruto da demanda de dirigentes municipais, junto ao Ministério da Educação (MEC), os quais viam a necessidade de ofertar ensino superior gratuito e de qualidade naquela região, pleito atendido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 27 de junho de 2005. Na ocasião, o MEC, a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) assinaram um Acordo de Cooperação Técnica, cujo objetivo era delegar,

⁵ De acordo com o Ministério da Integração, a Mesorregião Sul do Rio Grande do Sul abrange um território de aproximadamente 150.000 km² onde estão 104 municípios fronteiriços com o Uruguai e a Argentina (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO, 2015).

para cada uma dessas IFES, a implantação de cinco *campi* no interior do Rio Grande do Sul. Conforme tratado, em setembro e outubro de 2006, as atividades acadêmicas tiveram início, bem como a execução de projetos para a estruturação física dos prédios (UNIPAMPA, 2009).

Nesse período de 2006-2007 tramitava o Projeto de Lei que propunha a criação da UNIPAMPA, dando também origem a uma Comissão de Implantação, a qual trabalhou em conjunto no Projeto de Desenvolvimento Institucional ora citado. Quando criada oficialmente a Instituição, em 2008, já havia a estrutura mínima para o seu funcionamento, sendo gradativamente desligada de suas tutoras. No mesmo ano, três eventos foram organizados pela nova Reitoria, visando construir o perfil do egresso, a identidade institucional e o perfil docente. Este último, definiu-se, deveria estar “comprometido com a integração do ensino, da pesquisa e da extensão, inserido na região do pampa, em sua diversidade cultural, atuando como potencializador das relações sócio-econômicas e do desenvolvimento sustentável” (UNIPAMPA, 2009, p. 5).

Essas primeiras movimentações também deram origem ao Estatuto da UNIPAMPA, a novos cursos e concursos, à eleição dos diretores dos *campi*, ao aumento da oferta de vagas nos cursos de graduação, entre outros. Esses cursos, segundo o Projeto Institucional (UNIPAMPA, 2009), bem como as atividades de extensão e assistência, devem fortalecer as potencialidades e ajudar na superação das dificuldades, processo importante para a inserção regional da UNIPAMPA, cuja gestão se propõe a aproximar-se dos atores locais e regionais, constituindo espaços de permanente diálogo em prol do desenvolvimento regional (UNIPAMPA, 2009, p. 8).

Ao mesmo tempo, olhar a Universidade, a partir das comunidades nas quais ela está inserida, pressupõe que os sujeitos implicados nas suas ações a percebam como parte integrante da vida social, comprometendo-a, por conseguinte, com o desenvolvimento regional sustentável. A UNIPAMPA, por ser uma universidade pública, garante a abertura aos mais amplos setores da vida social, assumindo pautar suas ações de forma democrática, em favor de uma sociedade justa e solidária. A Universidade coloca-se como espaço de diálogo com as diferenças, respeita as especificidades das diversas áreas do conhecimento, ao mesmo tempo em que acredita na possibilidade de inter-relações, colocando o conhecimento a serviço do conjunto da sociedade (UNIPAMPA, 2009, p. 8-9).

De acordo com seu Estatuto, alterado em 2011, trata-se de “bem público que se constitui como lugar de exercício da consciência crítica, no qual a coletividade possa repensar suas formas de vida e sua organização política, social e econômica” (UNIPAMPA, 2011a, p. 1). Neste documento são também estabelecidos seus princípios, entre eles “formação e produção do conhecimento orientadas pelo compromisso com o desenvolvimento regional e a construção de uma sociedade justa e democrática”. Paralelamente ao ensino superior que visa formação de excelência em distintos campos do saber, pesquisa e atividades de extensão, propõe-se, além de diversas outras atividades, a realizar estudos da problemática social, econômica e ambiental da região, do país e do planeta, bem como a valorizar a solidariedade, a cooperação, a diversidade e a paz entre indivíduos, grupos sociais e nações (UNIPAMPA, 2011, p. 2).

O texto “Universidade” (UNIPAMPA, 2013d), disponível no portal institucional, apresenta a UNIPAMPA como parte do programa de expansão das universidades federais brasileiras, o qual prevê a ampliação do ensino superior na metade sul do Rio Grande do Sul. Afirma, ainda, que ela foi criada para minimizar o processo de estagnação econômica dessa região ao viabilizar o desenvolvimento regional através da mão de obra qualificada e do aumento da autoestima de seus habitantes. A intenção é estimular a permanência dos jovens em seus locais de origem, de forma que impulsionem o progresso, desenvolvendo sociedades cultural e economicamente independentes. O Mapa 1, apresentado a seguir, acompanha o referido texto, ilustrando a distribuição dos *campi* UNIPAMPA no interior do Rio Grande do Sul. Interessante observarmos que o Uruguai e a Argentina não são mostrados.

Mapa 1 - Distribuição dos campi da UNIPAMPA no Rio Grande do Sul



Fonte: Universidade Federal do Pampa (2013d).

A Figura 1, a seguir, apresenta a assinatura visual da UNIPAMPA, elaborada em 2008 por Joaquim da Fonseca. De acordo com o autor, trata-se da representação do espaço (céu, luz, clareza, amplitude, horizontes infinitos); do verde (esperança, segurança, fartura, natureza, etc.); da árvore (três copas, representando ensino, pesquisa e extensão; vida, crescimento, frutificação, perene renovação e acolhimento); do nome (integração, coesão, igualdade, unificação, oportunidades iguais); da coxilha (o Pampa, o campo, a natureza, a fluidez do conhecimento, a identidade regional); e da instituição (base, fundamento, apoio, confiabilidade) (FONSECA apud UNIPAMPA, 2013c).

Figura 1 - Assinatura visual da UNIPAMPA



Fonte: Universidade Federal do Pampa (2013c).

Estas informações sobre a Figura 1 foram retiradas do Manual de Identidade Visual (UNIPAMPA, 2013c), disponível na página de apresentação institucional, logo abaixo do Mapa 1, recentemente mostrado. É difícil, todavia, para um observador leigo, o qual não acesse e leia o referido Manual, perceber quais as representações sugeridas por Joaquim da Fonseca. Difícil, sobretudo, porque o texto “Universidade” (UNIPAMPA, 2013d) não se refere às características do Pampa buscadas e citadas pelo autor da assinatura visual.

Em artigo publicado em 2013, a professora desta IFES em Santana do Livramento, Carolina Fleck, expôs os resultados de uma pesquisa cujo objetivo era identificar, a partir de elementos da estética organizacional, ações que explicassem a inserção da UNIPAMPA em um contexto de economia deprimida, região de cujo desenvolvimento a instituição se propunha a participar. Segundo Fleck (2013, p. 32), “trata-se de um objetivo que, tecnicamente, pode ser considerado algo além do propósito de uma universidade”. Ao mesmo tempo, explica ela, através da tríade ensino-pesquisa-extensão, há como impulsionar elementos geradores de desenvolvimento. Ou seja, a instituição não é fonte de todo o desenvolvimento, o que ela pode, na verdade, é ser um elemento dinamizador deste (FLECK, 2013).

A autora lembra, ainda, que a Universidade Federal de Pelotas e a Universidade Federal de Santa Maria foram as tutoras da UNIPAMPA nos dois anos anteriores a sua fundação, nenhuma delas, na época, com experiência específica na região do Pampa, de forma que somente em 2008, quando finalmente desvinculada de ambas as instituições, suas equipes administrativas começaram a refletir sobre a atuação da Universidade em prol do desenvolvimento regional. É preciso, por conseguinte, compreender que existia um tempo mínimo para que reconhecesse seu papel e desse início a um efetivo trabalho no que se refere às competências territoriais (FLECK, 2013).

De 2008 para cá, a UNIPAMPA já cresceu consideravelmente. Ainda que jovem, oferece mais de 60 cursos de graduação, além de alguns cursos de especialização, mestrado e doutorado. Entre as especializações, há algumas particularmente voltadas para a região fronteira: Culturas, Cidades e Fronteiras – Campus Jaguarão; Desenvolvimento de Regiões de Fronteira – Campus Santana do Livramento; e Educação Integral em Região de Fronteira – Campus Jaguarão.

Somando-se alunos de graduação e pós-graduação, professores e técnicos-administrativos, já são mais de dez mil envolvidos.

A UNIPAMPA é composta pela Administração Superior (Conselho Universitário, Conselho Curador, Comissões Superiores e Reitoria), pelas Unidades Universitárias (seus dez *campi*, cada um com seu Conselho, sua Direção, suas Comissões de Ensino, Pesquisa e Extensão e com seus respectivos órgãos auxiliares) e pelos Órgãos Complementares (Centro de Interpretação do Pampa, Núcleo de Inovação Tecnológica).

A Assessoria de Comunicação Social (ACS), vinculada do Gabinete da Reitoria, encontra-se no Campus São Borja, junto ao Curso de Comunicação Social, e possui uma equipe multidisciplinar atuando na Reitoria, no Campus Bagé. Segundo consta no site, está composta por um coordenador, três técnicos-administrativos, dois técnicos em audiovisual, três jornalistas, dois programadores visuais, um publicitário, dois relações públicas, bem como estagiários dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Dentre as atividades desta equipe estão a produção de conteúdo jornalístico para o portal institucional, o relacionamento com a imprensa, a produção e o gerenciamento do informativo interno, a organização de eventos, de cerimonial e protocolo, a produção de materiais gráficos e audiovisuais, bem como o clipping.

Para esta pesquisa, interessa especialmente o conteúdo online, sobretudo os textos visualizados no link “Notícias” dos sites do Campus Santana do Livramento e do Campus Jaguarão, e o texto “Universidade” (UNIPAMPA, 2013d), disponível no portal institucional. Esses materiais são da dimensão da organização comunicada e acompanham a trajetória institucional ao relatarem as atividades desenvolvidas pela UNIPAMPA às quais se quer dar visibilidade.

A decisão por direcionar a análise para os dois *campi* citados, repete-se, é fruto da localização de ambos em cidades-gêmeas localizadas na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, região onde se estabeleceram sólidas relações cotidianas, dando origem a uma identidade cultural muito particular. Nesses *campi*, a UNIPAMPA oferece vagas específicas para uruguaios fronteiriços, mostrando que não ignora a presença de habitantes com outra nacionalidade.

O Campus UNIPAMPA de Santana do Livramento (Imagem 1) está localizado a apenas 1 km do Parque Internacional, marco da união entre Brasil e Uruguai, ou seja, a apenas dez minutos de Rivera. Já em Jaguarão, o Campus está a 4 km da Ponte Internacional Barão de Mauá (Imagem 2). Lá, abriga o Centro de Interpretação do Pampa (CIP), projeto em desenvolvimento cujos principais objetivos são as pesquisas sobre o modo de ser e de viver no Pampa (UNIPAMPA, 2013e).

Imagem 1 - Campus UNIPAMPA em Santana do Livramento



Fonte: ACS/UNIPAMPA - Autoria: Fabrício Marcon

Imagem 2 - Campus UNIPAMPA em Jaguarão



Fonte: ACS/UNIPAMPA - Autoria: Fabrício Marcon

Antes de observar, então, de que forma a fronteira se faz presente nas ações institucionais comunicadas nos sites dos *campi* de Santana do Livramento e de Jaguarão, precisa-se compreender melhor o que é a condição fronteiriça, quais as marcas identitárias comuns aos habitantes locais, além de saber um pouco mais sobre as cidades-gêmeas Jaguarão (BR) - Rio Branco (UY) e Santana do Livramento (BR) – Rivera (UY).

5 FRONTEIRAS E SEUS AGENTES EM CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA

Ainda no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 são encontrados relatos, pesquisas, reportagens e eventos os quais já colocam em pauta a integração e o desenvolvimento regional, relacionando-os aos aspectos das culturas e das identidades fronteiriças. Provêm de iniciativas de indivíduos, entidades e instituições localizados em diversas regiões do Brasil, inclusive no Rio Grande do Sul, estado que mantém vínculos históricos com o Uruguai e a Argentina.

A própria identidade gaúcha é fortemente marcada por elementos vizinhos, de forma que, antes de dar prosseguimento a este capítulo, convém mencionar alguns desses empreendimentos, mostrando que esta pesquisa, também desenvolvida em solo rio-grandense, acompanha esforços para dar às nossas fronteiras e a seus povos/culturas o merecido reconhecimento.

Dentre as ações a serem citadas, estão o seminário “O MERCOSUL e a Comunidade Europeia - uma Abordagem Comparativa” e o colóquio internacional “Identidade Cultural e Formas de Colaboração em Áreas de Fronteira”, realizados em 1992 e 1993, respectivamente, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Os resultados daqueles primeiros debates estão disponíveis nos livros “O MERCOSUL e a Comunidade Europeia - uma Abordagem Comparativa” (PLÁ, 1994) e “Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul” (CASTELLO et al., 1995). A essas publicações, soma-se “Fronteiras e Espaço Global” (STROHAECKER et al., 1998) com os registros do “III Colóquio Internacional de Estudos Fronteiriços”, ocorrido em Santana do Livramento, cidade-gêmea com a uruguaia Rivera, entre os dias 11 e 14 de maio de 1998.

Outro importante empreendimento partiu da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), em 1995, quando inaugurou o Centro de Integração do Mercosul (CIM/UFPe), espaço com finalidades diversas, todas priorizando atividades de ensino, pesquisa e extensão vinculadas à integração regional. Ao CIM está ligado o Núcleo de Estudos Fronteiriços (NEF/UFPe), citado no preâmbulo deste trabalho, localizado em Santana do Livramento.

Ao encontro dessas iniciativas já surgia, em 1991, a Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), rede de universidades públicas da

Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, cujo propósito é o desenvolvimento de atividades de cooperação, a fim de criar um espaço acadêmico comum, ampliado, de forma a superar obstáculos e multiplicar possibilidades de ação. A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) estão associadas, sendo o reitor desta última, Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto, atual vice-presidente da AUGM.

Deve-se igualmente lembrar o Centro de Estudos em Literatura e Psicanálise Cyro Martins, idealizado pela Profa. Maria Helena Martins, em 1997. O CELPCYRO, como é chamado, vem desde o ano 2000 desenvolvendo projetos e eventos multidisciplinares focados nas fronteiras culturais e na cultura fronteiriça. Agrega, por conseguinte, trabalhos de distintas origens acadêmicas, alguns disponíveis apenas no site do centro (CELPCYRO, 2014), outros já publicados em livros. Entre eles está o projeto “Fronteiras Culturais (Brasil – Uruguai – Argentina)” (MARTINS, M., 2002), cuja etapa inicial se deu no ano 2000, tendo por propósito identificar, fomentar e difundir a cultura dos três países referidos, sempre acreditando que, (re)conhecendo-se, as comunidades aprendem a se valorizar e a criar alternativas para a sobrevivência cultural, beneficiando-se mutuamente. Desse projeto resultam outros, como o “Simpósio Internacional Fronteiras Culturais no Cone Sul”, realizado em 2004 nas cidades de Porto Alegre e de São Paulo, com patrocínio da Petrobrás; e o “Pampa na Universidade”, surgido em 2005 no intuito de estabelecer parcerias para investigar e apresentar pesquisas, trocando experiências sobre a cultura da fronteira que abrange parte do Rio Grande do Sul, do Uruguai e da Argentina (CELPCYRO, 2014).

Embora eventualmente sem continuidade, essas e outras ações, ao despertarem atenção às fronteiras brasileiras, em especial às fronteiras gaúchas e às interações nelas recorrentes, projetam-nas enquanto espaços estratégicos para se planejar uma integração para além do âmbito econômico, estimulando novas investigações, novos eventos e novos investimentos públicos. São fronteiras muito singulares, as quais serão apresentadas a seguir. Antes, porém, resgata-se questões importantes para o entendimento do próprio conceito de fronteira.

5.1 Entendendo a fronteira e a condição fronteiriça

Como afirma Vallaux (1911, p. 35, tradução nossa), “todo Estado é fundado sobre a soberania de um pedaço de território”. Logo, segundo o autor, todos os grupos, mesmo os mais rudimentares, iniciam a fase política e a formação do Estado no momento em que percebem ter posse de um território onde exercem sozinhos seus direitos soberanos. A fronteira estaria, assim, no lugar onde termina essa soberania para começar a de outro Estado. Seria, portanto, uma instituição territorializada.

Segundo Foucher (2007, p. 19, tradução nossa), “as fronteiras são descontinuidades territoriais com função de marcação política, nesse sentido, tratam-se de instituições estabelecidas por decisões políticas”. Em virtude disso, muitas vezes estão associadas a conflitos, guerras, vigilância, controle e repressão, tratando-se de áreas que devem ser protegidas para impedir a passagem, a transgressão, a invasão inimiga, pois lá se dão os primeiros combates quando da interrupção de um tempo de paz. Nada seria, desta forma, mais desastroso para uma autoridade nacional do que perder o controle de suas fronteiras (FOUCHER, 2007).

Ao lermos essas colocações, poderíamos imaginar a fronteira como sinônimo de limite. Conquanto isso passe muitas vezes despercebido, existem diferenças essenciais entre os dois termos, os quais são debatidos por Lia Osório Machado (1998). Uma vez que, enquanto a palavra latina “limite” já nasceu designando o fim daquilo que mantém coesa uma unidade político-territorial, isto é, apresenta uma orientação “para dentro”; a palavra fronteira, historicamente, indica “frente”, margem do mundo habitado, fenômeno da vida social espontânea. Desta forma, embora com o tempo, ao se tornarem lugares de comunicação, as fronteiras também tenham adquirido caráter político, sua função não é a mesma de limite (MACHADO, 1998).

“O limite não está ligado à presença de gente, sendo uma abstração, generalizada na lei nacional, sujeita às leis internacionais, mas distante, frequentemente, dos desejos e aspirações dos habitantes da fronteira”, lembra Machado (1998, p. 3). Por isso é maior a preocupação em controlar esta última, pois o limite existirá independentemente de fatores comuns, físico-geográficos ou

culturais, já a fronteira, habitada, “pode ser um fator de integração, na medida em que for uma zona de interpenetração mútua e de constante manipulação de estruturas sociais, políticas e culturais distintas” (MACHADO, 1998, p. 3). Ela permite que se pense em movimento, expansão, abertura. O limite, por sua vez, conduz ao fechamento, a separar o Nós dos Outros.

Em áreas de fronteira, afirma Machado (et al., 2005, p. 93), “a relação com a ‘alteridade’, com o Outro, do outro lado da linha divisória, é decisiva nas relações sociais como um todo”. Logo, fala-se em região fronteira para frisar ser um sistema aberto, sempre sujeito aos movimentos, às transformações, um espaço de construção identitária naturalmente estendido para além de limites territoriais. A escala regional é aquela das práticas sociais, e na fronteira muitas das práticas são ou tendem a ser compartilhadas, permitindo pensar em união e vínculos entre os dois lados da linha imaginária.

De acordo com Vallaux (1911, p. 363, tradução nossa), “a zona-fronteira é ao mesmo tempo um terreno de interpenetração e de separação; sendo a luta contínua entre os elementos de fusão e os de disjunção o que a torna interessante”. Machado (et al., 2005, p. 95) acrescenta, ainda, no sentido proposto por Vallaux (1911), a noção de zona de fronteira enquanto “produto de processos e interações econômicas, culturais e políticas, tanto espontâneas quanto promovidas”. Seria um espaço de interação, onde a presença do limite internacional é um componente importante da dinâmica social. Uma zona de fronteira é, portanto, composta por fluxos e interações transfronteiriças, cuja territorialidade mais evoluída é a das cidades-gêmeas (MACHADO et al., 2005).

Em virtude dessas características, as políticas públicas de cooperação e integração podem ser testadas, por assim dizer, nesses espaços. Lá se tem o exemplo das diferenças de expectativas e transações do local e do internacional, é onde se percebe que não se pode homogeneizar a geografia dos Estados nacionais (MACHADO et al., 2005)

Explica-se isso porque o processo de formação da fronteira Brasil-Uruguai, para onde se volta esta pesquisa, resultou em um novo espaço de negociação e de integração, impossibilitando compreender e falar das práticas socioculturais existentes em um lado da linha demarcatória dissociadas das do outro lado. Criou-se

um tipo de interface, uma espécie de terceiro espaço, e é a partir dessa situação de contato que nasce algo diferente, uma identidade cultural fronteiriça. E essa identidade, crê-se, não pode passar despercebida aos olhos de uma instituição como a UNIPAMPA, um agente em condição fronteiriça propondo-se ao desenvolvimento regional, sobretudo quando se sabe que o conceito de região é amplo, não coincidindo necessariamente com limites territoriais ou resumindo-se ao que é da qualidade do local.

A expressão “condição fronteiriça” foi sugerida por Dorfman (2009) para resumir as especificidades da fronteira. Ativar tal condição seria pensar e executar estratégias considerando-se as diferenças e oportunidades presentes em ambos os lados, “praticando a fronteira, agindo como fronteiriço, como o habitante de um lugar em que as possibilidades se multiplicam pelo agenciamento da diferenciação originada na construção dos territórios nacionais” (DORFMAN, 2009, p. 71).

E a fronteira do Brasil com o Uruguai é assim, explica a autora, marcada por sua condição fronteiriça. Seus habitantes podem acionar recursos dos dois Estados, como os sistemas educativos, os transportes, as línguas, a saúde pública, as políticas econômicas. Desenvolvem, pois, habilidades correspondentes à vida naquele lugar:

Na fronteira gaúcha, os agentes experimentam uma condição fronteiriça em que as diferenças se ampliam pela justaposição de experiências nacionais, ao mesmo tempo em que se apagam através de dispositivos de transição; em outros casos, práticas e objetos geográficos são unificados (redes de infraestrutura), criados (extraterritorialidades e ilegalidades), espelhados (redes compartilhadas) e distinguidos (administração dos limites e das barreiras nacionais) (DORFMAN, 2013, p. 1).

Quem está distante, muitas vezes, olha a fronteira sob um ponto de vista negativo, relacionando-a a conflitos, restrições, violência estatal contra a comunidade. Dorfman (2013) explica que esses fechamentos existem, mas são também acompanhados por adaptações e oportunidades características da condição fronteiriça, entendida, segundo ela, como uma espécie de *savoir passer* (saber passar) adquirido pelos habitantes da fronteira, pois que estão, afirma a autora, “acostumados a acionar diferenças e semelhanças nacionais, linguísticas, jurídicas,

étnicas, econômicas, religiosas, que, ora representam vantagens, ora o cerceamento de trânsito ou direitos" (DORFMAN, 2013, p. 10).

Muitas das práticas socioculturais das quais falaremos ainda neste capítulo, e que conformam o que chamamos de identidade cultural fronteiriça, provêm exatamente dessa condição de contato, que resultou em um espaço compartilhado. Para compreender o surgimento deste chamado terceiro espaço, faz-se, na sequência, um resgate histórico sobre a fronteira brasileiro-uruguaia, buscando conhecer os acontecimentos que deram origem às cidades-gêmeas Santana do Livramento (BR) - Rivera (UY) e Jaguarão (BR) - Rio Branco (UY), definidas como recorte espacial deste estudo, sua atual configuração, bem como os intercâmbios e interações lá estimulados pela condição fronteiriça.

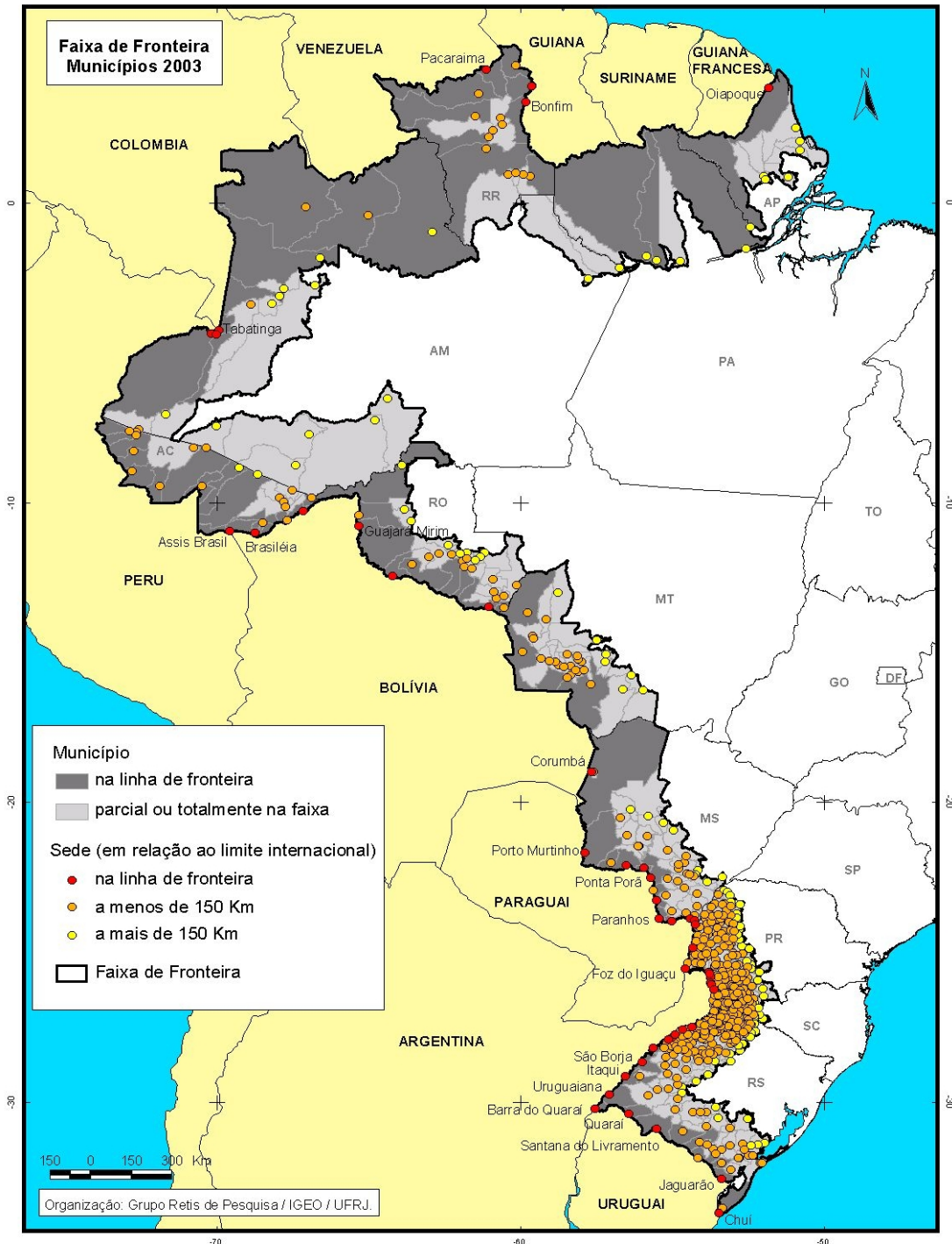
5.2 Contextualizações sobre a fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai

Ladeado por dez países, o Brasil é o país da América Latina com a maior extensão em fronteiras territoriais, o que representa 27% do território nacional e envolve 588 municípios brasileiros, os quais somam cerca de dez milhões de habitantes. São 11 Unidades da Federação que se encontram com dez países sul-americanos. Organizada em Arco Norte, Arco Central e Arco Sul, a Faixa de Fronteira (Mapa 2) é a região marcada geograficamente por 150 km de largura (Lei nº 6.634 de 02/05/1979) ao longo dos 15.719 km da fronteira terrestre brasileira.

Já o Uruguai, cuja soma do total de habitantes fica em 3.286.314, tem apenas o Brasil e a Argentina como vizinhos. Trata-se, em ambos os casos, do encontro de soberanias nacionais, existindo uma linha imaginária a dividir espaços rurais/urbanos, secos/fluviais, unidos, ou não, por pontes (MAZZEI E SOUZA, 2012).

No caso específico do Rio Grande do Sul com a República Oriental do Uruguai, a ligação entre o estado brasileiro e o país vizinho se estende ao longo de 1.068,1 km. Doze municípios gaúchos, de um total de 426, são diretamente limítrofes com o Uruguai: Barra do Quaraí, Uruguaiana, Quaraí, Santana do Livramento, Dom Pedrito, Bagé, Aceguá, Pedras Altas, Herval, Jaguarão, Santa Vitória do Palmar e Chuí (MAZZEI E SOUZA, 2012).

Mapa 2 - Faixa de Fronteira do Brasil



Fonte: Grupo Retis de Pesquisa/IGEO/UFRJ (2003).

Seis desses municípios conformam conjuntos urbanos chamados cidades-gêmeas: Santana do Livramento (BR) - Rivera (UY), Quaraí (BR) – Artigas (UY), Chuí (BR) – Chuy (UY), Aceguá (BR) – Aceguá (UY), Jaguarão (BR) – Rio Branco

(UY) e Barra do Quaraí (BR) – Bella Unión (UY). São lugares “*de contacto binacional cuya regulación institucional los define con las características propias de un espacio de intercepción de estrategias territoriales para los proyectos de desarrollo de uno y otro país*”, salientam Mazzei e Souza (2012, p. 12). Na cultura uruguaia, segundo os autores, o sentimento coletivo mais típico de fronteira se dá com o Brasil (MAZZEI E SOUZA, 2012).

As fronteiras brasileiro-uruguaias, hoje consideradas pacíficas e permeáveis, resultam, todavia, de lutas territoriais, demarcações de limites e acampamentos militares. Os reinados da Espanha e de Portugal passaram séculos disputando esses territórios, e entre acordos, como o impreciso Tratado de Tordesilhas, em 1494, e o Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, muitas áreas eram ora portuguesas, ora espanholas, às vezes dependendo da interpretação de cada uma das partes, pois “que Tordesilhas não indicou a medida das léguas e o ponto de onde partiria a contagem”, explica Garcia (2011, p. 33). Exemplo disso é Colônia do Sacramento, fundada pelos portugueses em 1680 - acreditando estarem em seu direito e com o objetivo de navegação comercial pelo Rio da Prata -, e disputada por pelo menos 150 anos com os espanhóis, os quais a devastaram e a (re)tomaram em diversas ocasiões, convictos de que a eles pertenciam aquelas terras.

Mesmo o Tratado de Santo Ildefonso não garantiu o fim das desavenças, todavia possibilitou a Portugal a paz necessária para se restabelecer, uma vez “desestruturadas não apenas a sociedade portuguesa, mas também as finanças, a economia, as forças armadas e a vida religiosa e cultural dos portugueses” (GARCIA, 2011, p. 169). Era importante recompor a imagem do país e recuperar o apoio externo, perdido em virtude das políticas impostas pelo Marquês do Pombal. Assim, ao assinarem o Tratado de Santo Ildefonso, os portugueses fizeram concessões, tais como abrir mão dos Sete Povos das Missões, de Colônia do Sacramento e, conseqüentemente, da possibilidade de navegação no Rio da Prata. As concessões, todavia, desagradaram o povo da região, pois (já naquela época) as decisões políticas tomadas nos grandes centros refletiam o distanciamento e o descaso dos governantes com relação ao habitante da fronteira, mostrando desconhecimento do que se passava efetivamente naqueles espaços. A maioria dos habitantes era de origem açoriana, e, com a assinatura do Tratado, alguns deles

passavam a ocupar zonas espanholas ou os denominados “terrenos neutrais” (espaços entre as duas nações onde eram proibidas povoações, fortalezas, guardas ou postos de tropas). Em virtude disso, de tudo fizeram para dificultar ou impedir a demarcação dos limites (GARCIA, 2011).

Assim, os luso-brasileiros, em sua disposição de povoar bem diversa daquela dos hispano-americanos, foram-se expandindo e ocupando grande parte da fronteira com a Banda Oriental. O pouco interesse pela região interiorana, ainda existente no país vizinho (constituído oficialmente em 1830), parece provir do período em que este estava sob jurisdição de Buenos Aires, e as autoridades, por sua vez, não se empenhavam em desenvolver sequer o porto de Montevideú, quanto mais o campo, de forma que em 1845, por exemplo, 25% da população habitante no Uruguai era brasileira (GARCIA, 2011).

Como fruto da tentativa de conter a expansão portuguesa sobre as terras consideradas de posse uruguaia, surgiam as vilas, povoadas por militares e por escravos. Ocupar a fronteira era necessário para evitar avanço inimigo. São essas vilas que, posteriormente urbanizadas, dão origem às cidades-gêmeas ao se desenvolverem sobre a própria linha fronteira, justamente umas ao lado das outras. Em alguns casos, existindo um acidente geográfico a separá-las, noutros, nem isso. A proximidade e o conseqüente convívio produziram fortes efeitos na vida cotidiana, sendo seus respectivos habitantes historicamente marcados pelo “entre-dois”: entre dois países, entre duas (ou mais) línguas, entre dois Estados, entre duas culturas.

No caso do Rio Grande do Sul com a República Oriental do Uruguai, apesar das desavenças passadas, estabeleceram-se relações socioculturais efetivas entre as sociedades dos dois países. Axt (2011, p. 15) conta que “o embate de outrora, hoje é paz, convivência e intercâmbio”. Ele complementa: “Ruas e praças, franqueadas ao trânsito de todos, delimitam o que é brasileiro e o que é uruguaio, mais integrando do que separando”. Ou seja, apesar de coexistirem as diferenças, das práticas socioculturais comuns resultou uma cultura específica, um modo de vida próprio da fronteira sul-rio-grandense: “O gaúcho nasceu na fronteira. E é a fronteira que ele carrega dentro de si. Para onde quer que vá, é o espírito da fronteira que o anima” (AXT, 2011, p. 15).

5.3 Santana do Livramento(BR) - Rivera(UY) e Jaguarão(BR) - Rio Branco(UY)

Santana do Livramento (BR) – Rivera (UY) constitui o maior conjunto urbano dentre as cidades-gêmeas do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Estima-se que a área gaúcha possua em torno de 83.702 habitantes (IBGE, 2013), enquanto a uruguaia, uma população aproximada de 64.485 habitantes (INE, 2011). As baixas densidades demográficas são justificadas pelas questões históricas de formação desta área fronteira e pela base econômica de pecuária extensiva. Embora Rivera tenha surgido em 1862 e Livramento em 1823⁶, ambas estavam distantes cerca de 500 km dos respectivos centros de poder, com os quais tinham dificuldades de comunicação, logo, desenvolveram-se juntas, de certa forma ignorando os limites nacionais.

Nos primeiros anos, os dois núcleos tangentes à linha de fronteira eram habitados por soldados e comerciantes recém-chegados, além de moradores da região, que se agruparam e se integraram no dia-a-dia, em busca das conveniências urbanas, do alimento, da igreja, da segurança, escassos no século XIX, nessas áreas periféricas aos centros políticos (DORFMAN, 2009, p. 44).

Pérez-Caraballo (2011) conta que a linha ferroviária uniu Montevideu à Rivera em 1892. Como o trem só chegou a Livramento 20 anos depois, nesse período a cidade recebia mercadoria pela via férrea uruguaia, estabelecendo muitas relações com o país vizinho. Foi preciso esperar os anos 1950 para a chegada da BR-293 (asfaltada apenas em 1976 e ainda em uso), ligando Livramento ao restante do país. Nessa época o norte do Uruguai já apresentava forte influência brasileira, e o sul do Rio Grande do Sul, forte influência uruguaia.

Nos anos 1980, devido às enormes variações inflacionárias na moeda brasileira, era comum que os uruguaios viessem ao Brasil para comprar produtos que àquela altura eram mais baratos do lado brasileiro. Do mesmo modo, em 1986 surgiram os *free shops* de Rivera, fortes atrativos comerciais e turísticos, os quais passaram a receber elevado número de brasileiros interessados em adquirir produtos em dólar, sem taxas de importação.

⁶ Santana do Livramento passou a ser oficialmente uma cidade em 1876; Rivera, em 1867.

Esta ainda é a principal atividade econômica no centro urbano de Rivera. Já em seu interior, segundo Lucena (2012, p. 155), “predomina a criação de gado e a florestação”. Quanto a Santana do Livramento, relata a autora, tem sua economia baseada no comércio, na pecuária, na agricultura, destacando-se também na vinicultura. A chegada da Universidade Federal do Pampa e de outras instituições educativas ao local fomenta o crescimento do setor imobiliário, alimentício e fortalece mais o comércio de ambas as cidades-gêmeas (LUCENA, 2012).

Outra prática lá recorrente é o contrabando, fonte de renda de muitos habitantes das fronteiras. Normalmente em pequenas e médias escalas, é percebido como um “ganha-pão”, não necessariamente ilegal. O que se deve considerar é o fato de o contrabando estar sobreposto à cultura da fronteira, conectado com a condição fronteiriça. Isso ajuda a perceber a permeabilidade do espaço abordado e a necessidade de tratá-lo como unidade (DORFMAN, 2012).

Essas sucintas colocações explicam o porquê de Santana do Livramento e Rivera serem unidas (“divididas” certamente não seria o termo ideal) pela única praça binacional do mundo, a Praça Internacional, e de este conjunto urbano ser também chamado de “Fronteira da Paz”, cidade símbolo da integração brasileira com os países membros do MERCOSUL.

Imagem 3 - Praça Internacional: marco em Santana do Livramento (BR) – Rivera (UY)



Fonte: Central da Fronteira (2014).

Diferentemente de Santana do Livramento, Jaguarão possui pouco mais do que 27 mil habitantes (IBGE, 2013). Rio Branco, menos povoada que Rivera, apresenta uma população de 14.604 habitantes (INE, 2011). Afora o índice populacional, esta segunda fronteira possui outras diferenças consideráveis quando comparada à primeira, sobretudo o fato de se tratar de uma fronteira fluvial, semiconurbada, uma vez que as cidades são separadas pelo Rio Jaguarão e unidas pela Ponte Internacional Barão de Mauá (Imagem 4), construída entre 1927 e 1930 visando à quitação de dívidas de guerra.

Jaguarão também é resultado de instalações militares as quais pretendiam proteger o território luso-brasileiro. Nota-se, inclusive na arquitetura, a forte influência portuguesa. Apesar de ter crescido rapidamente, transformando-se de uma pequena aldeia em uma importante cidade da região sul do Brasil, sofreu, posteriormente, como as demais cidades fronteiriças, a centralização das decisões político-econômicas na capital. Passou, ainda, por diferentes crises, advindas da Revolução Farroupilha, da epidemia de cólera, de uma grande invasão uruguaia e da Guerra do Paraguai, já que muitos peões foram recrutados para aquele conflito (MARTINS, R., 2000).

Imagem 4 – Ponte Internacional Barão de Mauá



Fonte: Prefeitura Municipal de Jaguarão (2015).

As dificuldades de um mercado mal abastecido, cujos produtos chegavam com preços elevados, facilitaram as práticas de contrabando. “O comércio marginal encontrou segura cumplicidade dos particulares, e, muitas vezes, a conivência de algumas autoridades”, relata Martins, R. (2000, p. 1). Segundo este autor, ainda nestes dias, “o fluxo de bens e de pessoas fazem a dinâmica desta fronteira, independente das macrodecisões nacionais, de modo a aproveitar vantagens econômicas comparativas, em geral geradas pelas diferenças de câmbio” (MARTINS, R., 2000, p.1).

De acordo com o historiador Gunter Axt (apud Dorfman, 2009) foram exatamente as diferenças de câmbio que levaram contrabandistas a fundar a Vila de Artigas – atual Rio Branco, cidade cuja economia gira, agora, em torno dos *free shops*. É pequena, mas possui dois centros. Em um, perto da ponte e do rio, estão os *free shops*, noutro, os serviços públicos, a praça principal, as instituições e os restaurantes.

Não obstante a existência do rio entre elas, o cotidiano dos moradores de ambas as cidades converge, formando um espaço diferenciado, no qual, assim como em Santana do Livramento-Rivera, aparecem famílias binacionais, dialetos, criação de gado em campos vizinhos, bem como trabalho e estudo “do outro lado”. Essas e outras práticas socioculturais fronteiriças são fruto da condição de contato da qual falava Dorfman (2009; 2013). Dizemos, então, que a condição fronteiriça deu origem a uma identidade regional bastante peculiar. Falaremos dela a seguir.

5.4 Por uma identidade cultural fronteiriça

Claramente a construção identitária é uma obra muito complexa devido à diversidade de identificações que se apresentam a um indivíduo, a um grupo, a uma organização. Nos espaços fronteiriços, essa diversidade seria um tanto mais marcada, pois ali todos estão cotidianamente abalizados por dois países diferentes, com leis, práticas, representações, tradições distintas.

O fato de esses grupos coabitarem um mesmo espaço não conduz ao apagamento das diferenças culturais, ao contrário, a situação de convivência e partilha resulta na constante reafirmação dos elementos que distinguem um grupo

do outro. Mas esses grupos tão próximos conversam entre si, relacionam-se, e compartilham práticas socioculturais comuns, próprias da fronteira. Essas práticas resultam em uma identidade singular, regional, a qual é ou não acionada pelo sujeito fronteiriço de acordo com a situação que a ele se apresenta.

Nesse sentido, Raddatz (2004) faz uma colocação relevante ao expor a idéia de fronteira como

um lugar onde o eu e o outro, enquanto formas culturais se interpenetram para construir um elemento de identificação, pois nesse caminho ambos abrem espaço para a aproximação, deixando-se penetrar pela cultura do outro, quebrando barreiras para se tornarem disponíveis a refletir a respeito do outro. Isso não significa anular a própria identidade ou a identidade nacional, mas buscar a síntese e enfatizar os laços comuns. A um só tempo, a fronteira é um lugar de integração e de separação. Naturalmente, um espaço de tensão, cercado de antagonismos e contrastes, o que, paradoxalmente, não impede a evidência de muitos traços de identidade, que se manifestam pela linguagem, pelo imaginário, memória, história e costumes (RADDATZ, 2004, p. 11).

Na América Latina, as identidades culturais são instáveis, continuamente transformadas pelos conflitos, contatos e trocas com outras culturas. São, portanto, ricas, uma vez que esses intercâmbios e entrelaçamentos permitem refletir as próprias ações sob outras perspectivas, sob outros padrões culturais. As fronteiras latino-americanas são, assim, há séculos, espaços interculturais.

Karla Müller, que pesquisa há mais de quinze anos a participação dos jornais fronteiriços no processo de integração latino-americano, corrobora essa visão, afirmando haver elementos os quais destacam a especificidade do ser fronteiriço. Esses elementos garantiriam uma identidade própria, segundo a autora, “privilegio desse que sabe e reconhece o que é viver na faixa de divisa do território nacional e lado a lado com o outro, membro da nação vizinha” (MÜLLER, 2007, p. 3). Cabe destacar que:

Hábitos como beber chimarrão e comer churrasco, fortemente cultivados pela população fronteiriça, estão entre os aspectos culturais que se transformam em amarras de união e interação, sendo reforçados pelas músicas e danças gauchescas e pelos laços de família, que nas idas e vindas entre um país e outro, e com o passar dos tempos, criaram-se e intensificaram-se. (MÜLLER et al., 2007, p. 6).

Outro importante elemento dessa identidade cultural é a língua. Os fatos

históricos já descritos e o convívio entre grupos de distintas origens causaram também reflexos no “falar” fronteiriço. Em Jaguarão-Rio Branco e Santana do Livramento-Rivera, por exemplo, é comum que uma pessoa fale em espanhol e a outra responda em português ou nos dialetos locais, usualmente chamados de portunhol/*portuñol* e tecnicamente de Português Gaúcho da Fronteira (PGF) e Português do Uruguai (PU).

As diferentes gerações demonstram que seus usos e falares independem de uma mecânica padronizada. A tradução do espanhol e do português não é literal, mas consequência da sociabilidade entre os povos e da tradição oral que se desenvolve nesse espaço (MÜLLER E RADDATZ, 2009, p. 108).

Essa hibridez do linguajar pode ser percebida na própria literatura. O mapa das comarcas literárias indica o pertencimento do Rio Grande do Sul ao Brasil e ao Pampa. Segundo Dorfman (2012, p. 107), isso pode ser entendido como “uma negação da suposta congruência entre cultura e nacionalismo, onde a fronteira nacional delimitaria língua e práticas culturais”. Em função disso, explica a pesquisadora: “A literatura da fronteira, produzida no Rio Grande do Sul, carrega a ambiguidade de ser a um só tempo não nacional, mas transnacional, identificada com o regionalismo tradicionalista” (DORFMAN, 2012, p. 107). Disso decorre a importância dos glossários nas obras, explicando termos particulares da região.

Fabián Severo, escritor uruguaio e professor de literatura, residente em Montevideu, mas nascido na cidade de Artigas, fronteira com o Brasil, ao ser convidado por uma editora para escrever poemas sobre sua infância, percebeu que ficava desconfortável em escrevê-los em espanhol (língua oficial do Uruguai) quando sua língua materna era, na verdade, o portunhol. Para ele, uma vez que se tratava de sentimentos e lembranças da infância, era conduzido à língua mãe (PÉREZ-CARABALLO, 2011). Eis um dos poemas que compõem tal livro, chamado “Noite nu Norte” (SEVERO, 2010):

Sincuentioito

Nos semo da frontera
 como u sol qui nase alí tras us ucalito
 alumeia todo u día
 ensima du río i vai durmí la despós da casa dus Rodrigues.

Da frontera como a lua
qui fas a noite cuasi día
deitando luar nas maryen del Cuareim.

Como el viento
que ase bailar las bandera
como a yuva leva us ranyo deles
yunto con los nuestro.

Todos nos semo da frontera
como eses pásaros avuando de la pra qui
cantando um idioma que todos intende.

Vimos da frontera
vamo pra frontera
como us avó i nosos filio
cumendo el pan que u diabo amasó
sofrendo neste fin de mundo.

Nos semo a frontera
mas que cualquier río
mas que cualquier puente.

(SEVERO, 2010, p. 67)

Embora o livro de Fabián Severo tenha tido boa repercussão, e, para o habitante do lugar, o portunhol possa ser compreendido como a expressão de uma cultura popular e regional, muitas vezes é uma das causas da marginalização dos fronteiriços, pois muitos dos que observam a fronteira à distância, tanto no Brasil quanto no Uruguai, veem esse dialeto como um grande problema, a ser sanado por políticas centralistas. Recoloca-se, com tais políticas, a tensão entre a lógica do lugar e as estratégias nacionais (DORFMAN, 2009).

Dessa vivência conjunta do espaço nascem, ainda, as famílias binacionais, os casamentos mistos, que, por sua vez, também apresentam características próprias: *“Con respecto a los derechos que se adquieren a través del matrimonio el poder hacerlos efectivos lleva muchas veces a duplicar el acto matrimonial”* (BENTANCOR, 2009, p. 120). Ao querer dar a dupla nacionalidade (*doble-chapa*) para os filhos, por exemplo, precisa-se reconhecer o matrimônio de ambos os lados. Esses filhos poderão também nascer em uma maternidade brasileira ou uruguaia. Segundo Bentancor (2002), os *dobles-chapas* legais teriam o direito adquirido a partir da nacionalidade dos pais, já os *dobles* ilegais teriam nascido de um lado e sido registrados, com testemunhas, do outro. É muito comum, então, famílias com

integrantes das duas nacionalidades e é fácil encontrar pessoas morando num lado da linha divisória e trabalhando do outro.

Dorfman (2009, p. 72), baseada em Quadrelli-Sánchez (2002), explica que “esse precedente legal proporciona mais que uma dupla cidadania pragmática, voltada para a obtenção de direitos reservados aos nacionais – como a aposentadoria ou o acesso gratuito à saúde e educação”. Haveria, diz a geógrafa, “uma cidadania oscilante, que pende para um ou outro pertencimento, ou mesmo para sua combinação, já que muitos fronteiriços consideram-se simultaneamente brasileiros e uruguaios” (DORFMAN, 2009, p. 72).

Oliven, R. (2011, p. 9) explica que essas marcas da região sul contrastam com marcas nacionais, aproximando os gaúchos culturalmente de seus vizinhos e indicando que “há diferentes maneiras de fazer parte de um país do tamanho do Brasil, em que nem tudo é praia, samba e carnaval”. O que ocorre no Rio Grande do Sul, explica o autor, sugere que o caminho para uma identidade nacional perpassa as identidades regionais: “Embora sejam entidades abstratas, as identidades, enquanto propriedades distintivas que diferenciam e especificam grupos sociais, precisam ser moldadas a partir das vivências cotidianas” (OLIVEN, R., 2011, p. 34).

As organizações, não obstante vinculadas a uma ou mais identidades nacionais, são também agentes sociais. As culturas e as identidades regionais inevitavelmente afetam e são por elas afetadas. A UNIPAMPA nasceu para impulsionar o desenvolvimento da Mesorregião Metade Sul do RS, que é uma região de fronteira, de modo que sua identidade e sua cultura organizacional estão diretamente relacionadas à identidade cultural fronteiriça. Esta pesquisa serve para compreender o quanto a instituição percebe isso ou não, o quanto se posiciona, através da organização comunicada, como um agente do lugar, acionando estrategicamente sua condição fronteiriça.

6 A UNIPAMPA (DES)ATIVANDO SUA CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA

6.1 Procedimentos metodológicos

Este trabalho foi desenvolvido primeiramente a partir de uma revisão bibliográfica e interdisciplinar objetivando as discussões teóricas sobre comunicação organizacional, os debates relativos às universidades enquanto agentes sociais permeados por novos desafios, bem como os que dizem respeito à identidade, à cultura, à interculturalidade, às práticas socioculturais nos espaços fronteiriços, à condição fronteiriça. De acordo com Stumpf (2010), a revisão bibliográfica

é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2010, p. 51)

É muito importante, acrescenta Stumpf (2010), a bibliografia utilizada ser coerente com o tema em estudo, auxiliando o autor do trabalho, em todas as etapas, a discutir o assunto proposto.

Atendendo essas recomendações, diversas são as disciplinas visitadas através da leitura e do fichamento de teses, dissertações, revistas especializadas, livros e artigos acadêmicos. Essas leituras permitem não apenas dar o devido embasamento teórico para a pesquisa, como estabelecer relações importantes para a busca do objetivo proposto: compreender se a Universidade Federal do Pampa, em seus esforços de comunicação denominados organização comunicada, aciona sua condição fronteiriça, de modo a se aproximar estrategicamente da identidade regional presente no contexto em que atua.

A abordagem é sobretudo qualitativa, sendo seu objeto o nível mais profundo, o dos significados, motivos, aspirações, atitudes, expressos pela linguagem comum e na vida cotidiana. A pesquisa qualitativa, afirma Flick (2009, p.9) “leva a sério o contexto e os casos para entender uma questão em estudo”. Segundo o autor, a mesma pode ser realizada de diversas maneiras diferentes:

Analisando experiências de indivíduos ou grupos. As experiências podem estar relacionadas a histórias biográficas ou a práticas (cotidianas ou profissionais), e podem ser tratadas analisando-se conhecimento, relatos e histórias do dia a dia; examinando interações e comunicações que estejam se desenvolvendo. Isso pode ser baseado na observação e no registro de práticas de interação e comunicação, bem como na análise desse material; investigando documentos (textos, imagens, filmes ou música) ou traços semelhantes de experiências ou interações (FLICK, 2009, p.8).

Considera-se, a partir dessas observações, que o trabalho ora exposto enfatiza a abordagem qualitativa tendo em vista a coleta e análise crítica de um material proveniente de um processo de comunicação, procurando nele marcas do contexto em que foi produzido, neste caso, as fronteiras. Para tal análise, foi preciso também observar que contexto é esse, qual a sua história e que práticas são desenvolvidas por agentes em condição fronteira.

Os processos de comunicação mencionados provêm somente da Universidade Federal do Pampa, foco deste estudo qualitativo, conduzindo ao entendimento de que este se trata de um Estudo de Caso, cujos resultados talvez alertem para acontecimentos similares ou totalmente antagônicos no âmbito das demais instituições de ensino atuantes nas fronteiras. Yin (2010, p. 39), um dos grandes defensores deste método, afirma que o Estudo de Caso preocupa-se com algum fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto da vida real, especialmente quando não são claros os limites entre o fenômeno e seu contexto.

A IFES mencionada foi criada em 2008, tendo seus *campi* distribuídos em dez cidades gaúchas, todas na região do Pampa, ao lado dos vizinhos Uruguai e Argentina. Logo, sendo o tema desta pesquisa comunicação organizacional das IFES atuantes nas fronteiras brasileiras, considera-se coerente, neste primeiro passo para uma investigação mais profunda (talvez envolvendo outras IFES), optar pela UNIPAMPA em virtude de estar no interior do Rio Grande do Sul, propondo-se a fomentar o desenvolvimento regional. Além disso, o intuito de compreender como a organização se aproxima das identidades regionais através da comunicação planejada, conduz à opção por esta instituição, agente em um espaço fronteiro não apenas próximo, como bastante investigado por outras disciplinas, de modo que já existe um referencial teórico consistente sobre ele.

Segue-se, assim, com uma pesquisa documental, selecionando-se alguns documentos oficiais, fontes primárias, cujos conteúdos ajudam a melhor entender a

instituição, sua história, missão, valores e objetivos, além de servirem de apoio durante todas as etapas da pesquisa, sobretudo no estabelecimento de critérios para o recorte espaço-temporal. Devido ao profundo interesse em pesquisar a dimensão da organização comunicada, que, como proposto por Baldissera (2009a), é aquela planejada, proposital, todos os documentos utilizados nesta pesquisa são retirados do próprio portal institucional da UNIPAMPA, acreditando-se, que, se a universidade ali os dispõe, é porque tem interesse em dar visibilidade aos mesmos.

Logo, dentre os documentos selecionados estão a Lei nº 11.640, de 11 de janeiro de 2008, na qual o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva funda a Universidade; o Projeto Institucional da UNIPAMPA, de 16 de agosto de 2009; seu Estatuto e Regimento Geral; e o Manual de Identidade Visual. Todos eles acompanhavam, como mostra a Figura 2 a seguir, o texto de apresentação desta IFES.

Figura 2 - Página de apresentação da UNIPAMPA



Fonte: Universidade Federal do Pampa (2013c).

A ideia inicial era utilizar esse primeiro material para conhecer melhor a instituição e, sempre com apoio destes documentos e da revisão bibliográfica, analisar os textos disponibilizados no link “Notícias” durante um período a ser definido. Todavia, ainda em 2012, quando do início da leitura dos textos, identificou-

se a oferta de vagas específicas para uruguaios fronteiriços nos *campi* de Santana do Livramento e de Jaguarão. Essa informação, somada à verificação de que tais *campi* estavam localizados tão próximos do país vizinho Uruguai, com o qual nosso estado mantém relações históricas estreitas, e à observação de que cada campus publicava na seção “Notícias” as informações que entendia concernentes ao seu público local, levou à decisão por concentrar a análise nos textos publicados nos sites específicos do Campus Santana do Livramento e do Campus Jaguarão, definidos então como objeto empírico. As leituras também já tinham mostrado que, embora com características comuns, variavam as relações estabelecidas na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e na fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina, de forma que a condição de contato da qual falamos, a condição fronteiriça, e as práticas que dela provêm, não são idênticas em cada um desses contextos.

Adiciona-se, assim, à pesquisa documental, os Editais n° 145/2011, n° 73/2013 e n° 204/2013, referentes a processos seletivos específicos para uruguaios detentores do documento especial de fronteiriço. O Decreto n° 5.105, de 14 de junho de 2004, também permite compreender porque só existem tais vagas no Campus Santana do Livramento e no Campus Jaguarão. Ao promulgar o acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai para permissão de residência, estudo e trabalho a nacionais fronteiriços brasileiros e uruguaios, este documento estabelece as localidades onde ele é válido. Dentre as dez cidades de atuação da UNIPAMPA, constam somente Jaguarão e Santana do Livramento, vinculadas a Rio Branco e Rivera, respectivamente.

Visto que o Edital n° 145/2011 foi lançado em 20 de outubro de 2011 e o último (quando da definição do *frame* temporal) em 06 de janeiro de 2014, decide-se por recolher todos os textos da seção “Notícias”, disponibilizados no site de cada campus durante este período. O texto “Universidade”, que se apresenta como o “quem somos” da instituição no portal institucional (Figura 2), e já referenciado na apresentação desta pesquisa, acompanha os demais dada a sua importância. Através dele a UNIPAMPA diz oficialmente a que veio.

Definido o *corpus* – 50 textos postados na seção “Notícias” dos respectivos sites – e o *frame* temporal - entre 20 de outubro de 2011 e 06 de janeiro de 2014 –,

o passo seguinte é determinar como chegar a uma interpretação do material obtido. Opta-se, pois, por uma modalidade que trabalha sobretudo a palavra, tendo como ponto de partida a mensagem, seja ela oral/escrita, gestual, documental, silenciosa, figurativa ou diretamente provocada (FRANCO, 2012). Essa modalidade se chama análise de conteúdo: “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2011, p. 37).

A mensagem é o ponto de partida para a análise de conteúdo, pois expressa relações sociais, tem implicações na vida cotidiana e influencia comportamentos. Moscovici (apud Franco 2012, p. 12) afirma que “devemos partir da análise de conteúdo para compreender melhor a relação que se estabelece entre o comportamento e as representações sociais”, sempre considerando os modos como os atores sociais compartilham crenças, valores, experiências. E mais: a escolha pela análise de conteúdo exige do pesquisador que olhe para o contexto em que a mensagem foi produzida. Essa contextualização, durante todo o processo, serve como pano de fundo para garantir a relevância dos sentidos atribuídos às mensagens. Só assim se torna possível descobrir o que está “por trás” das palavras (FRANCO, 2012).

Nossa indagação trabalha com o ponto de vista do produtor, do autor de mensagens, neste caso escritas, sempre acreditando, como proposto por Franco (2012), que suas “falas” dizem muito sobre suas concepções, filiações, representações, interesses, expectativas e motivações. Não se pode esquecer, todavia, que este produtor, também ele, é um produto social, condicionado por interesses diversos. Para a referida autora, o produtor é, antes de tudo, um selecionador, pois que “da multiplicidade de manifestações da vida humana, seleciona o que considera mais importante para dar o seu recado” (FRANCO, 2012, p. 27).

A opção pela análise de conteúdo parece também abarcar as propostas de Thompson (2011), citadas no Capítulo 2. De acordo com ele, os textos que selecionamos são formas simbólicas, tratando-se de expressões intencionais de um sujeito para outro(s) sujeito(s), as quais envolvem regras, códigos e convenções sociais, e representam algo, dizem algo sobre alguma coisa, afirmando, declarando, projetando ou retratando determinado objeto/sujeito. Para este autor, o “peso” de um

discurso está imediatamente vinculado ao seu enunciador, às palavras por ele escolhidas e aos meios técnicos utilizados.

Havendo a curiosidade em desvendar como a condição fronteira (sujeito/objeto) da Universidade Federal do Pampa (enunciador) é acionada através da “organização comunicada” (palavras escolhidas) em seus sites institucionais (meios técnicos), a opção pela análise de conteúdo parece adequada, pois que suas técnicas indicam a possibilidade de atingir o objetivo proposto.

Cabe lembrar que os movimentos propostos pela análise de conteúdo, mais formal e objetiva, inspiram-se, neste trabalho, também em elementos da dimensão metodológica proposta por Thompson (2011), a Hermenêutica de Profundidade (HP), pois os textos que compõem o *corpus* são construções simbólicas a serem interpretadas e compreendidas. Segundo ele, “quando os analistas sociais procuram interpretar uma forma simbólica, por exemplo, eles estão procurando interpretar um objeto que pode ser, ele mesmo, uma interpretação” (THOMPSON, 2011, p. 359).

Ou seja, reconhece-se estar aqui re-interpretando formas simbólicas já pré-interpretadas pelos sujeitos que constroem o campo-objeto do qual elas são parte. Esses sujeitos, afirma Thompson (2011), são capazes de compreensão, reflexão e ação, de modo que podem apropriar-se dos resultados da investigação ora realizada. Da mesma forma, o próprio investigador, também inserido em tradições históricas, ao realizar as análises, não tem como se desfazer de suas experiências anteriores, dos resíduos do que já passou, construindo uma nova experiência, inevitavelmente, sobre a que está presente.

Quando propõe que a HP pode fornecer um referencial metodológico para investigar fenômenos culturais, sendo a análise cultural o “estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas”, o autor argumenta que este estudo “deve se basear, o quanto possível, sobre uma elucidação das maneiras como as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas pelas pessoas que as produzem e as recebem no decorrer de suas vidas cotidianas” (THOMPSON, 2011, p. 363).

Não havendo, pois, por questão de tempo e recursos, a possibilidade de observar as condições de produção dos textos (embora se tenha citado que provêm da Assessoria de Comunicação Social da UNIPAMPA), bem como verificando não

existir espaço para que o leitor se manifeste através do próprio site institucional onde tais textos são visibilizados, a HP é vista como fonte de inspiração e auxílio para o momento das análises.

6.1.1 Estruturação e apresentação do *corpus* de análise

Organizar a análise de conteúdo consiste em realizar a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Durante a pré-análise, considerada uma fase de intuições, organiza-se as primeiras ideias por meio da escolha de documentos, da formulação de hipóteses e objetivos, e da elaboração de indicadores, três momentos não necessariamente sucedentes, mas sempre estritamente interligados (BARDIN, 2011).

Dentre as atividades da pré-análise está a leitura “flutuante”, que consiste, segundo Bardin (2011, p. 126) “em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”. Essa fase permitiu conhecer melhor a UNIPAMPA e fazer alguns levantamentos e anotações sobre os textos que ela publica. Embora genéricas, tais considerações ajudaram a traçar a hipótese, os objetivos, bem como pensar nos procedimentos a serem adotados para alcançá-los. Esses movimentos possibilitaram determinar o universo de documentos e o *corpus* de análise, que, como dito anteriormente, é o conjunto dos textos publicados pela instituição, acessados através do link “Notícias” existente no portal institucional, e postados nos sites dos *campi* de Santana do Livramento e de Jaguarão entre 20 de outubro de 2011 e 06 de janeiro de 2014.

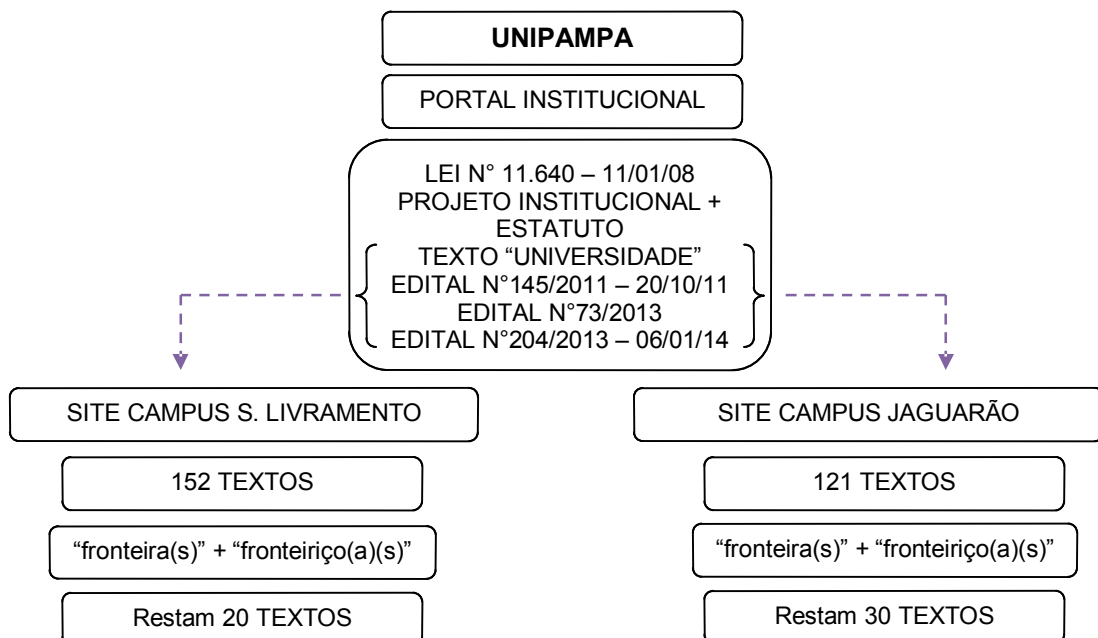
A Tabela 1 e a Figura 3, a seguir, representam a trajetória percorrida até a delimitação dos documentos expostos à análise de conteúdo.

Tabela 1 - Textos selecionados por ano/campus

Ano	Santana do Livramento	Jaguarão
2011	14 textos	20 textos
2012	59 textos	63 textos
2013	79 textos	38 textos
2014	-----	-----
Total	152 textos	121 textos

Fonte: Stefânia Costa, 2014

Figura 3 - Demonstrativo do material coletado



Fonte: Stefânia Costa, 2014

O passo seguinte foi a preparação do material. Para fazer a primeira triagem, como indica a Figura 3, utilizou-se como unidade de registro a palavra “fronteira(s)” e suas formas adjetivas “fronteiroço(s)” e “fronteiroça(s)”. De acordo com Bardin (2011, p. 134) a unidade de registro “é a unidade de significação codificada e correspondente ao segmento do conteúdo considerado unidade de base”, menor recorte semântico que se liberta do texto. Não foram usados meios técnicos para essa triagem devido à necessidade de observar se havia momentos em que a condição fronteiroça era acionada no texto, embora essas palavras não fossem

explicitamente citadas, o que não foi identificado. Contudo, apareceu “*frontera*”, em espanhol, também compondo a seleção. Resultaram, assim, 20 textos publicados no site do Campus Santana do Livramento e 30 textos no site do Campus Jaguarão, o que corresponde a 13,15%, do total de 152, no primeiro caso, e a 24,8%, do total de 121, no segundo.

Prosseguindo a exploração do material, elaborou-se tabelas (anexas) as quais apresentam, por campus, os títulos de todos os textos, bem como a reprodução dos trechos em que foram identificadas ocorrências das palavras acima citadas. Mostrar o segmento da mensagem, o contexto onde se dão tais ocorrências, é importante para a compreensão da significação exata das unidades de registro (BARDIN, 2011).

Conforme essas tabelas iam sendo formuladas, pensava-se em como se faria o recorte dos dados. A codificação, segundo Bardin (2011, p. 133), “corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto”. Ela permitirá ao analista perceber as características do texto ao atingir uma representação do seu conteúdo ou de sua expressão (BARDIN, 2011).

Quanto ao número de ocorrências para as palavras nos sites de cada campus, está representado nas Tabelas 2 e 3 a seguir:

Tabela 2 - Ocorrências de "fronteira(s)" e "fronteiro(a)(s)" no site do Campus UNIPAMPA Jaguarão

Fronteira(s)		Fronteiro(a)(s)	
Título	5	Título	1
Corpo do texto	62	Corpo do texto	13
Total	67	Total	14

Fonte: Stefânia Costa, 2015

Tabela 3 - Ocorrências de "fronteira(s)" e "fronteiro(a)(s)" no site do Campus UNIPAMPA Santana do Livramento

Fronteira(s)		Fronteiro(a)(s)	
Título	2	Título	9
Corpo do texto	32	Corpo do texto	13
Total	34	Total	22

Fonte: Stefânia Costa, 2015

6.1.2 Categorizações

A partir dos dados obtidos com a formulação das primeiras tabelas, vêm as categorizações, objetivando classificar os elementos por diferenciação para, posteriormente, reagrupá-los em razão de seus caracteres comuns. Essas duas etapas – inventário e classificação - permitem transformar os dados brutos de forma sistemática, apresentando-os de maneira clara (BARDIN, 2011).

Embora na análise de conteúdo seja possível utilizar um sistema de categorias pré-estabelecido (procedimento por “caixas”), neste caso preferiu-se criá-las a partir da classificação analógica e progressiva dos elementos - o que Bardin (2011) chama de procedimento por “acervo” – definindo-se o título de cada uma delas somente no final da operação.

Na Tabela 4 verifica-se quais categorias foram criadas. Há textos cujo foco é uma ação institucional direcionada ao contexto fronteiriço; em alguns deles existe uma associação explícita daquela ação à posição da instituição; em outros, não fica claro que aquele campus UNIPAMPA está literalmente localizado em uma região de fronteira. Todos esses textos entram na categoria “a” – “a condição fronteiriça da UNIPAMPA ativada”, subdividida em “explícita” e “diluída”.

Em determinados casos, embora os termos “fronteira(s)” e/ou “fronteiriço(a)s” sejam citados, o foco do texto não é uma ação institucional voltada para aquele contexto específico de atuação, esses textos pertencem à categoria “b” – “a condição fronteiriça da UNIPAMPA desativada”.

Tabela 4 - Categorização do *corpus*

	Categoria	Subcategoria
A condição fronteiriça da UNIPAMPA	a) ativada	explícita
		diluída
	b) desativada	-----

Fonte: Stefânia Costa, 2015

A Tabela 5, a seguir, apresenta os resultados desse processo de classificação, mostrando como os textos estão distribuídos entre as categorias e subcategorias. Para fins de organização, mostra-se apenas os títulos, contudo, os textos completos, numerados por campus, estão nos anexos deste trabalho.

Bardin (2011, p. 149) explica que “geralmente, as categorias terminais provêm do reagrupamento progressivo de categorias com uma generalidade mais fraca”. Um bom conjunto de categorias deve ter como qualidades a exclusão mútua, cada elemento não existindo em mais de uma divisão; a homogeneidade, um único princípio de classificação governando a sua organização; a pertinência, havendo adaptação ao material de análise escolhido; a objetividade e a fidelidade, estando definidas as variáveis que determinam a entrada dos elementos em cada categoria; e, finalmente, a produtividade, um conjunto de categorias sendo produtivo somente ao fornecer resultados férteis (BARDIN, 2011).

Várias foram as tentativas de categorização desde o início deste processo de pesquisa. Espera-se, conseqüentemente, que os resultados mostrados no item seguinte - quando são mais bem explicadas as categorias traçadas e feitas as interpretações - comprovem terem sido tomadas as decisões adequadas, atingindo-se as qualidades exigidas para uma boa análise de conteúdo.

Tabela 5 - Categorização dos textos UNIPAMPA dos *campi* de Jaguarão e Santana do Livramento

(continua)

	Categoria	Subcategoria	Material	
A condição fronteira da UNIPAMPA	a) ativada	Explícita	Campus Jaguarão	<p>Texto 6: Pesquisa sobre ruralização recebe financiamento do CNPq/CAPES</p> <p>Texto 16: Crianças aprendem espanhol com projeto da UNIPAMPA em Jaguarão</p> <p>Texto 23: Ofertadas vagas em Especialização em Direitos Humanos e Cidadania</p> <p>Texto 25: Evento vai apresentar livros sobre fronteira</p> <p>Texto 29: UNIPAMPA abre processo seletivo para uruguaios fronteiriços</p>
			Campus Santana do Livramento	<p>Texto 1: Universidade apresenta estudo sobre o empreendedorismo na região</p> <p>Texto 11: Pesquisa aborda variação do preço em free shops</p> <p>Texto 13: UNIPAMPA presente na feira binacional do livro</p> <p>Texto 14: Campus sedia evento internacional em novembro</p> <p>Texto 17: UNIPAMPA presente na Feira Binacional do Livro</p> <p>Texto 18: Etapa de evento internacional ocorre nos dias 23 e 24</p> <p>Texto 19: UNIPAMPA abre Processo Seletivo para uruguaios fronteiriços</p>
		Diluída	Campus Jaguarão	<p>Texto 3: Campus Jaguarão promove Seminário sobre Consciência Negra</p> <p>Texto 5: Campus realizou Seminário de Consciência Negra na Fronteira</p> <p>Texto 7: Ministra da Cultura visita Jaguarão nesta quinta</p> <p>Texto 8: Ministra da Cultura visita início das obras do CIP</p> <p>Texto 9: Inscrições para especialização seguem até o dia 27</p> <p>Texto 11: Especialização teve abertura oficial no Campus</p> <p>Texto 12: Campus sedia a abertura de evento binacional</p> <p>Texto 13: Curso de Especialização teve aula inaugural</p> <p>Texto 17: CIP ganha destaque em audiência pública na FENADOCE</p> <p>Texto 18: UNIPAMPA participou de reunião do Comitê de Fronteiras</p> <p>Texto 21: II Seminário sobre consciência negra em novembro</p> <p>Texto 22: UNIPAMPA participou de reunião do PDIF/RS</p> <p>Texto 24: Campus divulga I Fórum de Educação Ambiental</p> <p>Texto 26: II Semana Binacional do Turismo abre inscrições</p>

				<p>Texto 27: Seminário Internacional de Educação Integral recebe inscrições</p> <p>Texto 28: Diálogos sobre História debaterá fronteira, crime e guerra</p> <p>Texto 30: Evento de história debateu a fronteira</p>
			Campus Santana do Livramento	<p>Texto 3: Chamada de candidatos uruguaios fronteiriços</p> <p>Texto 4: Chamada de candidatos uruguaios fronteiriços suplentes</p> <p>Texto 5: Nova chamada de suplentes uruguaios fronteiriços</p> <p>Texto 6: Chamada de candidatos uruguaios fronteiriços suplentes</p> <p>Texto 8: Chamada de uruguaios fronteiriços para Administração Noturno</p> <p>Texto 9: Nova chamada de uruguaios fronteiriços</p> <p>Texto 10: Chamada de candidatos uruguaios fronteiriços suplentes</p> <p>Texto 12: Chamada de candidatos uruguaios fronteiriços suplentes</p> <p>Texto 15: Grupos de Estudos interagem na tríplice fronteira</p> <p>Texto 16: GEIEB participou do Comitê Binacional de Fronteiras Brasil-Uruguai</p> <p>Texto 20: Projeto Ferradura dos Vinhedos incentiva ampliação do turismo</p>
	b) desativada		Campus Jaguarão	<p>Texto 1: Projeto Alfagrupos realizou segundo encontro</p> <p>Texto 2: Fórum das Ciências Sociais Aplicadas discute a identidade da instituição</p> <p>Texto 4: ALFAGRUPPOS realiza terceiro encontro</p> <p>Texto 10: Universidade representada em congresso realizado em Cuba</p> <p>Texto 14: Mesa-redonda resgata o significado da Abolição</p> <p>Texto 15: LALLi organiza sarau nativista em Jaguarão</p> <p>Texto 19: PET – História da África aprofunda conhecimentos no RJ</p> <p>Texto 20: Palestra discutiu texto e gêneros discursivos em Jaguarão</p>
			Campus Santana do Livramento	<p>Texto 2: Fórum de Ciências Sociais Aplicadas discute a instituição</p> <p>Texto 7: Alunos e professores de RI participam de seminário na capital</p>

6.2 Análises: inferências e interpretações

Ao categorizar as falas institucionais, materializadas em textos postados nos sites dos *campi* UNIPAMPA em Santana do Livramento e em Jaguarão, classificando-as como “a condição fronteira ativa – explícita e diluída - e desativada”, busca-se amparo nas reflexões teóricas, as quais mostraram o quanto a comunicação organizacional pode estimular interações culturais e identitárias entre as organizações e seus contextos; confirmaram o importante papel dessas jovens universidades para o desenvolvimento da Faixa de Fronteira e para a próprio processo de democratização das IFES brasileiras; bem como explicaram que ativar a condição fronteira está atrelado a praticar a fronteira, agir como um fronteiro, considerando as possibilidades presentes em ambos os lados.

Acredita-se, assim, que esta categorização e suas análises, por acompanharem o debate realizado desde o início do trabalho, permitem olhar criticamente para o posicionamento da Universidade Federal do Pampa como um agente em condição fronteira. Inicia-se, pois, pela categoria (a) “ativada”, dividida nas subcategorias “explícita” e “diluída”, prosseguindo-se com a categoria (b) “desativada”. Para fins de organização, os textos publicados pelo Campus Jaguarão são antecedidos pela letra “J” e os publicados pelo Campus Santana do Livramento pelas letras “SL”.

No interior de cada categoria, são apresentadas as inferências e breves interpretações vinculadas diretamente com o que foi exposto. Num segundo momento, é realizada uma etapa dedicada exclusivamente a interpretações, as quais, todavia, ocorrem em outro âmbito daquelas já feitas ao longo da primeira fase, pois visam estabelecer uma leitura transversal aos pontuais raciocínios tecidos a partir dos textos categorizados.

6.2.1 A condição fronteira da UNIPAMPA ativada

Os textos relacionados nesta categoria são aqueles cujo conteúdo reflete principalmente uma ação institucional que contempla as particularidades da fronteira, reconhece a presença constante do vizinho Uruguai e mostra que a

UNIPAMPA atua como um agente fronteiro, valorizando as possibilidades advindas dessa situação de encontro. Ocorre que, na maioria dos casos, embora a ação narrada permita aqui classificar o texto, por estar voltada ao desenvolvimento da região e à integração latino-americana, inclusive em consonância com o Projeto Institucional, poucas vezes há uma associação explícita com a localização fronteira da Universidade. Por isso, foram criadas as subcategorias “explícita” e “diluída”, as quais são descritas a seguir. Antes, porém, cabe fazer algumas observações relevantes acerca da categoria denominada “ativada”.

Como exposto no item de metodologia, nesta pesquisa foram lidos todos os textos da seção “Notícias” publicados nos referidos sites entre 20 de outubro de 2011 e 6 de janeiro de 2014, à procura dos registros “fronteira(s)” e “fronteiro(a)(s)”. Na leitura e categorização desses textos, descobriu-se que 22/30, no caso do Campus Jaguarão, e 18/20, no caso do Campus Santana do Livramento, refletem a ativação da condição fronteira da UNIPAMPA. Contudo, caso a busca pelos referidos termos seja feita utilizando-se do “Filtro”, disponibilizado na seção “Notícias” de cada um desses sites, os resultados são bem diferentes, pois o mecanismo só seleciona palavras pertencentes aos títulos dos textos. Ter-se-á, neste caso, a soma dos dados da coluna “Título”, indicados nas tabelas 2 e 3 (p. 85), anteriormente exibidas: 6/30 para o Campus Jaguarão e 11/20 para o Campus Santana do Livramento. Essas informações, ilustradas nas figuras 4 e 5 a seguir, são relevantes porque um sujeito interessado em conhecer a relação da instituição com o contexto fronteiro, além de não encontrar nenhum elemento proeminente quando da apresentação institucional – texto “Universidade” - ou no menu de navegação dos sites ora observados, também obterá, caso utilize o mecanismo de busca online disponibilizado pela própria universidade, acesso a um número reduzido de textos.

Figura 4 - Resultados obtidos através do mecanismo "Filtro" - Campus Jaguarão

Unipampa - Notícias

porteias.unipampa.edu.br/jaguarao/index.php?option=com_content&view=category&id=1&Itemid=62

Acesso à Informação BRASIL

unipampa
Universidade Federal do Pampa

Campus Jaguarão
Bacharelado em Produção e Política Cultural
Licenciatura em Pedagogia
Licenciatura em Letras
Licenciatura em História
Tecnologia em Turismo

Filtro: Exibir #

menu

- Inicial
- Conselho do Campus
- Direção
- Graduação
- Pós-Graduação
- Contatos
- Documentos
- Notícias
- Eventos
- Intranet
- Comissões
- ACADÊMICO
- Secretaria Acadêmica
- Biblioteca
- Projetos
- INFORMAÇÕES
- Jaguarao

Título do Artigo	Data	Acessos
Evento de História debate a fronteira	16/12/2013	-
UNIPAMPA abre Processo Seletivo para uruguaios fronteirços	26/11/2013	-
Diálogos sobre História debaterá fronteira, crime e guerra	22/11/2013	-
Evento vai apresentar livros sobre fronteira	15/07/2013	-
UNIPAMPA participa de reunião do Comitê de Fronteiras	23/07/2012	-
Campus realizou Seminário de Consciência Negra na Fronteira	30/11/2011	-
Fronteira e Universidade em debate na primeira aula magna	11/07/2011	-
Comitê de Fronteira Jaguarão/Rio Branco realiza reunião	17/06/2011	-
UNIPAMPA participa de Debates de Integração de Fronteira	15/04/2011	-
Lançamento dos Audiolivros Fronteira Sul em Contos na Argentina	09/11/2010	-
Unipampa participa da Conferência de Cultura de Fronteira	06/09/2010	-
Curso de Letras lança audiolivro Fronteira Sul em contos	12/04/2010	-
UNIPAMPA tem Projeto de Espanhol para Crianças na Fronteira	16/07/2008	826

Fonte: Universidade Federal do Pampa (2013f).

Figura 5 - Resultados obtidos através do mecanismo "Filtro" - Campus Santana do Livramento

Unipampa - Notícias

porteias.unipampa.edu.br/livramento/index.php?option=com_content&view=category&id=1&Itemid=62

Acesso à Informação BRASIL

unipampa
Universidade Federal do Pampa

Campus Santana do Livramento
Administração
Ciências Econômicas
Relações Internacionais
Tecnologia em Gestão Pública

Filtro: Exibir #

menu

- Inicial
- ACADÊMICO
- Graduação
- Pós Graduação
- Agenda 2014/02 Campus
- Calendário 2014 Geral
- Calendário 2015 Geral
- Horários 2014/2
- Horário 2015/1
- Projetos
- Editais
- Biblioteca
- Documentos
- Secretaria Acadêmica
- Guia do Calouro 2015
- ADMINISTRATIVO
- Afastamentos

Título do Artigo	Data	Acessos
Confira as datas da próxima edição do Inglês Sem Fronteiras	12/02/2015	-
UNIPAMPA abre Processo Seletivo para uruguaios fronteirços	26/11/2013	-
GEIEB participou do Comitê Binacional de Fronteiras Brasil-Uruguai	13/05/2013	-
Grupos de Estudos Integram na Tríplice Fronteira	26/03/2013	-
Chamada de candidatos uruguaios fronteirços suplentes	30/10/2012	-
Chamada de candidatos uruguaios fronteirços suplentes	27/09/2012	-
Nova chamada de uruguaios fronteirços	03/09/2012	-
Chamada de uruguaios fronteirços para Administração Noturno	29/08/2012	-
Chamada de candidatos uruguaios fronteirços suplentes	21/05/2012	-
Nova chamada de suplentes uruguaios fronteirços	04/04/2012	-
Chamada de candidatos uruguaios fronteirços suplentes	26/03/2012	-
Chamada de candidatos uruguaios fronteirços suplentes	21/03/2012	-
Curso de Letras lança audiolivro Fronteira Sul em contos	12/04/2010	-

Fonte: Universidade Federal do Pampa (2013g).

Outra observação pertinente diz respeito à evolução das ocorrências classificadas como “ativada – explícita” e “ativada – diluída”, representadas nas tabelas seguintes.

Tabela 6 - Evolução das classificações de textos nas categorias "ativada/explicita" e "ativada/diluída"

Ano	Campus Jaguarão			Campus Santana do Livramento		
	explícita	diluída	total	explícita	diluída	total
2011	1	4	5	1	0	1
2012	1	8	9	2	8	10
2013	3	5	8	4	3	7
total	5	17	22	7	11	18

Fonte: Stefânia Costa, 2015

Pode-se verificar, se comparados apenas os textos publicados nos anos de 2012 e 2013, cujos 12 meses foram integralmente contemplados pelo *frame* temporal desta pesquisa, que não há crescimento do número de ações divulgadas as quais ativam a condição fronteira da UNIPAMPA. Pelo contrário, há redução. Essa constatação vai de encontro à ideia de uma progressiva inserção regional e da tendência de a UNIPAMPA aproximar-se cada vez mais do seu entorno. Todavia, olhando-se somente para a subcategoria "explícita", vê-se que, conquanto não tenha aumentado o número de iniciativas institucionais, divulgadas nos sites, advindas da condição fronteira, aumentou sutilmente o interesse em explicitar que as mesmas estão diretamente relacionadas à localização geográfica da UNIPAMPA, ao fato de esta atuar na região da fronteira.

6.2.1.1 A condição fronteira da UNIPAMPA ativada e explícita no texto

Os textos aqui classificados, além de narrarem uma ação institucional voltada à fronteira, destacam que esta ação está vinculada à localização geográfica da UNIPAMPA, esclarecendo, neste caso, estar agindo em prol daquele entorno.

Do Campus Jaguarão, por exemplo, cita-se o projeto "Análise da ruralização e do viver na fronteira no município de Jaguarão/RS", texto J6, cujo nome já indica que Jaguarão se trata de uma cidade fronteira. No decorrer da leitura, lê-se a afirmação do professor responsável de que "o objetivo é entender como hábitos rurais, trazidos por aqueles que se deslocam de um espaço a outro, se perpetuam no ambiente citadino". De acordo com este docente, existe a intenção de "averiguar o

comportamento dos jaguarenses frente aos vizinhos uruguaios”, observando as aproximações através do comércio legal e ilegal, dos laços familiares, dos interesses comuns na produção agropecuária, na forma semelhante de vida que levam, entre outras questões. Fica, portanto, neste texto, explicitada a vizinhança e as relações entre Jaguarão e Uruguai, havendo associação entre a localização da Universidade e a iniciativa exposta.

Outro projeto divulgado no site deste Campus e descrito pelo texto J16 é o “*Español Básico para Niños*”, promovido pelo curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol. São oferecidas 20 vagas para o curso de ensino de língua espanhola para crianças no intuito de inseri-las naquele ambiente, “já que a cidade de Jaguarão está situada em uma zona de fronteira”. É relevante salientar que, das 20 vagas, 10 são especialmente para parentes de alunos, funcionários e professores da UNIPAMPA, parecendo este um empenho em estimular o público interno, bem como seus familiares, a aprender e estimar a língua do Outro, que está “ali do lado”. Essa ação também vai ao encontro da proposta do Setor Educacional do MERCOSUL (SEM) de as universidades se tornarem campos de mediação cultural, promovendo as línguas do bloco, reconhecendo e destacando as práticas socioculturais regionais e fomentando a integração.

Quando, no texto J23, divulga-se a abertura das inscrições para o curso de “Especialização em Direitos Humanos e Cidadania”, ofertado pelo Campus Jaguarão, é novamente frisada a localização fronteiriça da UNIPAMPA, fala-se da participação de professores uruguaios e afirma-se que a importância do curso está relacionada à região:

Para a coordenação, o curso se constitui em uma oportunidade ímpar para a reflexão da problemática contemporânea dos direitos humanos em um mundo em constante transformação, em níveis de exclusão social acentuados, com múltiplos desafios para a efetivação da cidadania na sociedade brasileira. Acrescenta-se o fato que o curso será ministrado em uma zona de fronteira (Jaguarão/Rio Branco) onde o multiculturalismo está sempre presente (UNIPAMPA – TEXTO J23, 2013, grifo nosso).

Em outra ocasião, texto J25, conta-se que a Universidade do Interior da República do Uruguai (UDELAR) sediou um evento, no Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa, cujo objetivo foi a apresentação dos livros

“*Fronteras que nos unen límites que nos separan*”, de Enrique Mazzei, e “*La Frontera em Cifras*”, de Enrique Mazzei e Maurício de Souza, ambos sociólogos vinculados à UDELAR os quais estudam a fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Ou seja, a UNIPAMPA mostra relacionar-se com as instituições de ensino superior uruguaias, trocando experiências, conhecimento, intercambiando informações. Ainda o texto J25, ao final, conta que os referidos sociólogos ministraram o curso “*Desarrollo, Actores y Fronteras*”, abordando questões sociais em zonas de fronteira, o qual ocorreu “em Rio Branco – cidade uruguaia vizinha de Jaguarão”.

Os textos provenientes do portal do Campus Santana do Livramento também fazem essas associações. No texto SL1, cujo conteúdo comenta a participação de uma professora e seu aluno no “XXI Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas”, em Porto Alegre, explica-se que o trabalho apresentado pela dupla, denominado “Empreendedorismo e Desenvolvimento em Regiões de Fronteira: um estudo exploratório sobre o comportamento empreendedor na região sul do Brasil”, foi desenvolvido em Santana do Livramento, acreditando-se que, conhecendo o empreendedor local, é possível desenvolver ações de estímulo ao empreendedorismo, apoiando-se o desenvolvimento da região. Segundo a coordenadora do projeto, consta no texto, é importante participar de eventos e mostrar o que a UNIPAMPA está fazendo para auxiliar no desenvolvimento regional.

Outra iniciativa similar - texto SL11 - é o trabalho apresentado por uma aluna do Curso de Administração da UNIPAMPA durante o “XXXVI Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD)”. Chamado “Injustiça no Preço: Percepção dos Consumidores dos Free Shops de Rivera”, aborda “o comportamento do consumidor frente à variação cambial verificada na diferença de preços e cotações entre free shops da cidade uruguaia fronteira com Santana do Livramento”. Aqui, observa-se mais uma vez o termo “fronteira” referindo-se ao Outro, neste caso, à cidade uruguaia.

A “III Feira Binacional do Livro” é foco do texto SL13. Saliencia-se ser promovida por uma Comissão Binacional, composta por instituições de ensino e cultura do Brasil e do Uruguai, e ocorrer em plena Praça Internacional⁷, símbolo das cidades-gêmeas Santana do Livramento e Rivera, compartilhando várias faces da

⁷ Imagem 3, p. 69

cultura fronteiriça e congregando com habitantes das duas cidades. A UNIPAMPA, segundo estes textos, participa da Feira através do projeto “Voluntários da UNIPAMPA na III Feira Binacional do Livro”, mobilizando servidores, docentes e discentes que, nesta edição, compartilharam um espaço com a UDELAR, uruguaia. Foram lançadas, afirma-se, 24 obras cujos autores são professores e alunos da UNIPAMPA.

Percebe-se se tratar esta de mais uma ação institucional à qual é dada continuidade, pois no ano seguinte, texto SL17, narra-se a atuação da UNIPAMPA na “IV Feira Binacional do Livro”, mais uma vez alertando para a sua realização na “Praça Internacional, divisa entre Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)” e para o objetivo de compartilhar a cultura fronteiriça através da literatura, música, dança e teatro. Atenta-se que, por ocasião deste evento, a tradutora e intérprete de libras da UNIPAMPA encontrou alunos e docentes uruguaios envolvidos com a Língua de Sinais Uruguaia (LSU). Fica evidente, pois, que houve trocas, intercâmbios com o país vizinho.

Nos textos SL14 e SL18, o Campus Santana do Livramento anuncia que sediará, enquanto participante da comissão organizadora, por intermédio do GEIEB, uma etapa do “XIV Congresso Internacional sobre Integração Regional, Fronteiras e Globalização no Continente Americano”. Mais uma vez, nesses textos, reforça-se a localização geográfica. O texto SL14 diz: “Será realizada uma atividade complementar nas idades de Santana do Livramento e Rivera (Uruguai), região fronteiriça entre Brasil e Uruguai”. Já o texto SL18 afirma que haverá passeios conduzidos por guias e alunos do Campus Santana do Livramento,

além de visitas a locais turísticos nos dois lados da fronteira, propiciando o contato com a realidade local e a troca de experiências e reflexões sobre os temas do evento e o cotidiano observado (UNIPAMPA – TEXTO SL14, 2013).

Os textos J29 e SL19 possuem teores semelhantes. Neles, pela primeira e única vez, entre o lançamento do Edital n° 145, em 20 de outubro de 2011, e o encerramento do Edital n° 204, em 6 de janeiro de 2014, o foco é a divulgação do processo seletivo para uruguaios fronteiriços, neste caso, regulamentado pelo Edital n° 204/2013. As informações relativas aos dois editais anteriores (Edital n° 145/2011

e Edital n° 73/2013) não constam entre as “Notícias” dos portais dos dois *campi* que oferecem tais vagas, o que é instigante. Nesses textos, disponibilizados em ambos os sites, com o título “UNIPAMPA abre Processo Seletivo para uruguaios fronteiriços”, anuncia-se os cursos os quais têm vagas abertas e, mais uma vez, esclarece-se, em frases como “os candidatos de Rio Branco, na fronteira com Jaguarão”, a localização fronteiriça da UNIPAMPA.

Essas colocações são mais bem compreendidas quando se observa o que os textos da subcategoria “ativada - diluída” têm de diferente, como será destacado a partir de agora.

6.2.1.2 A condição fronteiriça da UNIPAMPA ativada, porém diluída no texto

Grande parte do material que compõe o *corpus* de análise da pesquisa pertence a esta subcategoria: 17/30 textos do Campus Jaguarão – 56,6% - e 11/20 do Campus Santana do Livramento – 55%. Ou seja, mais da metade das vezes em que aparecem as unidades de registro “fronteira(s)” e/ou “fronteiriço(a)(s)” o conteúdo do texto faz referência a alguma prática institucional consonante com o compromisso da UNIPAMPA em promover o desenvolvimento regional e a integração latino-americana.

Além disso, essas informações fazem pensar que, de fato, a instituição tensiona e é tensionada por elementos da história, da economia, da cultura e da identidade fronteiriça. Quando o Campus Jaguarão divulga, por exemplo, no texto J5, a realização do “I Seminário Internacional Consciência Negra na Fronteira”, faz referência ao povo quilombola, afirmando que pela primeira vez foram ouvidas as histórias e as expectativas deste grupo, habitante na Fronteira Sul do Brasil. Nota-se, ainda, a continuidade desta ação, pois, como comprova o texto J21, em seguida acontece na UNIPAMPA a segunda edição deste evento, havendo a intenção de realizá-lo todos os anos, não apenas em Jaguarão, como em outras cidades das fronteiras entre Argentina, Uruguai e Brasil.

Já nos textos J7 e J8 relata-se a visita da então Ministra da Cultura, Ana de Hollanda, por ocasião do início das obras do Centro de Interpretação do Pampa (CIP), afirmando-se ser este um museu cuja proposta é abordar aspectos da

singularidade da paisagem natural, da ocupação da região, da mestiçagem genética e simbólica dos povos indígenas, ibéricos, africanos e da fronteira, construindo-se uma identidade regional. Salienta-se, inclusive, a fala da ministra por ela enxergar o CIP como um esforço na aproximação com os países irmãos, trabalhando a cultura na região fronteira.

No decorrer da leitura das notícias, encontra-se palavras como “binacional”, “Argentina”, “Uruguai”, “MERCOSUL”, “uruguayos”, “Pampa”, “integração”. As ações, em geral, demonstram respeito pela alteridade e valorização da diversidade regional, tudo indicando que a Universidade não “vira as costas” para o Outro.

Ao anunciar, no texto J9, inscrições para o curso de “Especialização em Culturas, Cidades e Fronteiras”, o Campus Jaguarão salienta que as discussões levarão em consideração a dinâmica e os fluxos existentes entre Brasil e Uruguai. Em seguida, no texto J11, que relata a cerimônia especial de abertura desta pós-graduação, ocorrida nas dependências da UNIPAMPA, destaca-se que, entre as autoridades recebidas, estava o Cônsul do Brasil no Uruguai.

Na sequência, texto J12, vem o anúncio de que a instituição vai sediar, em comum acordo entre os governos do RS e do Uruguai, o “1º Fórum Gaúcho Oriental de Educação, Cultura e Inovação Tecnológica”, tratando-se de um evento binacional, do qual participam representantes do governo estadual gaúcho e do governo nacional uruguaio, além de integrantes da comunidade local. O objetivo é discutir e elaborar, durante reuniões técnicas binacionais, planos e políticas para cooperação. Entre outros registros, aparece “trabalho conjunto”, “ações compartilhadas”, “equipes binacionais”, “ensino bilíngue”, “intercâmbio cultural”, “programação cultural fronteira binacional”, “desdobramentos práticos e locais do acordo nacional de cooperação Brasil-Uruguai”. Ou seja, a UNIPAMPA vai mostrando que abre espaço para a manifestação da diversidade, para a interação e a integração com o povo uruguaio.

Mais um evento sediado no Campus Jaguarão foi a reunião anual do Comitê de Fronteira Jaguarão – Rio Branco. Conforme o texto J18, autoridades brasileiras receberam representantes uruguayos, unindo-se para discutir as inquietações da região de fronteira. Nesta ocasião, assinala-se, o diretor do Campus foi convidado para integrar o Comitê, a fim de continuar discutindo as questões de fronteira e a

atuação da UNIPAMPA. A Universidade, no texto J22, comenta também a sua participação na reunião ampliada do Plano de Desenvolvimento e Integração da Fronteira (PDIF/RS), em Porto Alegre. Dentre os compromissos registrados no PDIF/RS, cujos eixos de trabalho contemplam a integração territorial e cultural, bem como o fortalecimento institucional do território, está o de ser mediador do incentivo institucional e da promoção das condições para o desenvolvimento e integração da região fronteiriça. Segundo observações do diretor do Campus Jaguarão, sua participação na reunião, discutindo questões fronteiriças, foi uma experiência enriquecedora para que a Universidade conhecesse melhor o Pampa e as regiões de fronteira, estreitando laços com a Argentina e o Uruguai.

Aos poucos, nota-se que a UNIPAMPA atua em diversas frentes, inserindo-se nas discussões sobre a região e agindo realmente em consonância com seu Projeto Institucional. Outros eventos anunciados no site do Campus Jaguarão confirmam essas impressões: são exemplos o “I Fórum de Educação Ambiental da Região da Fronteira”, texto J24; a “II Semana Binacional do Turismo”, texto J26, cujo tema contempla a ampliação de discussões e ações que auxiliem no desenvolvimento turístico das regiões de fronteira, também contando com a presença de representantes do Uruguai; o “I Seminário Internacional de Educação Integral de Fronteira: concepções e processos de implantação”, texto J27, com o objetivo de dialogar sobre educação integral em regiões de fronteira e interiorizadas no sul do país; além do ciclo de conferências “Diálogos sobre História: a fronteira em questão”, textos J28 e J30, ocasião para a apresentação de trabalhos sobre história, fronteira, guerra e crime, com ênfase na realidade regional, platina e latino-americana.

O Campus Santana do Livramento movimenta-se no mesmo sentido. O texto SL15 descreve a participação de professores e alunos de graduação e pós-graduação em reunião realizada na Tríplice Fronteira das cidades de Barra do Quaraí (RS), Bella Unión (UY) e Monte Caseros (AR), destacando que os trabalhos foram conduzidos por um professor da UNIPAMPA. Esse mesmo docente, coordenador do Grupo de Estudos Integração Econômica Binacional e Desenvolvimento Social em Regiões de Fronteira (GEIEB), é citado no texto SL16, cujo teor conta da participação do GEIEB em reunião do Comitê Binacional de Desenvolvimento de Regiões de Fronteira, ocorrida na cidade de Aceguá/RS. Há, no

conteúdo, referências às cidades-gêmeas do Brasil com o Uruguai, citando-se as peculiaridades dessas cidades-espelho, e fala-se, ainda, sobre o respaldo das relações de intercâmbio fronteiriço. Por fim, nesta mesma categoria, há outra iniciativa idealizada pelo referido professor, narrada pelo texto SL20: o projeto “Ferradura dos Vinhedos em Santana do Livramento RS: Turismo e Desenvolvimento na Fronteira do Brasil com o Uruguai”. Frisa-se ter sido desenvolvido no campus local da UNIPAMPA e entregue à Secretaria Municipal de Turismo em Santana do Livramento por servidores da instituição.

Desperta curiosidade, todavia, o fato de tais iniciativas serem organizadas/coordenadas por um único docente, o qual, segundo a “assinatura” dos textos SL15, SL16 e SL20, envia ele próprio informações para a Assessoria de Comunicação Social. Como todas as demais postagens na seção “Notícias” do Campus Santana do Livramento, classificadas nesta categoria (textos SL3, SL4, SL5, SL6, SL8, SL9, SL10 e SL12), dizem respeito às chamadas de suplentes do processo seletivo específico para uruguaios fronteiriços, com caráter técnico, refletiu-se se a divulgação deste tipo de empreendimento proposto/coordenado pelo docente provém realmente de uma política da UNIPAMPA, preocupada em mostrar sua atuação regional, valorizando-a através da comunicação, ou se por acaso é fruto do empenho pessoal de alguns alunos/servidores, os quais colocam em prática determinada ação e fazem questão de divulgá-la, enviando informações para a Assessoria de Comunicação Social (ACS). Não se terá aqui tal resposta em virtude de esta pesquisa não abranger as condições de produção do material, mas, uma vez averiguado que, também pertencentes a esta categoria, existem outros textos (J9, J11, J13, J17, J22, J24 e J26) com a mesma característica, pensa-se haver uma dificuldade proveniente da distribuição um tanto complexa dos *campi* quando comparada à infraestrutura e à localização do setor de comunicação.

É relevante, ainda, remarcar as chamadas de candidatos uruguaios fronteiriços suplentes (textos SL3, SL4, SL5, SL6, SL8, SL9, SL10 e SL12), os quais participaram do Edital n° 145, de 20 de outubro de 2011, atentando-se para o fato de que, embora a coleta do material para esta análise tenha começado exatamente na data de lançamento deste edital, nada foi publicado na seção “Notícias”, em nenhum dos dois sites, sobre o processo seletivo, quantos participantes, cursos oferecidos,

lista de aprovados, etc. Começa-se diretamente pelas chamadas de suplentes. O Campus Jaguarão, embora não publique estas chamadas, refere-se a esta modalidade de ingresso no decorrer do texto J18.

Ao observar os títulos dos textos pertencentes à categoria “ativada – diluída”, constata-se, sobretudo a partir destas chamadas de “fronteiriços suplentes”, que o fronteiriço é sempre o uruguaio, o Outro. Vê-se que, conquanto as ações divulgadas exponham a atuação da UNIPAMPA e mostrem que ela considera as possibilidades existentes dos dois lados da linha divisória, praticando a fronteira, nem por isso a instituição assume-se fronteiriça. Fala do “povo da fronteira”, da “cultura na região fronteiriça”, das “cidades das fronteiras”, do “contexto fronteiriço”. A fronteira também está em nomes de eventos, de projetos, de comitês. O que não ocorre, nos textos pertencentes a esta subcategoria, é a vinculação dessas iniciativas ao fato de os dois *campi* da UNIPAMPA estarem localizados nessas cidades-gêmeas. Alguns elementos até confundem um leitor leigo. No texto J17, por exemplo, cita-se “a importância desse centro cultural (CIP) para a cidade de Jaguarão e região de fronteira com os países do MERCOSUL”, parecendo que Jaguarão dissocia-se da região fronteiriça. Por isso a escolha pelo termo “diluída” para nomear esta subcategoria. Parece que a condição fronteiriça da UNIPAMPA foi ativada, mas que está diluída nas práticas discursivas da instituição.

6.2.2 A condição fronteiriça da UNIPAMPA desativada

Nesta categoria estão os textos nos quais, ainda que os termos “fronteira(s) e “fronteiriço(a)(s)” sejam citados, algumas vezes inclusive referindo-se a uma ação institucional voltada à fronteira, o foco não está nesta ação.

O processo seletivo para uruguaios fronteiriços é mencionado, por exemplo, nos textos SL2 e J2, os quais, na verdade, falam sobre o “Fórum de Ciências Sociais Aplicadas”, ocorrido no Campus São Borja da UNIPAMPA. Na ocasião, em que se discutia a identidade da instituição, os membros debateram interdisciplinaridade, mobilidade discente e docente, educação à distância, Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), aulas por meio da plataforma *Moodle* e estratégias para estimular o inter-relacionamento entre os cursos. Quando do pronunciamento do

vice-reitor da UNIPAMPA, relatado no texto, ele comenta brevemente a modalidade especial de ingresso para uruguaiois fronteiriços.

Em seguida há uma ocorrência similar. No texto J10, sobre a participação de servidores no “8º Congresso Internacional de Educação Superior”, em Cuba, apresentando um trabalho sobre extensionismo, comenta-se diversos momentos do evento, como os debates lá realizados pelos representantes da UNIPAMPA. Ao final do texto, explica-se que o diretor do Campus Jaguarão aproveitou a oportunidade para trocar experiências com universidades de outros países, dialogar com elas sobre possível intercâmbio de estudantes, e, além disso, relatar a profícua experiência para integração e inclusão étnica através de processo seletivo especial para indígenas e fronteiriços. Encerra-se, então, com a afirmação do diretor: “Estamos recebendo os primeiros alunos indígenas e fronteiriços e com muita satisfação”.

O “II Seminário Internacional Consciência Negra na Fronteira”, promovido pelo Grupo PET – História da África, atuante no Campus Jaguarão, é brevemente citado no final dos textos J14 e J19. O tema central de tais textos, no entanto, é a realização de uma mesa-redonda sobre abolição da escravatura, bem como o deslocamento dos membros do Grupo para o “II Encontro Internacional de Estudos Africanos”, na Universidade Federal Fluminense.

Nesta mesma categoria encontra-se o texto J15, referente ao “Sarau Califórnia da Canção Nativa”, organizado por uma professora e um aluno do Campus Jaguarão. O termo “fronteira” aparece como referência à cidade de Uruguaiana, sede das finais do grande evento artístico musical denominado “Califórnia da Canção Nativa”. Explica-se que o Sarau tem o intuito de relembrar grandes momentos desse festival, cujos objetivos são valorizar a música do Rio Grande do Sul, divulgar a identidade cultural gaúcha, apreciar artistas que representam a linguagem e a cultura sul-rio-grandense, entre outros. Não se faz, pois, nenhuma ligação entre a promoção do Sarau, realizado na UNIPAMPA, e a condição fronteiriça da universidade.

É relevante o fato de se tratar de uma universidade brasileira, atuante na fronteira, abrindo suas portas para os vizinhos uruguaiois, ou seja, dando a

impressão de que reconhece o Outro e quer aproximar-se dele, desse modo deixando que ele faça parte da descoberta da própria identidade institucional da UNIPAMPA, da descoberta de um “si”, como propunha Landowski (2012).

Porém, percebe-se que a UNIPAMPA, embora reconheça e pratique a fronteira, agindo em favor de seu desenvolvimento, não se assume, claramente, verbalmente, como fronteira, mas se mantém como uma universidade pública, sobretudo brasileira, agente na região da fronteira gaúcha. Talvez por isso, embora a leitura atenta de todos esses textos permita acreditar que a Universidade considera, sim, as possibilidades presentes nos dois lados da linha divisória, o fronteiriço, em nenhum dos textos analisados, mesmo na categoria em que está explícita a relação das ações institucionais com a localização geográfica da UNIPAMPA, seja um “Nós”. É possível, ainda, que esta seja a razão pela qual o texto de apresentação institucional – “Universidade” – não faça uma única referência à fronteira; na organização comunicada da UNIPAMPA o espanhol não conviva sistematicamente com o português; e não se dê destaque, na página de abertura dos sites ora observados, ao que a instituição faz pelo povo fronteiriço e pelo desenvolvimento da região.

Aquelas mesmas pontuações de Hall (2011) e Silva (2013) sobre a possibilidade de identificações com distintas culturas, as quais são acionadas de acordo com a situação, podem ser trazidas para a Universidade Federal do Pampa, de forma que poderia produzir e circular sentidos estratégicos com o propósito de ser reconhecida como uma referência na fronteira, como uma instituição fronteira, sem, contudo, deixar de ser também compreendida como uma universidade pública brasileira afim com todas as demais. O próprio habitante daqueles espaços ativa determinadas identificações de acordo com a circunstância que a ele se apresenta. Às vezes é uruguaio/brasileiro, noutras, fronteiriço, e esse (des)ativar não o impede de se sentir um sujeito coerente.

As inferências mostraram, todavia, que, mesmo ao acionar sua condição fronteira através da organização comunicada, divulgando diversas iniciativas que contemplam a presença uruguaia, o fronteiriço, nos discursos planejados da UNIPAMPA, é retratado especialmente como sendo o Outro, estabelecendo-se a diferença ao exteriorizá-lo. Ele está ali, é reconhecido, mas entendê-lo como um

“Nós” exigiria do leitor um olhar mais atento e reflexivo, afinal, como disse Thompson (2011), esses textos são fenômenos culturais, contextualizados, e realizar análises culturais não é uma tarefa simples.

Não se quer dizer que uruguaio seja reduzido à condição de pura exterioridade esboçada por Landowski (2012). Ele está ali, do lado, ajudando uma universidade ainda jovem a descobrir-se, a compreender-se. As práticas identitárias, sem dúvida, ainda oscilam, aparecendo nos textos indícios de “assimilação” e de “admissão”, mas a presença do Outro, mesmo na categoria “a condição fronteira da UNIPAMPA desativada”, não é negada. Um dos grandes desafios desta Universidade seria, pois, relacionar-se com o país vizinho de forma positiva, aprimorando estratégias de valorização da identidade fronteira em sua complexidade.

Em alguns casos, por exemplo, fala-se em considerar os fluxos existentes entre Brasil e Uruguai; em realizar no país vizinho as próximas edições de um evento inicialmente sediado na UNIPAMPA; em aproximar-se dele de modo a trabalhar em conjunto a cultura da região fronteira; em unir-se para discutir as inquietações em comum. Cita-se, então, eventos, equipes, comitês, planos e políticas binacionais os quais pautam a integração, o ensino bilíngue, a cooperação, o intercâmbio cultural. Esses momentos são os que mais se aproximam de um “Nós”: “nós, os fronteirizos, unidos pelo desenvolvimento de nossa região”.

Para fazer tal interpretação, porém, foi preciso acompanhar as falas institucionais por mais de dois anos e ler/observar mais de 250 textos, o que leva a crer que a UNIPAMPA perde a oportunidade de trazer claramente para seus discursos os importantes acionamentos que faz de sua condição fronteira. Ou seja, deixa de apropriar-se de um potencial que se reverteria em simpatia e reconhecimento, projetando simbolicamente a universidade sobre aquele entorno sociocultural. Fazê-lo poderia, inclusive, ajudá-la a inserir-se regionalmente de forma mais incisiva, acentuando sua condição de referência em termos de atuação na fronteira.

Baldissera (2009b), como evidenciado na exposição teórica desta pesquisa, afirma que a tendência de os públicos copiarem os valores e comportamentos de uma organização é intensificada quando a legitimidade organizacional não é

somente uma construção discursiva, mas é geradora de renda, empregos, desenvolvimento humano, sustentabilidade e responsabilidade social. No caso da UNIPAMPA, as ações voltadas ao seu entorno mostram que age, enfim, pela região, no entanto, não se preocupa tanto em construir sua reputação fronteiriça também discursivamente.

Conquanto a comunicação não se resuma às falas planejadas, a dimensão da organização comunicada, por produzir e circular sentidos, é capaz de estimular determinados tipos de interação, de reforçar certos valores e estereótipos, afetando, sem dúvida, a cultura do entorno. Será estratégica, então, para a UNIPAMPA, se conseguir ajudá-la a causar as impressões desejadas, a recrutar os sujeitos, construindo a cultura organizacional com e a partir deles, mobilizando sentidos que a ajudem a atingir seus propósitos, dentre eles o desenvolvimento regional e a integração entre os países latino-americanos.

O parecer de Müller (et al., 2007, p. 187), em artigo o qual observa a organização não-governamental ACM/ACJ Fronteira, resume muito bem este raciocínio:

A comunicação oferece seu aporte teórico e técnico, para pensar e trabalhar os intercâmbios entre a cultura local e a cultura organizacional. O gerenciamento da comunicação no sentido integrador, utilizando recursos das relações públicas, do rádio, do jornalismo, da assessoria de imprensa, da publicidade e propaganda e de outras áreas da comunicação pode focar em planos, programas e projetos, no âmbito social e cultural, fortalecendo e valorizando a identidade e a imagem da população da fronteira (MÜLLER et al., 2007, p. 187).

Lembra-se, ainda, que esta população esteve, por muitos anos, isolada, historicamente à mercê de decisões políticas que, tomadas nas capitais, muitas vezes ignoravam as principais dificuldades da condição fronteiriça. Logo, ter uma instituição do porte da UNIPAMPA assumindo-se em seus discursos e ações como “da fronteira” é também uma forma de trabalhar a autoestima do habitante da região. Além disso, o desafio democrático de exercitar a inclusão e promover o diálogo intercultural, deixando que a diversidade se manifeste, estende-se a todas as demais universidades brasileiras neste período de expansão e de internacionalização, de forma que a UNIPAMPA pode mais uma vez registrar o

pioneirismo brasileiro-uruguaio quando se trata de integração e de competência intercultural em um espaço compartilhado.

7 CONSIDERAÇÕES

Este trabalho partiu da observação de fenômenos culturais diretamente relacionados à prática das relações públicas nas universidades. Em virtude disso, certamente essas que agora se faz não são considerações finais. O processo comunicacional é, tanto quanto a fronteira brasileiro-uruguaia e a própria instituição universitária, extremamente dinâmico. Por isso, tais questões continuarão a ser problematizadas e ampliadas a partir das informações teóricas e empíricas obtidas nesta pesquisa, cuja intenção foi compreender se a Universidade Federal do Pampa, em seus esforços de comunicação denominados organização comunicada, ativa sua condição fronteiriça e pratica movimentos interculturais, aproximando-se estrategicamente da identidade regional existente na fronteira brasileiro-uruguaia.

Esse objetivo geral veio acompanhado dos objetivos específicos. Primeiramente, havia o intuito de enriquecer as pesquisas sobre comunicação e fronteiras brasileiras ao direcioná-las para as organizações não midiáticas, neste caso, as universidades. Fazer isso era uma maneira de dar continuidade aos estudos já existentes e, ao mesmo tempo, alertar para a importância de a comunicação organizacional e as atividades de relações públicas também estimularem a integração latino-americana, a prática da admissão do Outro, enfim, a convivência pacífica e intercultural entre os povos. Neste caso específico, entre os povos que se encontram nas fronteiras do Brasil com o Uruguai, consideradas importantes laboratórios de investigação e inspiração ao se repensar o MERCOSUL para além do âmbito econômico.

A Universidade Federal do Pampa, por ter surgido sob o amparo da Universidade Federal de Pelotas e da Universidade Federal de Santa Maria, não nasceu “na fronteira”, nasceu “para a fronteira”, isto é, para gerar desenvolvimento em uma região periférica do Rio Grande do Sul a qual apresentava as mais diversas carências, entre elas a de investimentos em educação. Essa constatação relativa ao surgimento da instituição fazia crer na possibilidade de ela não se sentir e se assumir fronteiriça. Traçou-se, assim, mais um objetivo específico: identificar, observando a dimensão da organização comunicada da UNIPAMPA, se as

aparições dos termos *fronteira(s)* e *fronteiriço(a)(s)* remetem à condição *fronteiriça* da Universidade. Descobriu-se que, embora muitas vezes os textos publicados nos sites dos *campi* Jaguarão e Santana do Livramento narrem uma ação da UNIPAMPA voltada ao contexto *fronteiriço*, ela não se assume, claramente, como *fronteiriça*. O fato de a maior parte do *corpus* analisado pertencer à categoria “ativada – diluída” comprova essa afirmação. Neste caso, é relevante mencionar que compreender-se e projetar-se enquanto uma instituição *fronteiriça* não apenas pode ser estratégico, como debatido nos capítulos 3 e 6. Pode, para além disso, ser fortificante para a construção identitária da UNIPAMPA, para que a instituição de fato ocupe um lugar na *fronteira*, não apenas territorial, mas também discursivo.

Por ter nascido “para a *fronteira*” e não especificamente “na *fronteira*”, esta IFES, em seu Projeto Institucional, prevê movimentos de inserção regional. Como se trata de uma instituição ainda jovem, considera-se que realmente precisa de um tempo para se legitimar e obter reconhecimento. O terceiro objetivo específico buscou, assim, observar se a dimensão da organização comunicada da UNIPAMPA reflete movimentos crescentes de inserção no contexto *fronteiriço*. Concluiu-se que, entre o final de 2011 e o início de 2014, não houve aumento progressivo no número de ações voltadas à *fronteira* e divulgadas nos sites aqui analisados. O que ocorreu foi um pequeno crescimento no número de textos pertencentes à categoria “ativada – explícita”. Ou seja, passou-se a dar maior destaque ao posicionamento geográfico da instituição, explicitando-se que esta ou aquela ação era por ela desempenhada em virtude de atuar nesse ambiente de encontro entre Brasil e Uruguai.

Ainda que tenha ocorrido tal movimento, não foram encontrados muitos elementos da identidade regional presentes nos discursos da UNIPAMPA. Buscá-los era o quarto objetivo específico deste trabalho. No entanto, raras são as vezes que os textos trazem termos em espanhol, não se fala sobre os dialetos regionais, outros elementos como *chimarrão*, *vida campeira*, *churrasco*, *família binacionais*, práticas de *contrabando*, *trabalho em um lado e residência em outro*, também não são citados ou aparecem timidamente. Crê-se, assim, que a comunicação não é utilizada para que a instituição se faça reconhecer e legitimar como da *fronteira*.

Todas essas ponderações, sempre amparadas pelo debate teórico, levam a crer que o quinto objetivo - desenvolver uma reflexão cujos resultados possam

colaborar para a adoção de uma política expressiva de ação universitária em contextos fronteiriços – foi atingido. Logo, realizar esta pesquisa permitiu bem mais do que compreender se a Universidade Federal do Pampa utiliza-se também da organização comunicada para ativar sua condição fronteiriça, praticar movimentos interculturais e inserir-se regionalmente. Possibilitou amadurecimento acadêmico e profissional, além da ampliação de conhecimentos, os quais certamente terão desdobramentos efetivos no prosseguimento do trabalho de relações públicas, que será, sem dúvida, mais pautado em fazer com que as organizações ajam verdadeiramente em prol da admissão das diferenças.

Identificou-se que a condição fronteiriça da UNIPAMPA ainda é timidamente ativada em suas falas, as quais são materializadas nos textos que publica em seus sites. Por outro lado, não apenas o Projeto Institucional, como o acompanhamento desses “dizeres de si”, surpreenderam quando comparados às primeiras impressões que se tinha. Tudo demonstra, assim, que a referida instituição perde a oportunidade de utilizar-se estrategicamente da comunicação para se dar a conhecer, fazendo com que sua participação no processo de desenvolvimento regional e de integração seja um exemplo a ser seguido, aproximando-se da comunidade à medida que é vista como fronteiriça.

Perde, além disso, de usufruir dessa liberdade que a comunicação organizacional tem hoje para também ser geradora de conteúdo, sobretudo devido à Internet, podendo colaborar para a reprodução da riqueza cultural fronteiriça. Os discursos, lembre-se, são também práticas socioculturais. Para que as grandes mídias mudem a forma negativa de narrar as fronteiras e para que as mídias locais deixem-se invadir cada vez mais por elementos da identidade cultural fronteiriça, precisa-se rever permanentemente tais práticas, averiguando se, de fato, estão contribuindo com as relações pacíficas estabelecidas nas fronteiras e elevando a autoestima do sujeito fronteiriço. Afinal, como lembra Axt (2011, p. 14), “a fronteira de ontem não necessariamente é a de hoje e talvez não seja a de amanhã, por mais sólida que pareça”.

No momento em que a universidade, esteja ou não na fronteira, constrói sentidos compartilhados, direcionando a própria cultura organizacional à aceitação da diversidade e estimulando práticas identitárias interculturais, como a admissão do

Outro, ela colabora para que os sujeitos de classes sociais, etnias, línguas, culturas oprimidas/marginalizadas permaneçam em seu seio, ajudando a mudar os rumos de uma instituição historicamente elitizada e enfrentando os desafios mundiais a ela impostos, como o diálogo intercultural, a construção da paz, a formação da equidade e a justiça social. A comunicação e os comunicadores, sobretudo os que aperfeiçoarem sua competência intercultural, têm a responsabilidade de participar desse processo, cujo impacto é o fortalecimento das culturas regionais e a aceitação das diferenças, contrários à empobrecedora homogeneização. Os relações públicas, em especial, são habilitados para trabalhar de forma que esses esforços se tornem a filosofia da organização, sejam incorporados, fazendo verdadeiramente parte da cultura organizacional.

A ciência deste compromisso, aliada à satisfação por cumprir esta primeira etapa, convoca ao prosseguimento da pesquisa, possivelmente contemplando todos os *campi* UNIPAMPA, bem como as dimensões da organização comunicante e da organização falada, propostas por Baldissera (2009a), além das condições de produção e recepção dos discursos institucionais. Outra possibilidade seria ampliar o presente estudo ao estendê-lo às demais IFES, atuantes ou não nas fronteiras do Brasil, pois todas enfrentam os desafios da inclusão, das ações afirmativas, das práticas interculturais, os quais, sem dúvida, os comunicadores devem ajudar a vencer.

Conclui-se, desta forma, a presente etapa, acreditando-se que a UNIPAMPA já pratica a fronteira e promove intercâmbios em prol da integração com o país vizinho. Carece, agora, de também aprimorar seus discursos, de modo a desenvolver uma comunicação para a integração e a destacar o seu papel social. A tendência, a partir daí, provavelmente será o aceleração de sua inserção regional, bem como a possibilidade de colaborar ainda mais com o desenvolvimento regional e a integração latino-americana.

REFERÊNCIAS

AMARAL, T. R. **El portuñol em la frontera brasileño-uruguayo**: prácticas lingüísticas y construcción de la identidad. Série Fronteiras da Integração, v.2. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2009.

AXT, G. Iluminando divisas. In: GARCIA, F. C. **Fronteira iluminada**: história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920). Porto Alegre: Sulina, 2011.

BALDISSERA, R.; SILVA, M. V. Organizações comunicadas e *ethos* discursivo: imagens de si ofertadas em *sites* institucionais. In: OLIVEIRA, I. L.; MARCHIORI, M. (orgs.). **Redes sociais, comunicação, organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2011, p. 167-186.

BALDISSERA, R. Comunicação organizacional na perspectiva da complexidade. In: **Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**. São Paulo, v. 6, n. 10-11, p. 115-120, 2009a. Disponível em: <<http://revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/view/194>>. Acesso em: 13 jul. 2014.

_____. Comunicação, organizações e comunidade: disputas e interdependências no (re)tecer as culturas. In: CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E RELAÇÕES PÚBLICAS, 3., 2009b, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.abrapcorp.org.br/anais2009/pdf/GT2_Rudimar.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2013.

_____. Comunicação organizacional: uma reflexão possível a partir do paradigma da complexidade. In: OLIVEIRA, I. L.; SOARES, A. T. **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008a, p. 149-177.

_____. Significação e comunicação na construção da imagem-conceito. In: **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. V. 10, n. 3., p. 193-200, set./dez., 2008b. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5397>> . Acesso em: 09 ago. 13.

_____. Tensões dialógico-recursivas entre a comunicação e a identidade organizacional. . In: **Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**. São Paulo, v. 4, n. 7, p. 229-243, ago./dez. 2007. Disponível em: <<http://revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/view/121/140>>. Acesso em: 5 ago. 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENTANCOR, G. **Rivera-Livramento**: una frontera diferente. Série Fronteiras da Integração, v.1. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2009.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **The field of cultural production**: essays on art and literature. New York: Columbia University Press, 1993.

BRAFITEC - Brasil France Ingénieurs Technologie. **Objetivos**. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Lei de Cotas: dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio.

_____. **Lei nº 11.640, de 11 de janeiro de 2008**. Institui a Fundação Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA e dá outras providências.

_____. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas Regionais. **Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira: Bases de uma Política Integrada de Desenvolvimento Regional para a Faixa de Fronteira. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005.

_____. Decreto nº 5.105, de 14 de junho de 2004. Promulga o Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai para permissão de residência, estudo e trabalho a nacionais fronteiriços brasileiros e uruguaios. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 15 jun. 2004. Seção 1, p. 1.

BULGACOV, S.; MARCHIORI, M. Estratégia como prática: a construção de uma realidade social em processos de interação organizacional. In: MARCHIORI, M. (org.). **Comunicação e organização**: reflexões, processos e práticas. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2010.

CANCLÍNI, N. G. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008.

CASTELLO, I. R. et al. (orgs). **Práticas de integração nas fronteiras**: temas para o Mercosul. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, Instituto Goethe/ICBA, 1995.

CELPCYRO - Centro de Estudos em Literatura e Psicanálise Cyro Martins. Disponível em: <<http://www.celpcyro.org.br/joomla/>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

CENTRAL DA FRONTEIRA. Praça Internacional Santana do Livramento (BR) – Rivera (UY). 2014. Disponível em: <<http://www.centraldafronteira.com/galeria-de-fotos2/>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

CHAUÍ, M. **Contra a universidade operacional**: discurso proferido na ocasião da aula magna na Universidade de São Paulo – USP, 2014. Disponível em: <http://www.adusp.org.br/files/database/2014/tex_chau_i.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2014.

CSF – PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS. **O programa: o que é?**. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

DORFMAN, A. **Contrabandistas na fronteira gaúcha**: escalas geográficas e representações textuais. 2009. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

_____. Representações, normas e lugares: contos de contrabando da fronteira gaúcha. In: **Revista Eletrônica ParaOnde!?** Porto Alegre, v.6, n.2, p. 102-113, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/36487>>. Acesso em: 02 jul. 2014.

_____. A condição fronteiriça e a securitização das fronteiras do Brasil. In: Nascimento, Durbens Martins; Porto, Jadson Luis Rebelo. **Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa da Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/8583892/A_CONDICAO_FRONTEIRICA_DIANTE_DA_SECURITIZACAO_DAS_FRONTEIRAS_DO_BRASIL>. Acesso em: 13 nov. 2014.

DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FAIRHURST, G. T.; PUTNAM, L. As organizações como construções discursivas. In: MARCHIORI, M. (org.). **Comunicação e organização**: reflexões, processos e práticas. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2010.

FERRARI, M. A. Relações públicas contemporâneas: a cultura e os valores como fundamentos para a estratégia da comunicação. In: KUNSCH, M. M. (org.). **Relações Públicas**: história, teoria e estratégias nas organizações contemporâneas. São Paulo: Saraiva, 2009.

FLECK, C. F. Uma universidade para o pampa gaúcho: estudo a partir de elementos da estética organizacional. In: **Revista do Desenvolvimento Regional – Faccat**, v. 10, n. 2, p. 21-40, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://seer.faccat.br/index.php/coloquio/article/view/31>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

FLEURI, R. M. Desafios epistemológicos emergentes na relação intercultural. In: NÚÑES, Ángel; PADOIN, Maria M.; OLIVEIRA, Tito C. M. (orgs.). **Dilemas e diálogos platinos**: relações e práticas socioculturais, v.2. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, J. Memorial descritivo da assinatura visual da UNIPAMPA. Bagé, 2008. In: UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa. **Manual de identidade visual da UNIPAMPA**, 2013. Disponível em: <<http://unipampa.edu.br/portal/universidade/79>>. Acesso em: 14 out. 2013.

FOUCHER, M. **L'obsession des frontières**. Perrin, Paris, 2007.

FRANCO, M. L. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2012.

GARCIA, F. C. **Fronteira iluminada**: história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920). Porto Alegre: Sulina, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRUNIG, J. Definição e posicionamento das relações públicas. In: GRUNIG; J.; FERRARI, M. A.; FRANÇA, F. **Relações públicas**: teoria, contexto e relacionamentos. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009.

GRUPO RETIS DE PESQUISA/IGEO/UFRJ. **Faixa de Fronteira**: municípios, 2003. Disponível em: <<http://www.igeo.ufrj.br/fronteiras>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez/ 1997.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**: resultados – Santana do Livramento. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431710>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

INE – Instituto Nacional de Estadística. **Censos**: resultados – Rivera. Montevideo, UY, 2011. Disponível em: <<http://www.ine.gub.uy/censos2011/resultadosfinales/rivera.html>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LUCENA, M. G. **A condição social fronteiriça Brasil-Uruguai no Mercosul**. Série Fronteiras da Integração, v.3. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2012.

MACHADO, L. O. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, T. et al. (orgs). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB, 1998, p. 41-49.

MACHADO, L. O. et al. O desenvolvimento da Faixa de Fronteira: uma proposta conceitual-metodológica. In: OLIVEIRA, T. C. M. (org.). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013.

MARTINS, M. H. (org.). **Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina**. São Paulo: Ateliê, 2002.

MARTINS, R. D. A construção do espaço no sul do Brasil de fronteira ao Mercosul: o caso de Jaguarão. In: **Scripta Nova – Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales – Universidade de Barcelona**. Barcelona, ES, v. 69, n. 54, ago. 2000. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-69-54.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

MATOS, S.; PÉREZ-CARABALLO, G. Territoires et frontieres culturels dans un contexte scolaire multiculturel: bricolage pédagogique face à la différence pour la construction de la cohésion sociale. In: **Poiesis – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – UNISUL**. Tubarão, SC, v. 5, n. especial, p. 54-74, jun./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/1166/962>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

MATTELART, A. **Diversidade cultural e mundialização**. São Paulo: Parábola, 2005.

MAZZEI, E.; SOUZA M. **La Frontera en Cifras**. Melo: s/e, 2012. Disponível em: <[http://www.cci.edu.uy/sites/default/files/Mazzei,%20E.%20y%20De%20Souza,%20M.%20\(2013\).%20La%20frontera%20en%20cifras.%20Montevideo-%20Imprenta%20CBA_0.pdf](http://www.cci.edu.uy/sites/default/files/Mazzei,%20E.%20y%20De%20Souza,%20M.%20(2013).%20La%20frontera%20en%20cifras.%20Montevideo-%20Imprenta%20CBA_0.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2014.

MERCOSUL. **Tratado de Assunção**, de 26 de março de 1991. Disponível em: <www.mercosul.gov.br>. Acesso em: 26 ago. 2013.

MONSALVE, A. M. S. Pensar la integración latinoamericana también desde la comunicación organizacional y las relaciones públicas. In: **Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**. São Paulo, v. 8, n. 14, p. 29-48, 2011. Disponível em: <<http://revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/viewFile/338/37>> Acesso em: 17 dez. 2014.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

MÜLLER, K. M. **Mídia e fronteira**: jornais locais em Uruguaiana–Libres e Livramento- Rivera. 2003. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2003.

_____. A participação dos jornais fronteiriços no processo de integração latino-americano. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-Compós**. São Paulo, v.8, p. 1-17, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/150/151>>. Acesso em 5 dez. 2013.

MÜLLER, K. M.; RADDATZ, V. L. S. O elemento lingüístico como marca sociocultural na mídia fronteiriça. In: **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 17, p. 107-118, jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2106/1245>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

MÜLLER, K. M.; GERZSON, V. R. S.; EFROM, B. Intercâmbios entre a cultura local e a cultura organizacional: a Binacional ACM/ ACJ Fronteira. In: CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E RELAÇÕES PÚBLICAS, 2007, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em <http://www.abrapcorp.org.br/anais2007/trabalhos/relacao_gt2.htm>. Acesso em: 03 ago. 2013.

NIETO, M. S.; PÉREZ-CARABALLO, G. Competencias lingüísticas y culturales en la formación docente: un aporte a la cohesión social. In: **Poiésis - Revista do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado – Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)**. Tubarão, n. esp. 1, p. 75-98, jun./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/1167>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

OLIVEN, A. História da educação superior no Brasil. In: SOARES, M. S. A. (Org.). **A educação superior no Brasil**. Porto Alegre: UNESCO, 2002.

OLIVEN, R. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PÉREZ, R. **Estrategias de comunicación**. Barcelona: Ariel Comunicación, 2001.

PÉREZ-CARABALLO, G. **Construction identitaire dans les espaces frontaliers**: quel lien avec l'appartenance territoriale et l'identité linguistique? Le cas de la population frontalière habitant entre le Brésil et l'Uruguay. Mémoire Master 2 (Recherche). Lyon: Université Lumière Lyon 2, 2011.

PLÁ, J. A. **O Mercosul e a Comunidade Europeia**: uma abordagem comparativa. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JAGUARÃO. Ponte Internacional Barão de Mauá. 2015. Disponível em: <http://www.jaguarao.rs.gov.br/?page_id=1224>. Acesso em: 31 jan. 2015.

RADDATZ, V. L. S. Identidade cultural e comunicação de fronteira. COLÓQUIO TRANSFRONTEIRAS SUL E CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: comunicação, acontecimento e memória, Porto Alegre, 2004. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/92916302868364899553507602469803936940.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

_____. **Rádio de fronteira**: da cultura local ao espaço global. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

REIS, M. C.; MARCHIORI, M.; CASALI, A. A relação comunicação-estratégia no contexto das práticas organizacionais. In: In: MARCHIORI, M. (org.). **Comunicação e organização**: reflexões, processos e práticas. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2010.

RISTOFF, D. Os desafios da educação superior na ibero-américa: inovação, inclusão e qualidade. In: **Revista Avaliação**. Campinas: Sorocaba, SP, v. 18, n. 3, p. 519-545, nov. 2013.

ROMÃO, J. E.; LOSS, A. S. A universidade popular no Brasil. In: **Foro de Educación**, v. 12, n. 16, p. 141-168, mar. 2014. Disponível em: <<http://forodeeducacion.com/ojs/index.php/fde/article/view/306>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

SÁNCHEZ, A. Q. **A fronteira inevitável**: um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) a partir de uma perspectiva antropológica. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SANTANDER UNIVERSIDADES. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.santanderuniversidades.com.br/Paginas/home.aspx>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

SANTOS, B. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SEVERO, F. **Noite no norte**. Montevideo: Ediciones Del Rincón, 2010.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 73-102.

STROHAECKER, T. et al. (orgs). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB, 1998.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. (p. 51-61) 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

UNESCO. **Conferência Mundial sobre Ensino Superior**: as novas dinâmicas para o ensino superior e pesquisas para a mudança e o desenvolvimento social. Paris, 2009. Disponível em:

<http://www.unesco.org/education/WCHE2009/comunicado_es.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2014.

UNIPAMPA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. **Projeto Institucional**. 2009. Disponível em:

<http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/consuni/files/2010/06/Res.-71_2014-PDI.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2013.

_____. **Estatuto da UNIPAMPA**. 2011a. Disponível em:

<<http://unipampa.edu.br/portal/universidade/403>>. Acesso em 2 mai. 2013.

_____. **Edital n. 145, de 20 de outubro de 2011**: processo seletivo específico para ingresso de uruguaios fronteiriços. 2011b. Disponível em:

<<http://www.unipampa.edu.br>>. Acesso em: 2 mai. de 2013.

_____. **Edital n. 73, de 18 de abril de 2013**: processo seletivo específico para ingresso de uruguaios fronteiriços. 2013a. Disponível em:

<<http://www.unipampa.edu.br>>. Acesso em: 2 mai. de 2013.

_____. **Edital n. 204, de 12 de novembro de 2013**: processo seletivo específico para ingresso de uruguaios fronteiriços. 2013b. Disponível em:

<<http://www.unipampa.edu.br>>. Acesso em: 2 mai. de 2013.

_____. **Manual de identidade visual da UNIPAMPA**. 2013c. Disponível em:

<<http://unipampa.edu.br/portal/universidade/79>>. Acesso em: 14 out. 2013.

_____. **Universidade**. 2013d. Disponível em:

<<http://unipampa.edu.br/portal/universidade>>. Acesso em: 2 mai. de 2013.

_____. **Centro de Interpretação do Pampa**. 2013e. Disponível em:

<<http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/cip/apresentacao/>>. Acesso em: 2 mai. de 2013.

_____. **Notícias Campus Jaguarão**. 2013f. Disponível em:

<http://porteiros.unipampa.edu.br/jaguarao/index.php?option=com_content&view=category&id=1&Itemid=62>. Acesso em: 12 dez. 2013.

_____. **Notícias Campus Santana do Livramento**. 2013g. Disponível em: <http://porteiros.unipampa.edu.br/jaguarao/index.php?option=com_content&view=category&id=1&Itemid=62>. Acesso em: 12 dez. 2013.

VALLAUX, C. **Géographie sociale**: le sol et l'Etat. Doin, Paris, 1911.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ANEXOS

Tabela de textos contemplando as palavras “fronteira(s)”, “frontera(a)” e “fronteiriço(a)(s)” – Campus Jaguarão - UNIPAMPA

	Título da Notícia	Data	Trechos com aparições das palavras
1.	Projeto Alfagrupos realizou segundo encontro	03/11/11	<p>O Curso de Pedagogia do Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) realizou o segundo encontro do projeto de extensão “ALFAGRUPOS: formação continuada para professores de 1º e 2º anos das redes públicas de ensino de Jaguarão e Arroio Grande e estudantes do curso de Pedagogia”. Os trabalhos que são coordenados pela professora Patrícia Pinho, aconteceram no dia 17 de outubro, das 13h30min às 17h30min, no auditório da UNIPAMPA. O projeto integra o Programa de Apoio a Ações de Formação Continuada, coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT).</p> <p>Na ocasião, a professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Ivany Souza Ávila, realizou palestra com o tema “Psicogênese da língua escrita, diversidade e educação inclusiva”. Também foram preparados recantos temáticos para recepcionar os participantes, com sugestões de materiais didáticos, de acordo com o foco da palestra, além de sorteio de livros da área da alfabetização e confraternização pelo Dia dos Professores.</p> <p>O objetivo dos trabalhos é promover a formação continuada dos professores alfabetizadores de Jaguarão e Arroio Grande e também contribuir com a formação inicial dos estudantes do curso de Pedagogia. Nos encontros são trabalhados o desenvolvimento profissional, a problematização de práticas pedagógicas e a construção de um olhar observador e investigativo acerca do aprendizado das crianças.</p> <p>O próximo encontro será no dia 7 de novembro, com a palestra “Planejamento e Avaliação na Alfabetização”, ministrada pela professora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Zoraia Aguiar Bittencourt.</p> <p>Rogério Savian para Assessoria de Comunicação Social</p>
2.	Fórum das Ciências Sociais Aplicadas discute a identidade da instituição	04/11/11	<p>Acontece no Campus São Borja da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) a terceira edição do Fórum das Ciências Sociais Aplicadas, durante o dia 4 de novembro de 2011, com o objetivo de discutir a identidade da Instituição. As atividades iniciaram às 8h30min, com a presença de coordenadores dos cursos da área das Ciências Sociais Aplicadas e os coordenadores acadêmicos dos <i>campi</i> com cursos da área. Também foram convidados os demais professores dos cursos da área de Ciências Sociais Aplicadas da Instituição, os técnicos em assuntos educacionais e pedagogos vinculados aos cursos da área e os docentes e técnicos do Campus São Borja.</p> <p>O vice-reitor, professor Norberto Hoppen, falou sobre os dois novos processos seletivos que a Universidade passa a adotar para o ingresso a partir de 2012: o Processo Seletivo Específico para Ingresso de Candidatos Indígenas Aldeados, que oferece 11 vagas, e o Processo Seletivo Específico para Ingresso de Candidatos Uruguaios Fronteiriços, com 31 vagas que, no primeiro momento, serão destinadas aos <i>campi</i> de Jaguarão e Santana do Livramento por possuírem amparo por lei.</p>

			<p>Em seguida à fala do vice-reitor, a professora do Campus Caçapava do Sul, Ângela Hartmann, coordenou uma roda de conversa sobre a interdisciplinaridade no Ensino Superior. Na oportunidade, foram discutidos os conceitos e aplicações, procurando encontrar formas de inserir o conceito na prática em sala de aula.</p> <p>Na parte da tarde, o Fórum discutirá o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e a Educação a Distância (EAD) na graduação e o futuro da área das Ciências Sociais Aplicadas na UNIPAMPA. Outros temas em pauta serão: reflexões sobre a inter-relação entre os cursos; maior mobilidade discente e docente; outras modalidades de aulas, utilizando a plataforma <i>Moodle</i> e a modalidade à distância; apontamentos de estratégias para maior inter-relação entre os cursos.</p> <p>Rogério Savian para Assessoria de Comunicação Social (Fotos por Saryon Azevedo)</p>
3.	Campus Jaguarão promove Seminário sobre Consciência Negra	07/11/11	<p>O Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) realizará o “I Seminário Internacional Consciência Negra na Fronteira”. O encontro vai acontecer entre os dias 21 e 23 de novembro.</p> <p>A programação do evento conta com palestras, oficinas, momentos culturais e lançamentos de livros. O valor da inscrição é um quilo de alimento não-perecível ou um brinquedo e pode ser feita com o Grupo PET – História da África ou no local do evento. O seminário é promovido pelo Grupo PET – História da África juntamente com a Prefeitura de Jaguarão. A entrega dos certificados será no último dia.</p> <p>Rogério Savian para Assessoria de Comunicação Social</p>
4.	ALFAGRUPOS realiza terceiro encontro	16/11/11	<p>O projeto de extensão “ALFAGRUPOS: formação continuada para professores de 1º e 2º anos das redes públicas de ensino de Jaguarão e Arroio Grande e estudantes do curso de Pedagogia”, desenvolvido no Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), realizou o terceiro encontro no dia 7 de novembro, das 13h30 às 17h30, no auditório da Instituição.</p> <p>Na ocasião aconteceu uma palestra-oficina com o tema “Planejamento e Avaliação na Alfabetização”, ministrada pela docente da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Zoraia Aguiar Bittencourt. Também a professora Begssie Lopez, da EMEF Gal. Antonio de Sampaio fez um relato de experiência em avaliação.</p> <p>O próximo encontro será no dia 18 de novembro e abordará a “Consciência fonológica: lendo, cantando, brincando” e será ministrado pela coordenadora do projeto, professora Patrícia Moura Pinho. A temática da consciência fonológica será trabalhada procurando diferenciá-la do chamado “método fônico” de alfabetização. Também serão explorados didaticamente jogos que foram distribuídos recentemente pelo Ministério da Educação (MEC) às escolas públicas brasileiras.</p> <p>O projeto integra o Programa de Apoio a Ações de Formação Continuada, gerido pela Pró-reitoria de Extensão (PROEXT) da UNIPAMPA.</p> <p>Rogério Savian para Assessoria de Comunicação Social</p>
5.	Campus realizou Seminário de Consciência Negra na Fronteira	30/11/11	<p>O <i>I Seminário Internacional Consciência Negra na Fronteira</i> fez parte da III Semana da Consciência Negra de Jaguarão. O evento foi promovido pelo Grupo PET História da África em parceria com a Prefeitura Municipal de Jaguarão. O evento ocorreu de 21 a 23 de novembro, no Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).</p> <p>De acordo com o coordenador do PET História da África, professor Adelmir Fiabani, o evento teve quinze</p>

			<p>momentos de debate entre as palestras. Os historiadores Mário Maestri, Hemerson Ferreira, Eduardo Ramon Palermo, Mateus de Oliveira Couto, Adelmir Fiabani, Deivid Valério Gaia e Jandira Elohá Lopes foram os palestrantes. Entre os debatedores, o professor destaca as participações de Carlos Barros Pons, Letícia Ferraz, do prefeito Cláudio Martins, Sebastião Henrique Santos Lima, Jerri Quevedo, Daniel Roberto Soares e o Cônsul do Uruguai, Daniel Botta.</p> <p>O momento mais emocionante do evento, relata o professor Fiabani, ocorreu quando as lideranças quilombolas formaram a mesa e relataram suas histórias, suas expectativas, seus sonhos. Líderes quilombolas das comunidades Madeira, Faxina, Várzea dos Baianos, Cachoerinha, Bolsa do Candiota, Rincão do Quilombo, Rincão do Couro, Solidão, dos municípios de Jaguarão, Piratini e Pedras Altas debateram com o público presente.</p> <p>- Pela primeira vez na história da UNIPAMPA, o povo quilombola da Fronteira Sul teve voz e vez - diz o coordenador do Grupo PET História da África, que agradece a todos que participaram do seminário, o comércio local, Corsan, hotéis e pousadas e a parceria da Prefeitura Municipal.</p> <p>Heleno Nazário para Assessoria de Comunicação Social (colaboração de Adelmir Fiabani)</p>
6.	Pesquisa sobre ruralização recebe financiamento do CNPq/CAPES	13/12/11	<p>O projeto <i>Análise da ruralização e do viver na fronteira no município de Jaguarão/RS</i>, que será conduzido no Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) pelo professor Jeferson Francisco Selbach, foi contemplado com recursos na ordem de R\$ 16.750,00 no Edital CNPq /CAPES N ° 07/2011 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas. A pesquisa deve ser desenvolvida nos próximos 24 meses. Conforme o professor Jeferson, o objetivo é entender como hábitos rurais, trazidos por aqueles que se deslocam de um espaço a outro, se perpetuam no ambiente citadino.</p> <p>- Isso resulta em peculiar situação do viver comunitário, pois desencadeia conseqüências na vida urbana, particularmente no que diz respeito ao comportamento social cotidiano. Aliado a essa ruralização, a pesquisa pretende ver o comportamento dos jaguarenses frente aos vizinhos uruguayos, com aproximação através do comércio legal ou ilegal, laços familiares, interesses comuns na produção agropecuária, na forma semelhante de vida que levam, entre outras questões - detalha o professor.</p> <p>A pesquisa será feita em quatro frentes. Na primeira, serão levantados dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes às mudanças populacionais e territoriais, bem como sócio-econômicos, que permitiram traçar o perfil do município de Jaguarão. Paralelamente, será analisada a legislação municipal sobre regularização do comportamento social cotidiano, como Código de Posturas, Lei Orgânica e Plano Diretor. Os pesquisadores realizarão também levantamento de notícias de jornais do século XX, que tenham relação ao cotidiano, aos hábitos oriundos do campo que se perpetuam no ambiente citadino e às formas da vida fronteiriça. A última etapa vai levar os pesquisadores ao contato mais intenso com o público, explica o professor Jeferson:</p> <p>- Por fim, serão feitas histórias de vida com pessoas da comunidade, para entender o cotidiano local a partir destas visões pessoais.</p> <p>O projeto conta com a participação de três bolsistas: Denise Brum da Silva (FAPERGS), Rafaella de Mello Freitas (CNPq) e Tiago José de Santana Junior (PBDA). Além delas, também colabora com a iniciativa a socióloga Rosemary Fritsch Brum, do Núcleo de História Oral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul</p>

			(UFRGS). Helena Nazário para Assessoria de Comunicação Social
7.	Ministra da Cultura visita Jaguarão nesta quinta	14/12/11	<p>No dia 15 de dezembro, às 8h30, acontecerá a visita da ministra da Cultura, Ana de Hollanda, para o acompanhamento do início das obras do Centro de Interpretação do Pampa, nas ruínas da antiga Enfermaria, em Jaguarão. A obra é parte do PAC das Cidades Históricas e possui verbas oriundas do Ministério da Cultura, através do IPHAN, e do Ministério da Educação, através da UNIPAMPA.</p> <p>Estarão presentes a ministra da Cultura, a reitora da UNIPAMPA, professora Maria Beatriz Luce, o prefeito de Jaguarão, Claudio Martins, entre outras autoridades.</p> <p>O projeto do Centro de Interpretação do Pampa foi desenvolvido pela Brasil Arquitetura. Destinado a todos os públicos, será um museu vivo, onde serão abordados aspectos da singularidade da paisagem natural, da antiguidade da ocupação da região, da mestiçagem genética e simbólica dos povos indígenas, ibéricos, africanos e da fronteira e a construção de uma identidade.</p> <p>Os objetivos do Centro de Interpretação do Pampa são:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Oferecer ao público em geral um conjunto de informações de caráter histórico, social e cultural sobre o Pampa em suas várias dimensões e possibilidades, organizadas de maneira dinâmica e atraente em uma grande exposição permanente; 2. Oferecer a um público de estudantes e estudiosos, conferências, mesas-redondas, cursos, mostras de filmes e eventos interdisciplinares relativos ao Pampa em seus vários aspectos; 3. Gerar produtos educacionais, como monitoria para escolas e atividades para formação de professores; 4. Disponibilizar conteúdos virtuais, através do acesso a mais e maiores informações. <p>A Antiga Enfermaria está localizada no alto do Cerro da Pólvora e é bem tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico do Estado do Rio Grande do Sul. Possui estilo neoclássico e sua obra foi iniciada em 1880, sendo concluída em 1883. Construída para atender oficiais e praças do exército local e da região, acabou sendo utilizada como prisão política durante a Ditadura Militar.</p> <p>Helyna Dewes para Assessoria de Comunicação Social</p>
8.	Ministra da Cultura visita início das obras do CIP	15/12/11	<p>Na manhã desta quinta-feira, 15 de dezembro, a Ministra da Cultura, Ana de Hollanda, visitou o início das obras do Centro de Interpretação do Pampa (CIP), museu vivo sob responsabilidade da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) com foco nos aspectos da singularidade da região do Pampa Gaúcho. Participaram da visita também o Presidente do IPHAN, Luiz Fernando de Almeida, a Superintendente do IPHAN-RS, Ana Meira, o secretário de Estado de Cultura, Luiz Antônio de Assis Brasil, e o prefeito de Jaguarão, Claudio Martins.</p> <p>Todos foram recebidos pela reitora, Maria Beatriz Luce, pela pró-reitora de Extensão, Vera Medeiros, pelo pró-reitor de Obras, Cleidi Pinto, pela diretora do Campus Jaguarão, Maria de Fátima Ribeiro e por professores e técnico-administrativos da Universidade responsável pelo CIP.</p> <p>Apesar da chuva que caiu durante o dia, no momento da visita havia sol e foi possível conhecer a área, caminhar pelo terreno e verificar a necessidade de estabilização das ruínas, primeira tarefa a ser realizada dentro do plano da obra. A Ministra pode conhecer o projeto e elogiou a bonita visão que se tem da frente da Antiga Enfermaria, localizada no Cerro da Pólvora. Uma placa alusiva ao início das obras e à visita da Ministra</p>

			<p>foi colocada para destacar esse importante momento na construção do Centro. A agenda da ministra Ana de Hollanda em Jaguarão iniciou na quarta-feira, 14. Durante a noite, foi realizada cerimônia no Cine Regente, com a presença de autoridades do Estado e da região. Ao compor a mesa de honra, a reitora da UNIPAMPA falou sobre o projeto da Universidade que está na fase de início de obras, o Centro de Interpretação do Pampa. Ela salientou a importância do projeto para Jaguarão e para a Instituição, e o presidente do IPHAN agradeceu a parceria da UNIPAMPA com o Instituto para a concretização do projeto. A ministra da Cultura disse em seu pronunciamento que a cultura possui uma ação transversal com outras áreas, e por isso a importância de aprofundar ações da cultura com a educação. Além disso, salientou o esforço na aproximação com os países irmãos a fim de trabalhar a cultura na região fronteira. “A cultura dialoga com os valores do cidadão”, comentou Ana de Hollanda. Salientou, ainda, a união dos ministérios na construção do CIP, por meio da UNIPAMPA.</p> <p>O Prefeito de Jaguarão, Claudio Martins, disse que Jaguarão recebe um grande presente com os investimentos do Ministério da Cultura, e um dos mais importantes é o Centro de Interpretação do Pampa. “O projeto é referência no Brasil e orgulha Jaguarão, é um símbolo de resgate da cidade e da região”. Na ocasião, o prefeito entregou à Ministra o projeto de melhoria do entorno da Enfermaria Militar, local onde será erguido o complexo do CIP. “Será o maior projeto de urbanismo desenvolvido na cidade, vai melhorar a vida do entorno das ruínas”, destacou.</p> <p>A cerimônia de quarta-feira finalizou com a assinatura de convênios e acordos entre o MinC e prefeituras da Associação das Cidades Históricas do RS e com a apresentação cultural do grupo Caminhos de Si.</p> <p>Helyna Dewes e Aline Reinhardt para Assessoria de Comunicação Social. Fotos: Helyna Dewes</p>
9.	Inscrições para especialização seguem até o dia 27	10/02/12	<p>Até o dia 27 de fevereiro estarão abertas as inscrições para o curso de pós graduação lato sensu em Culturas, Cidades e Fronteiras, dirigido a profissionais egressos em todas as áreas do conhecimento. Trata-se de uma atualização em Ciências Humanas, explica o coordenador, professor Alan Melo. “O objetivo é a discussão de temas que abrangem a cultura em suas diversas matizes e ainda outras categorias atuais com foco em cidades e fronteiras, tendo em vista a dinâmica social estabelecida entre os fluxos existentes entre o Brasil e o Uruguai”.</p> <p>As aulas deverão começar no primeiro semestre de 2012, com aulas de segunda-feira a quinta-feira à noite, os componentes ofertados como obrigatórios: metodologia da pesquisa e culturas e políticas públicas e as optativas: sociologia e estudos culturais, culturas e fronteiras na literatura latino-americana e ainda urbano e cultura brasileira, “este componente ao tratar do urbano, de quem vive no campo, vai abordar o caráter rural envolvendo relações entre cidade, campo e turismo” explica Melo. A indicação é para que os selecionados façam ao menos duas optativas. Informações sobre a seleção em http://www.unipampa.edu.br/portal/noticias/2307-edital-abre-inscricoes-para-nove-cursos-de-especializacao.</p> <p>Alan Melo para Assessoria de Comunicação Social</p>
10.	Universidade	06/03/12	A Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) teve um trabalho representando a instituição no 8º Congresso

<p>representada em congresso realizado em Cuba</p>	<p>Internacional de Educação Superior, que ocorreu em Cuba, na Universidade de Havana de 13 a 17 de fevereiro. O técnico em Assuntos Educacionais e coordenador da Comissão Local de Extensão, Jucenir Rocha, e o diretor do Campus Jaguarão, professor Maurício Vieira, apresentaram um trabalho sobre o extensionismo, integrando-se às discussões sobre o tema. Em uma reflexão sobre o “que-fazer” educativo e suas metodologias, os representantes levaram ao evento o trabalho intitulado <i>A influência decisiva do conceito de extensão em Paulo Freire na inserção do paradigma participativo no extensionismo rural brasileiro</i>, e debateram conceitos de Extensão com delegações de diversas nacionalidades.</p> <p>De acordo com eles, a discussão sobre a Extensão Universitária havia sido introduzida com uma conferência do escritor brasileiro Frei Beto, no dia 15 de fevereiro, sobre <i>Extensão Universitária e Educação Popular</i>. Os debates avançaram ao longo do congresso, em fórum específico de socialização de experiências de diversas áreas em realidades distintas no aspecto sócio-político e cultural, e foram retomados com a apresentação dos servidores da UNIPAMPA no II Taller Internacional que discutiu a temática <i>Universidad, seguridad y Soberanía Alimentaria</i> aberto com a palestra <i>Innovación, gestión del conocimiento y transferencia de tecnologías para el desarrollo local</i> sob a Coordenação do Dr. Jorge Nuñez Jover.</p> <p>Durante este espaço, o coordenador de Extensão do Campus Jaguarão, Jucenir Rocha, lembrou o desafio lançado pelo educador Paulo Freire aos extensionistas no final da década 70, para que os agentes técnicos-científicos do processo na Extensão Rural procedessem à revisão dos seus métodos de ação em prol de intervenções participativas no campo, em período de plena vigência do difusionismo no desenvolvimento agrário do Brasil.</p> <p>- Pensando com Freire, o próprio termo ‘Extensão’, que se institucionalizou hegemonicamente entre as instituições de Ensino e/ou difusão de tecnologias, se estudado desde seu viés etimológico sem negligenciar a ‘granítica força dos significados das palavras’, trata-se de uma expressão bastante infeliz para quando se busca desenvolver ações verdadeiramente educativas - reflete Jucenir.</p> <p>O professor Maurício Vieira e Jucenir destacaram a receptividade que o trabalho teve não somente entre alguns intelectuais cubanos, que se interessaram pela pertinência do pensamento de Freire para sua realidade, mas também pelo interesse de delegações de outros países do Sul e da Centro-América. Segundo os representantes, o que parece ter causado surpresa foi a constatação de que ainda haviam profissionais das academias cubanas que desconheciam as obras do educador brasileiro, o que levou à avaliação de que o trabalho apresentado foi uma importante contribuição. Educadores de outros países como Venezuela, Equador e Panamá também manifestaram interesse pela obra de Paulo Freire.</p> <p>Por sua vez, o diretor Maurício Vieira aproveitou a oportunidade para trocar experiências e informações com universidades africanas, venezuelanas, portuguesas e demais países, e também manteve o diálogo com outras instituições de ensino que desejam intercambiar e trabalhar com ingresso de estudantes de outras regiões e países. Segundo ele, foi a oportunidade para relatar a profícua experiência da UNIPAMPA para integração e inclusão étnica através do processo seletivo especial para Indígenas e Fronteiriços.</p> <p>- Estamos recebendo os primeiros alunos indígenas e fronteiriços e com muita satisfação - salienta o professor.</p> <p>Com colaborações do Campus Jaguarão (informações e imagens), Heleno Nazário para Assessoria de</p>
--	---

			Comunicação Social
11.	Especialização teve abertura oficial no Campus	22/02/12	<p>O Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) sediou a abertura oficial do Curso de Pós-graduação (nível especialização) em Culturas, Cidades e Fronteiras, no dia 19 de março. A condução dos trabalhos foi realizada pelo diretor do Campus, professor Mauricio Aires.</p> <p>O coordenador do curso, professor Alan Melo, e demais professores da Universidade receberam representantes da comunidade, como os secretários municipais de Cultura e Turismo, Alencar Porto, e de Educação, Graça Marques, e o Cônsul do Brasil no Uruguai, Sérgio Antônio Ribeiro dos Santos, e os alunos da Especialização em uma cerimônia especial, que marcou o início da pós-graduação no Campus Jaguarão com a chancela da Unipampa.</p> <p>O jornalista Luiz Carlos Vaz, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) representou os colaboradores do curso. Os 35 primeiros alunos são, na maior parte, egressos dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Letras Habilitação Espanhol da própria Universidade. A turma conta também com estudantes oriundos de outras áreas do conhecimento, como Direito, Turismo, Administração e Agronomia.</p> <p>Com informações por Alan Melo, Heleno Nazário para Assessoria de Comunicação Social</p>
12.	Campus sedia a abertura de evento binacional	28/03/12	<p>O Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) vai sediar o 1º Fórum Gaúcho Oriental de Educação, Cultura e Inovação Tecnológica, evento binacional que terá sua abertura às 10 horas desta quarta-feira, dia 28 de março de 2012, no Auditório do Campus. Representantes do governo estadual gaúcho e do governo nacional uruguaio, além de integrantes da comunidade local e instituições públicas vão promover um encontro de trabalho para discussão e elaboração de planos e políticas para cooperação.</p> <p>No evento, além das reuniões técnicas binacionais, será feita a entrega da Medalha Mérito Cidade de Jaguarão ao governador do Estado do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, e à ex-reitora <i>pro tempore</i> da UNIPAMPA, professora Maria Beatriz Luce, receberão Medalha Mérito Cidade de Jaguarão. O diretor do Campus Jaguarão, professor Maurício Vieira, afirma que a comunidade acadêmica do Campus Jaguarão, assim como toda a Instituição, sente-se honrada em prestar homenagem a duas personalidades tão ilustres que participaram da criação e implantação da UNIPAMPA, e que todos se empenharam muito para que o evento fosse realizado na cidade.</p> <p>O evento</p> <p>Durante reuniões técnicas realizadas por ocasião da visita do presidente uruguaio José Mujica, foi acordado com o MEC (Ministério de Educação e Cultura) a realização do Fórum Gaúcho Oriental de Educação, Cultura, Tecnologia e Inovação, representando as três áreas nas quais os governos pretendem cooperar: Educação, Cultura e Ciência e Tecnologia. O evento pretende se constituir em um espaço institucional de cooperação entre o Ministério e as secretarias do governo do RS com o qual este órgão tem interfaces: SEDUC, SEDAC e SCTI. A proposta construída em comum acordo entre o governo uruguaio e o do RS foi a de realizar a primeira reunião deste fórum na cidade de Jaguarão.</p> <p>O objetivo da reunião é elaborar planos de trabalho conjunto para 2012 nas áreas relacionadas à ação do Ministério uruguaio com as Secretarias correspondentes do governo do Rio Grande do Sul. Esse processo</p>

			<p>envolve a criação formal de equipes binacionais de gestores indicados por ambos os governos. Estes planos deverão definir ações compartilhadas nas capitais e na região da fronteira, concentradas em torno de alguns pontos nos quais o trabalho conjunto já está amadurecido, visando desdobrar a cooperação em ações concretas nas três áreas em questão.</p> <p>Três mesas temáticas, uma para cada área, servirão como base para a formação de Grupos de Trabalho binacionais, que terão como tarefa estruturar seus planos de trabalho conjunto. Nos grupos, além de representantes dos governos, poderão estar também representadas as prefeituras, organizações da sociedade civil e instituições de ensino e pesquisa que serão chamadas a contribuir na construção das políticas. Entre os tópicos que serão discutidos, estão o ensino bilíngue nas escolas de região de fronteira, o intercâmbio cultural e ações que organizem programação cultural fronteira binacional, e desdobramentos práticos e locais do acordo nacional de cooperação Brasil-Uruguaí sobre parques tecnológicos e incubadoras.</p> <p>Programação preliminar</p> <p>10:00 horas: Recepção das Delegações.</p> <p>10:30 horas: Abertura: Tarson Nuñez, Coordenador da Assessoria de Cooperação e Relações Internacionais; Oscar Gomez, Subsecretario do Ministério de Educação da Republica Oriental de Uruguaí; Cláudio Martins, Prefeito de Jaguarão; Tarso Genro, Governador do Estado de Rio Grande do Sul.</p> <p>11:10 horas: Palestra "Integração Regional e Cultura", pelo Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Tarso Genro.</p> <p>11:30 horas: Instalação dos Grupos de Trabalho: Cultura, Educação e Ciência, Inovação e Tecnologia.</p> <p>12:00 horas: Almoço.</p> <p>13:30 horas: Trabalho nos Grupos.</p> <p>15:00 horas: Relatório dos Grupos de Trabalho.</p> <p>16:00 horas: Encerramento.</p> <p>Heleno Nazário para Assessoria de Comunicação Social</p>
13.	Curso de Especialização teve aula inaugural	19/04/12	<p>O Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) sediou a aula inaugural do Curso de Especialização em Culturas, Cidades e Fronteiras, no último dia 16 de abril. O tema da aula foi <i>O desafio da modernidade líquida no contexto da fronteira</i>, e a palestra foi proferida pelo professor convidado Luiz Antônio Bogo Chies, docente do Programa de Mestrado em Política Social da Universidade Católica de Pelotas (UCPel).</p> <p>Conforme o coordenador da Especialização, professor Alan Dutra de Melo, do Campus Jaguarão, o professor Luiz Antônio abordou na palestra a sociedade contemporânea através do paradigma da pós-modernidade, com foco nos trabalhos desenvolvidos pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman.</p> <p>- A aula ministrada trouxe uma contribuição reflexiva e oportuna para compreender as relações sociais sob a ótica da influência de um liberalismo veloz e voraz e a sua influência na estruturação de um "mundo líquido", no dizer de Bauman, onde a forma fluída vai se estruturando e influenciando a perspectiva pessoal e profissional em oposição a um período anterior da modernidade, mais sólido e seguro com uma perspectiva mais clara de</p>

			<p>presente e futuro - explica o professor Alan.</p> <p>O palestrante</p> <p>Luiz Antônio Bogo Chies é doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006), doutor em Ciências Jurídicas e Sociais – Universidad Del Museo Social Argentino (1999). Possui graduação em Direito pela Universidade Federal de Pelotas (1992) e graduação em Comunicação Social Habilitação Em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas (1992). Atualmente, é professor adjunto da Universidade Católica de Pelotas, possuindo vínculo com o Mestrado em Política Social. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia Jurídica, atuando principalmente nos seguintes temas: sistema penitenciário, execução penal, direito penal, serviço social e encarceramento feminino.</p> <p>Com informações e fotos por Alan Dutra de Melo, Heleno Nazário para Assessoria de Comunicação Social</p>
14.	Mesa-redonda resgata o significado da Abolição	14/05/12	<p>O Grupo PET – História da África, atuante no Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), organizou mesa-redonda sobre o significado da Abolição da Escravatura no último dia 10 de maio, antecipando homenagem ao Dia da África, que ocorre no próximo dia 25. No evento, os historiadores Mateus de Oliveira Couto e Adelmir Fiabani palestraram para cerca de 70 pessoas.</p> <p>O evento, intitulado <i>13 de maio: uma data para não ser esquecida</i>, ocorreu no auditório do Campus Jaguarão e foi marcado pelo debate e reflexão sobre o papel do trabalhador escravizado na derrocada do regime escravista, instalado no Brasil nas primeiras décadas de 1500. Defendendo tese dos historiadores Robert Conrad, Jacob Gorender e Mário Maestri, os palestrantes afirmaram que a Abolição da Escravatura foi apressada pelos cativos. O historiador Mateus de Oliveira Couto debateu sobre a importância da data de 13 de maio, sobretudo, das articulações dos abolicionistas com parcela da população livre que queria o fim da escravidão.</p> <p>O tutor do PET – História da África, professor Adelmir Fiabani, lembrou que a data não pode ser esquecida, pois, segundo ele, “estaremos sendo injustos com aqueles que foram os protagonistas da única revolução social vitoriosa no Brasil”. Na ocasião, o público presente acompanhou o lançamento do livro <i>A Pia e a Cruz: a demografia dos trabalhadores escravizados em Herval e Pelotas [1840-1859]</i>, do historiador Mateus de Oliveira Couto. A obra revela aspectos interessantes sobre o passado escravista da nossa região. Os interessados em adquirir o livro devem procurar o Grupo PET – História da África.</p> <p>O professor Fiabani anunciou ainda que está em preparação a agenda de atividades do II Seminário Internacional Consciência Negra na Fronteira, que será realizado durante quatro dias no mês de novembro de 2012.</p> <p>Paulo Messa para a Assessoria de Comunicação Social</p>
15.	LALLi organiza sarau nativista em Jaguarão	04/06/12	<p>No próximo dia 5 de junho, o Laboratório de Literatura e Outras Linguagens (LALLi) do Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) promove, com organização da professora Ana Boessio e do aluno Jonas dos Santos, o Sarau Califórnia da Canção Nativa. O evento será realizado das 19h às 20h, na</p>

			<p>Casa de Cultura.</p> <p>A Califórnia da Canção Nativa é um evento artístico musical que ocorre no Rio Grande do Sul desde 1971, sendo considerada patrimônio cultural do Estado, e um modelo de divulgação da música regional gaúcha. As provas eliminatórias ocorrem durante o ano em diversas cidades gaúchas e, por fim, após a triagem de mais de 500 músicas, as finais ocorrem na cidade de Uruguaiana, fronteira oeste do Rio Grande do Sul, onde é concebido o prêmio máximo: a Calhandra de Ouro, símbolo da Califórnia.</p> <p>De acordo com a professora Ana Boessio, coordenadora do LALLi, o sarau faz parte da agenda cultural de greve docente do Campus Jaguarão e “contará com a participação de alunos e comunidade. A ideia é relembrar grandes momentos do festival”.</p> <p>O evento acontece sob alguns objetivos básicos como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oportunizar integração de poetas, músicos e musicistas, analistas, estudiosos e críticos, no interesse da preservação e divulgação da identidade cultural gaúcha; - Propiciar reflexão e debates que depurem qualitativamente a arte em geral, considerada como o mundo de representatividade - expressividade - comunicabilidade do universo gaúcho; - Elevar a expressão artística de temas e gêneros/ritmos regionais, buscando valorizar a música do Rio Grande do Sul, através de linguagem atual e criativa, considerando origens e constantes do gaúcho; - Premiar e divulgar, regional e internacionalmente, as composições que melhor expressem os objetivos acima referidos; - Valorizar artistas que representem caracteristicamente a linguagem e a cultura sul riograndense. <p>Com informações por Ana Boéssio, Paulo Messa para Assessoria de Comunicação Social</p>
16.	Crianças aprendem espanhol com projeto da UNIPAMPA em Jaguarão	05/06/12	<p>O curso de Licenciatura em Letras - Português e Espanhol do Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) disponibiliza atualmente, através do projeto <i>Español Básico para Niños</i>, 20 vagas para o curso de ensino de língua espanhola para crianças. O objetivo é inserir as crianças neste ambiente, já que a cidade de Jaguarão está situada em uma zona de fronteira.</p> <p>O curso visa promover a aprendizagem/aquisição da língua estrangeira através de canções, sendo dividido em três módulos, básico I, II e III, com duração de um semestre cada. As aulas são realizadas aos sábados em duas turmas, com duração de 2h30, divididas da seguinte forma: Básico I no turno da tarde, das 14h às 16h30; e Básico III no turno da manhã, das 9h30 às 12h.</p> <p>As vagas disponibilizadas, hoje, estão distribuídas entre crianças de 7 a 9 anos, estudantes na rede básica de ensino; destas, 10 são destinadas à Secretaria de Educação que encaminha para as escolas municipais e 10 para filhos, sobrinhos, afilhados, etc. de alunos, funcionários e professores da Unipampa.</p> <p>As aulas são planejadas através de reuniões para a discussão de textos sobre o ensino de língua espanhola para crianças, sob a orientação da professora Cristina Boéssio, coordenadora do projeto.</p> <p>Neste semestre os acadêmicos envolvidos com o Español Básico para Niños são: Larissa da Silva Ramos e Daiane Araujo Marinho, ministrantes do módulo I; Deise Anne Terra Melgar e Renan Cardozo Gomes da Silva, ministrantes do módulo III; Carla Alves Lima, Cinira Conteratto Furtado,</p>

			<p>Vanessa David Acosta, Thais Priscila da Silva Oliveira, Leonardo Terra Messias, Neemias Brandão, Nathana Valli, Jaíne Mendes, Jéssika Giambastiani Rodrigues, Juan Antonio Berrutti Garcia, Marcelo Brunetto Martins, Nathalia Araujo, Virginia Caetano como colaboradores.</p> <p>As atividades realizadas no projeto são divulgadas pelos discentes por meio de apresentações de trabalhos e oficinas em eventos. No blog Español para Niños, são veiculadas as atividades do projeto.</p> <p>Paulo Messa para Assessoria de Comunicação Social. Fotos: Blog do Projeto</p>
17.	CIP ganha destaque em audiência pública na FENADOCE	12/06/12	<p>O Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), participou de audiência pública com o tema Mar de Dentro, Bioma pampa e MERCOSUL: rumo ao Rio +20, organizada pela Comissão do MERCOSUL da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, na presidência do deputado Mano Changes, no último dia 4 dentro da programação da 20ª Fenadoce, que ocorre até o dia 17 de junho em Pelotas.</p> <p>Na ocasião, o professor Maurício Aires Vieira, diretor do Campus Jaguarão, proferiu uma palestra sobre o campus e suas potencialidades nas questões de educação ambiental e também sobre o projeto do Centro de Interpretação do Pampa (CIP), com histórico de construção da proposta, projeto arquitetônico através de maquete digital e importância desse centro cultural e de pesquisa para a cidade de Jaguarão e região de fronteira com os países do MERCOSUL.</p> <p>A ideia do CIP é destinar um espaço às mais diversas manifestações culturais, congregando pesquisadores e público em geral no conhecimento sobre o modo de ser e viver no pampa. As ruínas de uma antiga enfermaria militar do exército brasileiro, no “Cerro da Polvora”, em Jaguarão-RS, foi o local escolhido para o funcionamento do projeto coordenado pela reitoria da Universidade. O imóvel é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. O local abrigará salas de exposições com conteúdo multimídia, salas de pesquisa, auditório subterrâneo, espaço de convivência e anfiteatro a céu aberto, além de prédio de apoio técnico e administrativo.</p> <p>De acordo com o professor, as iniciativas das Universidades em estarem à frente de pesquisas que geram impactos significativos para a região foram parabenizadas pelo vice-prefeito de Pelotas. Segundo o diretor, “o CIP gerará pesquisa para a América Latina, sendo o primeiro espaço equipamente museológico e museográfico da UNIPAMPA”.</p> <p>Estiveram presentes na audiência a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), a Universidade Federal do Rio Grande (FURG), faculdade Anhanguera e outros segmentos representativos da comunidade local envolvidos com a questão ambiental e sustentabilidade, o qual puderam discutir questões como a relação entre desenvolvimento e preservação do ambiente como forma de manter o equilíbrio do bioma pampa.</p> <p>Ao final da audiência pública os presentes formularam um documento com proposições a serem encaminhadas a Comissão do MERCOSUL da Assembleia Legislativa como forma de subsidiar as discussões na reunião da Rio +20, que acontecerá na cidade do Rio de Janeiro com lideranças mundiais na área de ecologia.</p> <p>Com informações por Maurício Vieira, Paulo Messa para Assessoria de Comunicação Social</p>
18.	UNIPAMPA participou de reunião do Comitê	23/07/12	<p>A reunião anual do Comitê de Fronteira Jaguarão- Rio Branco foi realizada no Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) colocou em pauta as inquietações da região de fronteira, com vistas a preparar a participação na VIII Reunião de Alto Nível da Nova Agenda de Cooperação e</p>

	de Fronteiras		<p>Desenvolvimento Fronteiriço, marcada para o mês de setembro na cidade de Porto Alegre. A reunião sediada no Campus ocorreu no dia 14 de junho. Diversas autoridades brasileiras receberam os representantes uruguaios, em um encontro que uniu integrantes dos setores públicos e da iniciativa privada dos dois países. O diretor do Campus Jaguarão, professor Maurício Vieira, relata que a reunião incluiu os resultados de grupos de trabalho nas áreas de Saúde, Segurança e Área de Controle Integrado, Educação, Assuntos Financeiros e Meio Ambiente. Várias autoridades se fizeram presentes discutindo vários temas tais como a pesca, a segurança pública e a cultura por exemplo. Um encaminhamento final foi o da criação de um novo grupo de trabalho para abordar o tema da Cultura.</p> <p>Ao final do evento, o cônsul do Uruguai no Brasil, Daniel Julio Botta Luquin, convidou o diretor para integrar o Comitê, com a finalidade de continuar discutindo as questões de fronteira e a atuação e participação do Campus Jaguarão. O diretor aproveitou o momento para expor as ações da Universidade, como projetos de pesquisa e de extensão em que a comunidade universitária está atuando. O processo seletivo especial para ingresso de uruguaios fronteiriços, modalidade ofertada pela Universidade aos uruguaios que moram na cidade de Rio Branco, também foi mencionado.</p> <p>Helena Nazário para Assessoria de Comunicação Social</p>
19.	PET – História da África aprofunda conhecimentos no RJ	21/08/12	<p>O Grupo PET- História da África do Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) participou do <i>II Encontro Internacional de Estudos Africanos</i> da Universidade Federal Fluminense (UFF), dos dias 12 a 17 de agosto, em Niterói/RJ.</p> <p>No primeiro dia do evento, o PET – História da África assistiu a conferência de abertura <i>Narrativas de escravidão no Sudão Central no século XIX</i> ministrada pelo professor da York University do Canadá, Dr. Paul Lovejoy. No dia 14 o professor Adelmir Fiabani, tutor do PET, realizou a comunicação sobre o tema <i>A África na sala de aula: compromisso de todos os educadores</i>.</p> <p>O trabalho desenvolvido pelo PET – História da África na região de abrangência da UNIPAMPA despertou curiosidade no público presente e o grupo recebeu convites para apresentações futuras nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. O professor Paulo Farias, da University of Birmingham, Inglaterra, colocou-se à disposição como parceiro do projeto, além de elogiar o trabalho do PET. Segundo o professor Adelmir, o pesquisador disse que nem imaginava que existisse um projeto sobre estudos africanos no extremo sul do Brasil com o percurso do PET.</p> <p>Participaram do evento representantes de instituições internacionais como os conferencistas Augusto Nascimento - Instituto de Investigação Científica Tropical (Portugal); Yacine Daddi Addoun - The University of Kansas (EUA); Mariana P. Candido - Princeton University (EUA); e Roquinaldo Ferreira - University of Virginia (EUA).</p> <p>O professor Adelmir observa a importância da participação do PET no evento, já que o grupo teve acesso às mais recentes pesquisas e pode estabelecer contato com pesquisadores de outras universidades. Na ocasião da viagem, o grupo ainda visitou a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional e o Museu da Arte Moderna. A comitiva foi formada pelos acadêmicos Rodrigo Segovia, Otávio Botelho Rosa e Juliete da Silva Flores, além do tutor.</p> <p>O PET – História da África convidou os participantes do Encontro para o <i>II Seminário Internacional Consciência</i></p>

			<p><i>Negra na Fronteira</i>, que será realizado de 18 a 22 de novembro de 2012, em Jaguarão, com a presença confirmada de 17 palestrantes do Brasil, Uruguai, Argentina e Guiné-Bissau.</p> <p>Com informações por Adelmir Fiabani, Paulo Messa para Assessoria de Comunicação Social</p>
20.	Palestra discutiu texto e gêneros discursivos em Jaguarão	18/09/12	<p>O Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) recebeu no dia 29 de agosto a palestra intitulada <i>Gêneros discursivos, formas de textualização e tipologia textual: distinções</i>, ministrada pelo professor Dr. Adail Sobral (UCPEL).</p> <p>O seminário foi promovido pelos projetos <i>Leitura e escrita de gêneros discursivos nas aulas de Língua Espanhola, PLE para fronteiriços, Integración, e Tecnologia e Formação de Professores</i>, coordenados, respectivamente, pelas professoras Maria do Socorro Farias-Marques e Vanessa Doumid Damasceno.</p> <p>Na ocasião, o palestrante demonstrou a partir de análise de exemplares de gêneros que há uma distinção entre gêneros, formas de textualização e tipos de texto, explicando que o conceito de gênero discursivo, desenvolvido por Medvedev, Voloshinov e Bakhtin em diversos textos, tem uma abrangência que abarca as formas de textualização e as tipologias textuais e por isso constituem um potente dispositivo de ensino de linguagem para além do uso da língua.</p> <p>De acordo com a professora Maria do Socorro, do Curso de Letras, a palestra abordou uma multiplicidade de gêneros, concentrando-se em exemplares dos gêneros capa de revista semanal, sobrecapa publicitária em revista semanal, editoriais não assinados de jornal e coluna editorial assinada de jornal. A professora explica que o conceito de gênero discursivo vai além do texto e do discurso que os engloba. Compreende o texto como materialidade e o discurso como lugar onde se estabelecem as relações enunciativas, relações entre os interlocutores envolvidos na produção, circulação e recepção dos gêneros.</p> <p>Em 2013 os projetos devem promover outras palestras em parceria. Seminários Linguísticos ou Colóquios que envolvam Língua Espanhola, Língua Portuguesa e TICs, serão as temáticas abordadas. Entre os temas estão confirmados: Tradução (professor Adail Sobral) e Formação de professores de língua.</p> <p>Paulo Messa para Assessoria de Comunicação Social</p>
21.	II Seminário sobre consciência negra em novembro	18/10/12	<p>O Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa sediará o <i>II Seminário Internacional Consciência Negra na Fronteira</i>, promovido pelo PET História da África, entre os dias 18 e 22 de novembro 2012. O seminário é um evento oficial da Comissão Especial de Estudos sobre História da África e Cultura Afro-Brasil e Indígena da UNIPAMPA (HiCABI).</p> <p>De acordo com o professor Adelmir Fiabani, o objetivo do evento é comemorar a Semana da Consciência Negra de maneira crítica, afastando-se da concepção que o negro está reduzido ao samba e a música. Ele ainda aponta como um dos objetivos a aproximação da comunidade com o tema que deverá segundo ele “oportunizar o contato da comunidade em geral e acadêmicos com pesquisadores de várias regiões do Brasil”, estendendo a todos o debate sobre as relações étnicorraciais.</p> <p>O Seminário é destinado aos acadêmicos, professores e comunidade em geral. As vagas estão</p>

			<p>limitadas a 200 participantes. Durante o evento haverá oportunidade para inscrições de comunicações, banners, oficinas e apresentação de comunicações de outras temáticas, na mesa "novos pesquisadores".</p> <p>Os interessados em participar das atividades devem se inscrever até o dia 31 de outubro pelo site: petafricaunipampa.webnode.com</p> <p>Os valores de inscrição são os seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> R\$ 15,00 para ouvintes acadêmicos da UNIPAMPA; R\$ 20,00 demais ouvintes; R\$ 25,00 para comunicadores, banners, oficinas; R\$ 40,00 para professores da UNIPAMPA e de outras Instituições de Ensino Superior. <p>Pesquisadores da Argentina, Uruguai e Brasil, além de representantes das comunidades quilombolas, participaram da primeira edição do encontro. O evento será realizado todos os anos e poderá acontecer em cidades das fronteiras entre Argentina, Brasil e Uruguai.</p> <p>Paulo Messa para Assessoria de Comunicação Social</p>
22.	UNIPAMPA participou de reunião do PDIF/RS	19/11/12	<p>A Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) participou, por meio de representação do Campus Jaguarão, da reunião ampliada do <i>Plano de Desenvolvimento e Integração da Fronteira</i> (PDIF/RS), em Porto Alegre, no dia 12 de novembro.</p> <p>A programação se estendeu durante o dia. Pela manhã o PDIF/RS foi revisado e validado. No turno da tarde, na Sala Alberto Pasqualini, no Palácio Piratini, foi oficializado o Ato de Entrega do documento ao Ministério da Integração, que foi representado na ocasião pelo secretário Executivo Alexandre Navarro, e ao governador do Estado em exercício, Beto Grill.</p> <p>A elaboração do PDIF/RS contou com reuniões, envio de sugestões, seminários e audiências públicas, com a sociedade civil, COREDES, prefeituras e Instituições de Ensino.</p> <p>A partir desta data o documento torna-se oficial do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, o PDIF/RS será um instrumento para fins de mediação de incentivo institucional e a promoção das condições para o desenvolvimento e integração da região fronteira.</p> <p>Seis eixos foram trabalhados:</p> <ul style="list-style-type: none"> Fortalecimento da infraestrutura e desenvolvimento sustentável; Promoção do crescimento econômico; Combate à pobreza e desenvolvimento social com equidade de gênero; Integração territorial; Integração entre os povos; Fortalecimento institucional do território. <p>O diretor do Campus Jaguarão, professor Maurício Aires Vieira, que participou da reunião, observa que discutir as questões fronteiriças em eixos importantes como os elencados anteriormente foi uma experiência enriquecedora para conhecermos melhor todo o Pampa e as regiões de fronteira, assim como estreitar os laços com a Argentina e o Uruguai.</p>

			<p>Mais informações sobre o PDIF/RS no site www.relinter.rs.gov.br, onde também está disponível o documento de 90 páginas desenvolvido pelo Núcleo Regional de Integração de Faixa de Fronteira, do Gabinete do Governador.</p> <p>Com informações por <u>Maurício Vieira, Paulo Messa para Assessoria de Comunicação Social</u></p>
23.	Ofertadas vagas em Especialização em Direitos Humanos e Cidadania	18/02/13	<p>A Universidade Federal do Pampa Campus Jaguarão mantém inscrições abertas para o curso de Especialização em Direitos Humanos e Cidadania. As referidas inscrições podem ser realizadas até o dia 11 de março. Mais informações no endereço eletrônico: http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/especializacaodireitoshumanoscidadania/.</p> <p>As aulas serão ministradas de forma presencial em período diurno nas sextas-feiras e sábados entre os meses de abril de 2013 até abril de 2014 e não é cobrada nenhuma taxa para os ingressantes.</p> <p>A especialização contará com professores dos diversos campus da Unipampa, bem como de outras instituições: UFPel, UCPel, FURG, UFSC e do Uruguai, conforme assinala o coordenador professor Vagner Silva da Cunha. Para a coordenação, o curso se constitui em uma oportunidade impar a reflexão da problemática contemporânea dos direitos humanos em um mundo em constante transformação, em níveis de exclusão social acentuados com múltiplos desafios para a efetivação da cidadania na sociedade brasileira. Acrescenta-se o fato que o curso será ministrado em uma zona de fronteira (Jaguarão/Rio Branco) onde o multiculturalismo está sempre presente.</p> <p><u>Alan Dutra Melo para Assessoria de Comunicação Social</u></p>
24.	Campus divulga I Fórum de Educação Ambiental	18/04/13	<p>A Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) Campus Jaguarão realizará o I Fórum de Educação Ambiental da Região de Fronteira nos dias 19 e 20 de abril, como marco do início das atividades do curso de Especialização em Educação Ambiental. O evento será dirigido para os alunos de graduação e comunidade em geral.</p> <p>A organização do evento conta com o apoio dos bolsistas do PIBID - Pedagogia Educação Ambiental. As atividades terão como objetivo oportunizar reflexões e diálogo frente aos problemas ambientais. Confira a programação abaixo:</p> <p>Sexta-feira (19)</p> <p>19h- Cerimônia de abertura</p> <p>Recepção dos alunos da Pós-Graduação em Educação Ambiental.</p> <p>19h30min – TEMÁTICAS</p> <ul style="list-style-type: none"> · A BACIA BINACIONAL DA LAGOA MIRIM E SEUS ASPECTOS AMBIENTAIS - Carlos María Serrentino – Uruguai \ Montevideu. · BIODIVERSIDADE DA BACIA DO RIO JAGUARÃO– Hélio Ramirez – Jaguarão. <p>Sábado (20)</p> <p>8h30min – Temáticas</p> <ul style="list-style-type: none"> · ASPECTOS EDUCATIVOS E AMBIENTAIS DAS ONGS - Cláudio Bittencourt - Centro de Estudos e Pesquisas. CEADI – Planeta Vivo. · OS ASPECTOS ECOLÓGICOS DAS PLANTAÇÕES DE EUCALIPTO NA REGIÃO DO BIOMA PAMPA – Profº

			<p>Drº Vicente Lopes – Engenharia Florestal \UFMS. 14h – Temáticas</p> <ul style="list-style-type: none"> . COOPERATIVA ALIANÇA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E PRESTADORA DE SERVIÇOS: UMA ALTERNATIVA AMBIENTAL NO MUNICÍPIO DE JAGUARÃO. - André Garcia de Mattos – Presidente da Cooperativa; Adriano Nunes Cardoso – Biólogo e Antônio Leonel – Secretário de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente. . O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID PEDAGOGIA EDUCAÇÃO AMBIENTAL – Bolsistas de Iniciação a Docência. <p>Com informações de Jane Schumacher, Fahen Carvalho para Assessoria de Comunicação Social</p>
25.	Evento vai apresentar livros sobre fronteira	15/07/13	<p>O Centro de Estudos Fronteiriços da Comissão Organizadora da Universidade do Interior da República do Uruguai (UDELAR) vai sediar um evento no Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), com transmissão por webconferência. O objetivo do encontro é apresentar os livros Fronteras que nos unen y límites que nos separan de Enrique Mazzei e La Frontera em Cifras, de Enrique Mazzei e Mauricio de Souza, ambos sociólogos vinculados à UDELAR. As obras serão distribuídas gratuitamente durante a atividade que irá acontecer nesta terça-feira, 16 de julho, às 19h30, no auditório do Campus. O encontro será transmitido através do link webconf.unipampa.edu.br/jaguarao. Os livros têm origem em um estudo que os professores desenvolveram dentro da temática <i>O desenvolvimento da Fronteira</i>, na qual foi estudada principalmente a fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Atualmente, Mazzei e Mauricio estão ministrando o curso “Desarrollo, Actores y Frontera”, em Río Branco – cidade uruguaia vizinha de Jaguarão – no qual abordam questões sociais em zonas de fronteira. Segundo a professora Maria do Socorro de Almeida, foi a partir desse curso que os docentes do Campus ficaram sabendo do trabalho dos sociólogos e os convidaram para uma apresentação de seus livros no Campus. Além da cidade de Río Branco, Mazzei e Mauricio fizeram a apresentação das obras nas cidades de Melo e Aceguá (Uruguai).</p> <p>Tatiane Bispo para Assessoria de Comunicação Social</p>
26.	II Semana Binacional do Turismo abre inscrições	16/09/13	<p>Acontecerá entre os dias 23 e 27 de setembro, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Jaguarão, a II Semana Binacional do Turismo – O Turismo Além das Fronteras. O evento é organizado pelo curso de Tecnologia em Gestão de Turismo e a Agência de Turismo Social PAMPATUR.</p> <p>A Semana Binacional do Turismo tem como tema principal <i>O Turismo Além das Fronteiras</i> e, em sua segunda edição, dará ênfase ao Patrimônio Histórico e Cultural. A escolha do tema visa estimular o debate sobre as diversas perspectivas de atuação profissional no campo do turismo, assim como ampliar as discussões e ações que podem auxiliar no desenvolvimento turístico das regiões de fronteira, tendo como atrativo turístico o patrimônio histórico e cultural.</p> <p>Durante o período de realização do evento estão previstas uma série de atividades, tais como palestras, oficinas, minicursos, atividades culturais, fóruns, mesas redondas e city tours. O evento contará com a presença de representantes de diversas entidades de ensino, e do trade turístico, tanto do Brasil como do Uruguai.</p>

			<p>Para conferir a programação, efetuar a inscrição e obter mais informações sobre o evento, acesse o site da II Semana Binacional do Turismo. Acompanhe as novidades do evento através da página facebook.com/binacionaltur2013 e, para entrar em contato, envie um e-mail para o endereço binacionaltur@gmail.com.</p> <p>Com informações de Raphael Gindri, Nycolas Ribeiro para Assessoria de Comunicação Social.</p>
27.	Seminário Internacional de Educação Integral recebe inscrições	24/09/13	<p>Nos dias 4, 5 e 6 de novembro será realizado o I Seminário Internacional de Educação Integral de Fronteira: concepções e processos de implantação, em Jaguarão. O evento contará com conferências, mesas temáticas, reuniões técnicas e apresentações de trabalhos. As vagas são limitadas e o período para submissão de resumos encerra dia 25 de outubro.</p> <p>O principal objetivo é dialogar sobre a Educação Integral como política de ampliação de espaços e tempos educativos em busca da educação pública, gratuita e de qualidade na escola básica, em regiões de fronteira e interiorizadas no sul do país. A programação acontecerá em vários lugares: no auditório e em salas de aula do Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e no auditório da Biblioteca Pública Municipal.</p> <p>As inscrições para ouvintes podem ser feitas até o dia 28 de outubro. A taxa de inscrição para apresentadores de trabalho e demais participantes é de 10 reais e o pagamento deve ser efetuado através de depósito bancário. Para conferir as orientações gerais sobre as inscrições, clique aqui. Em caso de dúvidas, envie um e-mail para duvidassieif@gmail ou acesse a página no Facebook.</p> <p>Caroline Rossasi para Assessoria de Comunicação Social</p>
28.	Diálogos sobre História debaterá fronteira , crime e guerra	22/11/13	<p>O Campus Jaguarão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) sediará a primeira edição do ciclo de conferências <i>Diálogos sobre História: A Fronteira em Questão</i>, nos dias 3 e 4 de dezembro.</p> <p>Na ocasião, o Campus receberá professores de outras instituições de ensino superior que apresentarão trabalhos sobre as relações entre história, fronteira, guerra e crime, com ênfase na realidade regional, platina e latino-americana.</p> <p>O evento destina-se tanto para a comunidade acadêmica quanto para os professores da rede de ensino básico e comunidade em geral. A participação é gratuita e as inscrições serão feitas no momento de abertura.</p> <p><i>Confira a programação do evento:</i></p> <p>3/12 19h: <i>A criminalidade no espaço de fronteira</i>, com a professora Mariana Flores e <i>Com gentes do Estado Oriental: política e violência na fronteira sul-riograndense no século XIX</i>, com o professor José Remedi.</p> <p>04/12 9h: <i>Fazendo história nas fronteiras: uma reflexão sobre o que se vê e o que se conta nas fontes coloniais (América Ibérica, séculos XVI – XVII)</i>, com a professora Eliane Fleck e <i>Narrativa, fronteiras e nação na Colômbia (1858-1934)</i>, com o professor Dernival Venâncio Ramos.</p> <p>19h: <i>O fim da guerra com o Paraguai e as questões de fronteira no pós-guerra</i>, com o professor Braz Batista e <i>Conflito e diplomacia na fronteira colonial do Rio Grande de São Pedro</i>, com o professor Fernando Camargo.</p>

			Escrito por Tatiane Bispo Homem
29.	UNIPAMPA abre processo seletivo para uruguaios fronteiricos	26/11/13	<p>A Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) abriu no dia 13 de novembro as inscrições para processo seletivo específico para ingresso de candidatos uruguaios que vivem na região da fronteira. Ao total, são 48 vagas distribuídas em nove cursos dos campi Jaguarão e Santana do Livramento. As inscrições são gratuitas e seguem até o dia 8 de dezembro pelo site http://www.unipampa.edu.br/portal/noticias/2084. O candidato deve conferir o edital completo clicando aqui.</p> <p>Os candidatos de Rio Branco, na fronteira com Jaguarão, poderão se candidatar para as vagas dos cursos de Gestão de Turismo, História, Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola em turno integral ou noturno, Pedagogia, ou Produção e Política Cultural, cada curso com sete vagas. Já os candidatos de Rivera têm oportunidade nos cursos de Relações Internacionais e de Administração Noturno ou Matutino, no Campus Santana do Livramento, cada um com duas vagas. Tais vagas foram geradas por desligamentos, transferências e abandonos e poderão ser retificadas durante o processo.</p> <p>O processo seletivo se constituirá de uma prova que visa à avaliação dos conhecimentos adquiridos pelos candidatos no Curso Secundário. A avaliação será realizada através de uma prova de redação em Língua Portuguesa, analisada segundo os elementos: a) Leitura e Interpretação Textual; b) Argumentação e Dissertação; c) Produção de Textos. O teste será aplicado no dia 15 de dezembro de 2013, no campus do curso desejado, com início às 14h e duração de quatro horas. Os resultados serão publicados a partir do dia 6 de janeiro de 2014 no portal da UNIPAMPA.</p> <p>Para inscrever-se e realizar a prova, o candidato deverá apresentar documento especial de fronteirico acompanhado da cédula de identidade ou do passaporte. Informações específicas sobre como realizar a inscrição estão disponíveis no portal da UNIPAMPA e no campus onde ocorre o curso pretendido. As matrículas dos aprovados serão realizadas no dia 30 de abril de 2014.</p>
			Escrito por Aline Reinhart da Silveira
30.	Evento de história debateu a fronteira	16/12/13	<p>A Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Jaguarão, sediou a primeira edição do ciclo de conferências <i>Diálogos sobre História: A Fronteira em Questão</i>, nos dias 3 e 4 de dezembro. O evento, que foi organizado pelo curso de Licenciatura em História, contou com a participação de 80 estudantes e membros da comunidade externa.</p> <p>Mesas Temáticas Fronteira e Crime</p> <p>3/12</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>A criminalidade no espaço de fronteira</i>: A professora Mariana Flores analisou o conceito de Fronteira e sua aplicação na historiografia, com ênfase para uma reavaliação de seu sentido geográfico para algo mais amplo. - <i>Com gentes do Estado Oriental: política e violência na fronteira sul-riograndense no século XIX</i>: o professor José Remedi fez uma análise histórica dos crimes que envolviam a fronteira em um estudo de caso sobre a cidade de Uruguaiana, tomando como marcos temporais o final do período imperial e o começo da República Velha. <p>4/12</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Fazendo história nas fronteiras: uma reflexão sobre o que se vê e o que se conta nas fontes coloniais</i>

			<p>(<i>América Ibérica, séculos XVI – XVII</i>): a professora Eliane Fleck analisou as cartas jesuíticas para traçar os limites de contato e os conflitos de concepção cultural entre europeus e indígenas no período colonial.</p> <p>- <i>Narrativa, fronteiras e nação na Colômbia (1858-1934)</i>: o professor Dernival Ramos Júnior traçou a construção de um projeto de civilização sobre as comunidades que viviam na fronteira territorial colombiana a partir da literatura deste país na primeira metade do século XX.</p> <p>- <i>Conflito e diplomacia na fronteira colonial do Rio Grande de São Pedro</i>: o professor Fernando Camargo reavaliou o significado do termo Fronteira para os estudos sobre historiografia sul-americana, e a fragilidade dos argumentos que pressupõem a existência de uma consciência de separatismo ou divisão territorial, político e militar entre Brasil, Paraguai e Argentina anterior ao final do século XIX.</p> <p>Próxima edição</p> <p>De acordo com o coordenador do curso de Licenciatura em História, professor Rafael da Costa Campos, há a previsão de uma nova edição do evento para o início do ano letivo de 2014.</p> <p>Escrito por Tatiane Bispo Homem</p>
--	--	--	--

Tabela de textos contemplando as palavras “fronteira(s)”, “frontera(a)” e “fronteiriço(a)(s)” – Campus Santana do Livramento - UNIPAMPA

	Título da Notícia	Data	Ocorrências
1.	Universidade apresenta estudo sobre o empreendedorismo na região	03/11/11	<p>A professora Janaina Mendes e o acadêmico do Curso de Administração, Fabio Ribeiro, do Campus Santana do Livramento da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) apresentaram trabalho relacionado ao empreendedorismo na região da fronteira, mais especificamente Santana do Livramento, no XXI Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas, realizado em Porto Alegre entre os dias 24 e 28 de outubro de 2011.</p> <p>O trabalho apresentado chama-se “Empreendedorismo e Desenvolvimento em Regiões de Fronteira: um Estudo Exploratório sobre o Comportamento Empreendedor na Região Sul do Brasil”. O estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa realizada na cidade de Santana do Livramento com 64 empresários e teve por objetivo conhecer o empreendedor para desenvolver ações de estímulo ao empreendedorismo e, conseqüentemente, ao desenvolvimento da região.</p> <p>A partir da análise dos dados coletados foi possível conhecer melhor os empreendedores da região e chegar a algumas conclusões: os empreendedores são basicamente de áreas tradicionais, do setor de comércio; são autoconfiantes e comprometidos; acreditam no empreendedorismo, mas ainda precisam desenvolver algumas habilidades, principalmente com relação ao planejamento, busca de novas oportunidades, e quanto ao risco e à inovação. Os integrantes do grupo pesquisado também apontaram como obstáculos às suas iniciativas o poder aquisitivo da população santanense e a resistência destes em aceitar novos produtos e serviços.</p> <p>O XXI Seminário Nacional foi promovido pela Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (ANPROTEC) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), em parceria com o Parque Científico e Tecnológico da PUCRS (Tecnopuc) e a Rede Gaúcha de</p>

			<p>Incubadoras de Empresas e Parques Tecnológicos (Reginp) e reuniu especialistas na área de inovação em Porto Alegre. O evento discute o empreendedorismo em todo o Brasil e em outros países e a cada ano é realizado em um estado diferente.</p> <p>A professora Janaína ressalta a contribuição da Universidade ao desenvolver trabalhos que possam apoiar o desenvolvimento da região: “É importante a UNIPAMPA participar de eventos como este para mostrar o que está fazendo para auxiliar no desenvolvimento da região e inclusive auxiliar outras regiões de outros estados que também sofrem com estes problemas”.</p> <p>Rogério Savian para Assessoria de Comunicação Social</p>
2.	Fórum de Ciências Sociais Aplicadas discute a instituição	04/11/11	<p>Acontece no Campus São Borja da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) a terceira edição do Fórum das Ciências Sociais Aplicadas, durante o dia 4 de novembro de 2011, com o objetivo de discutir a identidade da Instituição. As atividades iniciaram às 8h30min, com a presença de coordenadores dos cursos da área das Ciências Sociais Aplicadas e os coordenadores acadêmicos dos <i>campi</i> com cursos da área. Também foram convidados os demais professores dos cursos da área de Ciências Sociais Aplicadas da Instituição, os técnicos em assuntos educacionais e pedagogos vinculados aos cursos da área e os docentes e técnicos do Campus São Borja.</p> <p>O vice-reitor, professor Norberto Hoppen, falou sobre os dois novos processos seletivos que a Universidade passa a adotar para o ingresso a partir de 2012: o Processo Seletivo Específico para Ingresso de Candidatos Indígenas Aldeados, que oferece 11 vagas, e o Processo Seletivo Específico para Ingresso de Candidatos Uruguaios Fronteiriços, com 31 vagas que, no primeiro momento, serão destinadas aos <i>campi</i> de Jaguarão e Santana do Livramento por possuírem amparo por lei.</p> <p>Em seguida à fala do vice-reitor, a professora do Campus Caçapava do Sul, Ângela Hartmann, coordenou uma roda de conversa sobre a interdisciplinaridade no Ensino Superior. Na oportunidade, foram discutidos os conceitos e aplicações, procurando encontrar formas de inserir o conceito na prática em sala de aula.</p> <p>Na parte da tarde, o Fórum discutirá o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e a Educação a Distância (EAD) na graduação e o futuro da área das Ciências Sociais Aplicadas na UNIPAMPA. Outros temas em pauta serão: reflexões sobre a inter-relação entre os cursos; maior mobilidade discente e docente; outras modalidades de aulas, utilizando a plataforma <i>Moodle</i> e a modalidade à distância; apontamentos de estratégias para maior inter-relação entre os cursos.</p> <p>Rogério Savian para Assessoria de Comunicação Social</p>
3.	Chamada de candidatos uruguaios fronteiriços	21/03/12	<p>A Secretaria Acadêmica do Campus Santana do Livramento da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) divulga a chamada de suplentes para matrícula em vagas remanescentes, conforme abaixo indicado:</p> <p>Relações Internacionais: Maria Fernanda Tamborindeguy Gonzalez Administração noturno: Milber Rivera Aquines Lencina e Karen Valeria Rodriguez Basce Administração diurno: Larissa Correa Ferraz</p> <p>A matrícula deverá ser feita junto à Secretaria Acadêmica da UNIPAMPA - Campus Santana do Livramento</p>

			<p>impreterivelmente entre os dias 21/03/2012 a 23/03/2012 das 08h30 às 12h e das 13h30 às 21h. O suplente deve portar a documentação exigida no Edital nº 145/2011.</p> <p>Jefferson Ferrón para Assessoria de Comunicação Social</p>
4.	Chamada de candidatos uruguaios fronteiriços suplentes	26/03/12	<p>A Secretaria Acadêmica do Campus Santana do Livramento da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) divulga a chamada de suplentes para matrícula em vagas remanescentes, conforme abaixo indicado:</p> <p>Administração diurno: Pamela Natalia Cuello Sosa Administração noturno: Simone Viera Cuello</p> <p>A matrícula deverá ser feita junto à Secretaria Acadêmica da UNIPAMPA, Campus Santana do Livramento impreterivelmente entre os dias 27/03/2012 a 28/03/2012 das 08h30 às 12h e das 13h30 às 21h. O suplente deve portar a documentação exigida no Edital nº 145/2011.</p> <p>Julietta Figueira para Assessoria de Comunicação Social</p>
5.	Nova chamada de suplentes uruguaios fronteiriços	04/04/12	<p>A Secretaria Acadêmica do Campus Santana do Livramento da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) divulga a chamada de suplentes para matrícula em vagas remanescentes, conforme abaixo indicado:</p> <p>Administração Diurno: Kelbin Leonardo Grela Perez Administração Noturno: Lidia Vanessa Rodriguez Basce</p> <p>A matrícula deverá ser feita junto à Secretaria Acadêmica da UNIPAMPA, Campus Santana do Livramento impreterivelmente nos dias 05/04/2012 ou 09/04/2012 das 8h30 às 12h e das 13h30 às 21h. O suplente deve portar a documentação exigida no Edital nº 145/2011.</p> <p>Juliete Figueira para Assessoria de Comunicação Social</p>
6.	Chamada de candidatos uruguaios fronteiriços suplentes	21/05/12	<p>A Secretaria Acadêmica do Campus Santana do Livramento da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) divulga a chamada de suplentes para matrícula em vagas remanescentes, conforme abaixo indicado:</p> <p><i>Administração noturno: Sharon Kareline Gonzalez Olivera</i></p> <p>A matrícula deverá ser feita junto à Secretaria Acadêmica da UNIPAMPA, Campus Santana do Livramento impreterivelmente entre os dias 22 e 23 de maio de 2012 das 8h30 às 12h e das 13h30 às 21h. O suplente deve portar a documentação exigida no Edital nº 145/2011.</p> <p>Assessoria de Comunicação Social</p>
7.	Alunos e professores de RI participam de seminário na capital	27/06/12	<p>Nos dias 20, 21 e 22 de junho, uma delegação de alunos e professores do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Campus Santana do Livramento, participou do Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais (SEBREEI): Integração Regional e Cooperação Sul-Sul no Século XXI, na Universidade Federal do Rio Grande (UFRGS). O evento foi organizado na Faculdade de Economia pelo seu Programa de Pós-Graduação com apoio do Governo do Estado do RS.</p> <p>O evento estava dividido em Fórum de Graduação, Grupos de Trabalho, e Mesas Redondas. No Fórum de Graduação os alunos Alexandre Arns Gonzáles, Vinicius Lerina Fialho e Claudia Simone Moreira da Silva fizeram uma Análise comparativa da política externa argentina com a brasileira: a construção da região sul-</p>

			<p>americana no cenário internacional; os acadêmicos Rodrigo Duque Estrada e Carla Ricci discutiram a respeito da Política externa brasileira para a questão do Saara Ocidental; e os estudantes Fernando Camara Rieger e Yves Teixeira discorreram sobre a URSS: Confronte de ideologias no pós-guerra e a invasão do Afeganistão. Nos Grupos de Trabalhos, a professora Anna Carletti, docente da UNIPAMPA, foi debatedora em dois deles: África: Novas Parcerias; e Novos Processos de Cooperação e Integração Regional. Durante os debates de uma Mesa Redonda, o professor Fábio Régio Bento, organizador do livro Fronteiras em Movimento, da Paco Editora, discorreu sobre aspectos interessantes da vida na fronteira, como, por exemplo, de famílias com dois filhos e que um deles estuda no Brasil e o outro estuda no Uruguai; e o recente caso de um helicóptero brasileiro que, a serviço, entrou em território uruguaio.</p> <p>Com informações de Avelar Fortunato, João Ricardo Ribeiro para a Assessoria de Comunicação Social</p>
8.	Chamada de uruguaio fronteiriços para Administração Noturno	29/08/12	<p>A Secretaria Acadêmica do Campus Santana do Livramento da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) divulga a chamada de candidatos uruguaio fronteiriços suplentes para o Curso de Administração Noturno 2012/02 para matrícula em vagas remanescentes, conforme a ordem da lista de suplência, que segue abaixo indicada:</p> <p>Administração noturno: Gonzalo Saravia Alvez</p> <p>A matrícula deverá ser feita junto à Secretaria Acadêmica da UNIPAMPA, Campus Santana do Livramento impreterivelmente entre os dias 30/08/2012 a 31 /08/2012 das 08h30 às 12h e das 13h30 às 17h30. O suplente deve portar a documentação exigida no Edital nº 145/2011.</p> <p>Julietta Figueira para Assessoria de Comunicação Social</p>
9.	Nova chamada de uruguaio fronteiriços	03/09/12	<p>A Secretaria Acadêmica do Campus Santana do Livramento da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) divulga a chamada de candidatos uruguaio fronteiriços suplentes para o Curso de Administração Noturno 2012/02 para matrícula em vagas remanescentes, conforme a ordem da lista de suplência, que segue abaixo indicada:</p> <p>Administração noturno: Bruno Michel Agarrayua Fontane</p> <p>A matrícula deverá ser feita junto à Secretaria Acadêmica da UNIPAMPA, Campus Santana do Livramento impreterivelmente entre os dias 04/09/2012 a 05/09/2012 das 08h30 às 12h e das 13h30 às 17h30. O suplente deve portar a documentação exigida no Edital nº 145/2011.</p> <p>Julietta Figueira para Assessoria de Comunicação Social</p>
10.	Chamada de candidatos uruguaio fronteiriços suplentes	27/09/12	<p>A Secretaria Acadêmica do Campus Santana do Livramento da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) divulga a chamada de suplentes para matrícula em vagas remanescentes, conforme abaixo indicado:</p> <p>Administração noturno: Anny Chistiane Suarez Athaides</p> <p>A matrícula deverá ser feita junto à Secretaria Acadêmica da UNIPAMPA, Campus Santana do Livramento impreterivelmente entre os dias 28/09/2012 a 01/10/2012 das 08h30 às 12h e das 13h30 às 17:30h. O suplente</p>

			deve portar a documentação exigida no Edital nº 145/2011. Com informações de Julieta Figueira, João Ricardo Ribeiro para a Assessoria de Comunicação Social
11.	Pesquisa aborda variação do preço em free shops	25/10/12	O trabalho <i>Injustiça no Preço: Percepção dos Consumidores dos Free Shops de Rivera</i> , que aborda o comportamento do consumidor frente à variação cambial verificada na diferença de preços e cotações entre free shops da cidade uruguaia fronteira com Santana do Livramento, foi um dos trabalhos aprovados no XXXVI Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD) que ocorreu no Rio de Janeiro entre os dias 23 e 26 de setembro. A aluna do curso de Administração Emanuelle dos Santos Barcellos e os professores Marta Olívia Rovedder de Oliveira e Alcívio Vargas Neto apresentaram os dados resultantes de pesquisa de conclusão de curso no evento que é considerado o principal congresso científico da área de pós-graduação em Administração no Brasil. Neste ano, o índice de trabalhos aprovados foi de 30,2% dos trabalhos submetidos para apresentação. O trabalho apresentado verificou o sentimento de injustiça com relação a diferentes cotações do dólar norte-americano praticadas por free shops de Rivera através de um estudo pré-experimental. Quando uma loja utiliza um taxa cambial superior a de outros free shops, os consumidores sentem-se injustiçados, o que gera emoções negativas, intenções de retaliação e a consideração das lojas concorrentes, conforme indica o resumo disponível na página do evento. Conforme a professora Marta Olívia, o artigo foi desenvolvido como decorrência do trabalho de conclusão de curso realizado pela aluna no curso de bacharelado em Administração. O curso recebeu nota máxima em avaliação presencial do Ministério da Educação em 2011. Com informações por Marta Olívia Rovedder de Oliveira, Heleno Nazário para Assessoria de Comunicação Social
12.	Chamada de candidatos uruguaioi fronteirios suplentes	30/10/12	A Secretaria Acadêmica do Campus Santana do Livramento da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) divulga a chamada de suplentes para matrícula em vagas remanescentes, conforme abaixo indicado: Administração noturno: Marcos Fabian Antunez A matrícula deverá ser feita junto à Secretaria Acadêmica da UNIPAMPA, Campus Santana do Livramento impreterivelmente entre os dias 30 e 31 de outubro das 8h30 às 12h e das 13h30 às 21h. O suplente deve portar a documentação exigida no Edital nº 145/2011. Julieta Figueira para Assessoria de Comunicação Social
13.	UNIPAMPA presente na feira binacional do livro	06/11/12	A III Feira Binacional do Livro promovida pela Comissão Binacional, composta por Instituições de Ensino e Cultura do Brasil e Uruguai, aconteceu entre os dias 25 e 28 de outubro de 2012 na Praça Internacional em Sant'Ana do Livramento BR e Rivera UY, onde congregou com a população das duas cidades da fronteira e com participantes de diferentes locais do estado em uma verdadeira festa cultural. O objetivo da Feira foi o compartilhamento das várias faces da cultura fronteira . Participaram da atual edição da Feira, servidores, docentes e discentes da Unipampa, que através do Projeto "Voluntários da Unipampa na III Feira Binacional do Livro", coordenados pela Pedagoga Ruth Castro, realizaram em espaço compartilhado com a UDELAR (Universidad de La República – Uruguay) a divulgação de 24 obras

			<p>com autoria de professores e alunos da Instituição do campus Santana do Livramento, Uruguai, São Borja, Itaqui, São Gabriel e Bagé, bem como a divulgação dos cursos dos dez campi, do Projeto Cine Pampa e a apresentação Institucional para alunos do Ensino Médio.</p> <p>O lançamento do livro "Fronteiras em Movimento" do qual participaram docentes e discentes da Universidade Federal do Pampa foi um dos pontos altos da feira. A obra é composta pelos autores Fábio Régio Bento, Renatho Costa, Daniela Vanila Benetti, Nícia Pereira de Araujo, Gleicy Denise Vasques Moreira Santos, Rodrigo Benetti, Anna Carleni, Ricardo Lopes Kotz, Geder Parzianello, Victor Hugo Veppo Burgardi, Ana Monteiro Costa, Guilherme FW Radomsky, Kamilla Raquel Rizzi, Rafael Balardin e Flavio Augusto Lira Nascimento.</p> <p>A Feira teve uma programação diversificada, com a apresentação de peças teatrais, grupos de danças, apresentações de filmes e poesias, palestras, o realização do I Encontro Internacional de Bibliotecas, contos infantis, exposição de trabalhos escolares, divulgação das Instituições de Ensino Técnico e Superior da Fronteira.</p> <p>Com informações por Ruth Castro, Brunno Porto para Assessoria de Comunicação Social</p>
14.	Campus sedia evento internacional em novembro	22/03/13	<p>O XIV Congresso Internacional sobre Integração Regional, Fronteiras e Globalização no Continente Americano está com inscrições abertas para o envio de resumos de trabalhos. A submissão pode ser feita até o dia 15 de maio por pesquisadores, docentes, estudantes e integrantes de organizações sociais. O evento será realizado simultaneamente ao IV Seminário sobre Reforma do Estado e Território, entre os dias 20 e 22 de novembro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e é uma iniciativa conjunta de instituições da Argentina, Brasil, Colômbia, Estados Unidos, Luxemburgo, México e Venezuela.</p> <p>A UNIPAMPA faz parte da comissão organizadora, por meio do Grupo de Pesquisa Integrações Econômicas Binacionais e Desenvolvimento Social em Regiões de Fronteiras (GEIEB), do Campus Santana do Livramento. Com seis eixos temáticos diferentes, o congresso busca expor os impactos da crise econômica global nos âmbitos econômicos, políticos e sociais do Hemisfério Ocidental; consolidar a reflexão coletiva e as formas de trabalho conjuntas sobre as temáticas abordadas; compartilhar ferramentas metodológicas para a reflexão e construção dos processos de resistência e das alternativas de integração regional; fortalecer o vínculo entre os movimentos sociais e a academia; além de incentivar e promover aproximações comparativas entre os países da região para analisar problemáticas comuns.</p> <p>Segundo o professor Avelar Fortunato, coordenador do GEIEB, nos dias 23 e 24 de novembro será realizada uma atividade complementar nas cidades de Santana do Livramento e Rivera (Uruguai), região fronteiriça entre Brasil e Uruguai. Os integrantes do Congresso poderão participar de um intercâmbio acadêmico organizado pela UNIPAMPA.</p> <p>Mais informações estão disponíveis na circular do evento, disponível em português e espanhol, neste link.</p> <p>Rafael Junckes para Assessoria de Comunicação Social</p>
15.	Grupos de Estudos interagem na trílice fronteira	26/03/13	<p>Entre os dias 14 e 17 de março, professores e alunos da graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) estiveram na região da Trílice Fronteira das cidades Barra do Quaraí (RS), Bella Unión, do departamento de Artigas (Uruguai) e Monte Caseros, da província de Corrientes (Argentina) para uma visita dos grupos de estudos das respectivas</p>

			<p>instituições com o poder público e sociedade locais.</p> <p>Os trabalhos foram conduzidos pelo coordenador do Grupo de Estudos Integração Econômica Binacional e Desenvolvimento Social em Regiões de Fronteiras (GEIEB), professor Avelar Fortunato, da UNIPAMPA; pela professora Adriana Dorfman, da UFRGS, que faz um levantamento das condições dos órgãos de segurança pública nas fronteiras com Argentina e Uruguai; e pelo assessor da Prefeitura Municipal de Barra do Quaraí e aluno de pós-graduação da UNIPAMPA, Hamilton Santos Rodrigues.</p> <p>Com a visita, os grupos tiveram a oportunidade de apresentar resultados de estudos em regiões de fronteiras, verificar <i>in loco</i> os objetos pesquisados, levantar dados de estudos em andamento e ouvir lideranças públicas e da sociedade civil com o objetivo de levantar demandas que com convergência e sinergia estimulem a integração econômica e o desenvolvimento social na Tríplice Fronteira mais austral da América do Sul. Durante a estada dos pesquisadores na região transfronteiriça, diversas atividades e encontros aconteceram para consolidar a interação.</p> <p>No dia 15, membros do GEIEB apresentaram estudos concluídos e em andamento a respeito de desenvolvimento em regiões de fronteiras no Centro de Eventos da E.M.E.F. 22 de Outubro, na cidade de Barra do Quaraí. No mesmo dia, deslocaram-se para a cidade uruguaia de Bella Unión para visitar o hospital da cidade, um órgão da <i>Administracion de los Servicios de Salud Del Estado</i>(ASSE), onde foram recebidos pelo diretor, Dr. Marcos García Artave. Por uma iniciativa pioneira da Prefeitura de Barra do Quaraí, o Hospital de Bella Unión presta serviços médicos-hospitalares aos moradores da cidade gaúcha. Em seguida o grupo se dirigiu para o <i>Concejo Municipal</i> onde foram recebidos pelos <i>concejales</i> (vereadores) Juan Paroli, Luis López, e Ruben Prats.</p> <p>A delegação foi recebida em Monte Caseros no dia 16 e, pela primeira vez, em função deste evento transfronteiriço, reuniram-se o <i>prefeito</i> de Barra do Quaraí, Iad Sholi, o <i>alcalde</i> de Bella Unión, William Cresseri, e o <i>intendente</i> de Monte Caseros, Eduardo Leonel Galantini. Durante a visita, os alunos do Curso de Desenvolvimento em Regiões de Fronteiras da UNIPAMPA palestraram sobre temas pesquisados e relacionados ao contexto fronteiriço. O acadêmico Mario Luiz Oliveira palestrou sobre as vantagens da chamada Lei de Fronteiras, enquanto Hamilton Santos Rodrigues abordou os acordos e tratados que possibilitaram o contrato de prestação de serviços médicos-hospitalares binacional. O graduando de Gestão Pública Horácio Dávila Rodriguez falou sobre os avanços ocorridos nas regiões de fronteira Brasil & Uruguai, através de ações do Ministério de Desarrollo Social del Uruguay (MIDES).</p> <p>Com informações de Avelar Fortunato, Nycolas Ribeiro para Assessoria de Comunicação Social</p>
16.	GEIEB participou do Comitê Binacional de Fronteiras Brasil-Uruguai	13/05/13	<p>O Comitê Binacional de Desenvolvimento de Regiões de Fronteiras se reuniu no dia 16 de abril na cidade brasileira de Aceguá, Rio Grande do Sul. Convidado pela Comissão Central Organizadora, o Grupo de Estudos: Integrações Econômicas Binacionais e Desenvolvimento Social em Regiões de Fronteiras (GEIEB), do Campus Santana do Livramento da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), participou do evento juntamente com alunos dos cursos de Relações Internacionais, Gestão Pública e Administração. O grupo é coordenado pelo professor Avelar Fortunato e tem o objetivo de investigar a integração econômica entre o Brasil e o Uruguai e o desenvolvimento social em regiões de fronteiras nos dois países.</p> <p>A reunião do Comitê Binacional teve como tema central o desenvolvimento de regiões fronteiriças e as</p>

			<p>temáticas discutidas versaram sobre preservação ambiental, saúde, saneamento, obras de infraestrutura para a integração de transportes de cidadãos e cargas, Integração local entre cidades gêmeas e livre circulação de pessoas. O comitê é composto por intendentess, prefeitos, alcaldes, autoridades consulares, pesquisadores e outras autoridades. Os anfitriões foram o prefeito de Aceguá, Julio Cezar Vinholes Pinto, o prefeito de Bagé, Dudu Colombo, o presidente do Comitê Binacional de Intendentess, prefeitos e alcaldes da fronteira Brasil-Uruguay, autoridades diplomáticas dos dois países, pesquisadores, convidados, imprensa e representantes da sociedade civil.</p> <p>No grupo temático Cidades Gêmeas discutiram-se questões referentes à peculiaridade de cidades-espelho, como saúde, turismo e segurança pública. A saúde foi abordada no que diz respeito à legalidade/ilegalidade de carros de socorro e profissionais transitarem de um território para outro. De acordo com o professor da UNIPAMPA, Fábio Régio Bento, o problema da prestação de serviços é menos da área da saúde do que jurídico, pois a regulamentação, em muitos casos, é débil ou insuficiente para respaldar as relações de intercâmbio fronteirício. O coordenador do GEIEB, professor Avelar Fortunato, destacou o bom funcionamento da contratação do Hospital de Bella Unión (UY) pelo município de Barra do Quaraí (BR). A partir das discussões, surgiu a proposta da criação de um Fundo Binacional de Saúde para sanar a problemática da contratação de serviços de saúde.</p> <p>Para o professor Avelar Fortunato, a participação da comunidade acadêmica nesse tipo de evento é importante, pois contribui com o aprendizado dos alunos, uma vez que é possível relacionar a teoria com a prática. Além de auxiliar o desenvolvimento de pesquisas nesse campo, essa experiência também colabora para que os alunos tenham conhecimento das realidades de onde vivem e onde pretendem trabalhar. “Como resultados, esperamos que (...) haja transformações positivas com nossa interação com a comunidade/autoridades, que atuam na fronteira Brasil e Uruguai”, conclui Avelar.</p> <p>Para conhecer mais os objetivos gerais do GEIEB, clique aqui.</p> <p>Com informações de Avelar Fortunato, Nycolas Ribeiro para Assessoria de Comunicação Social.</p>
17.	UNIPAMPA presente na Feira Binacional do Livro	05/11/13	<p>No período de 24 a 27 de outubro aconteceu a IV Feira Binacional do Livro, na Praça Internacional, divisa entre Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai). O evento contou com a participação da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) por meio de servidores e acadêmicos.</p> <p>Na ocasião, a equipe do projeto <i>UNIPAMPA na IV Feira Binacional do Livro</i>, que é coordenado pela pedagoga da UNIPAMPA Ruth Castro, divulgou projetos de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos no Campus Livramento, além dos cursos da Universidade.</p> <p>Ademais, houve um encontro da tradutora e intérprete de Libras da UNIPAMPA, Mariana Figueira, com um grupo de alunos e docentes uruguaios que estudam Língua de Sinais Uruguiaia (LSU). A UNIPAMPA ainda recebeu doações de livros para o curso de Relações Internacionais.</p> <p>De acordo com informações da pedagoga Ruth Castro, a IV Feira Binacional do Livro teve como objetivo compartilhar a cultura fronteiriça através da literatura, música, dança e teatro. No evento houve apresentação de peças teatrais, filmes, poesias, grupos de danças, palestras, contos infantis, exposição de trabalhos escolares e divulgação das Instituições de Ensino Técnico e Superior da Fronteira.</p>

			Escrito por Tatiane Homem
18.	Etapa de evento internacional ocorre nos dias 23 e 24	13/11/13	<p>O XIV Congresso Internacional sobre Integração Regional, Fronteiras e Globalização no Continente Americano acontecerá entre os dias 20 a 22 de novembro e é uma iniciativa conjunta de instituições da Argentina, Brasil, Colômbia, Estados Unidos, Luxemburgo, México e Venezuela, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Campus Central, na sala II do Salão de Atos da Reitoria e Anfiteatro da Faculdade de Arquitetura. Uma etapa da programação será realizada em Santana do Livramento e Rivera (Uruguai) nos dias 23 e 24 de novembro, com a participação do Grupo de Pesquisa Integrações Econômicas Binacionais e Desenvolvimento Social em Regiões de Fronteiras (GEIEB), da Universidade Federal do Pampa, dentre os organizadores locais. O evento será realizado simultaneamente ao IV Seminário sobre Reforma do Estado e Território. A etapa em Porto Alegre contará com a palestra <i>Como vai a integração regional na Europa? União Europeia versus a grande Europa</i>, do professor de Geografia da Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne, Richard Yann, e salas temáticas sobre fronteiras, cultura, migrações, militarização e segurança, dentre outros assuntos relacionados. A etapa a ser realizada em Santana do Livramento e Rivera contará com apresentações de trabalhos acadêmicos e sobre a percepção das pessoas sobre a vida na fronteira Brasil-Uruguai, visita ao assentamento Vila Santa Rita, passeios programados conduzidos por guias e alunos do Campus Santana do Livramento, além de visitas a locais turísticos nos dois lados da fronteira, propiciando o contato com a realidade local e a troca de experiências e reflexões sobre os temas do evento e o cotidiano observado. A programação completa pode ser conferida neste link.</p> <p>Escrito por Tatiane Homem</p>
19.	UNIPAMPA abre Processo Seletivo para uruguaios fronteirios	26/11/13	<p>A Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) abriu no dia 13 de novembro as inscrições para processo seletivo específico para ingresso de candidatos uruguaios que vivem na região da fronteira. Ao total, são 48 vagas distribuídas em nove cursos dos campi Jaguarão e Santana do Livramento. As inscrições são gratuitas e seguem até o dia 8 de dezembro pelo site http://www.unipampa.edu.br/portal/noticias/2084. O candidato deve conferir o edital completo clicando aqui.</p> <p>Os candidatos de Rio Branco, na fronteira com Jaguarão, poderão se candidatar para as vagas dos cursos de Gestão de Turismo, História, Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola em turno integral ou noturno, Pedagogia, ou Produção e Política Cultural, cada curso com sete vagas. Já os candidatos de Rivera têm oportunidade nos cursos de Relações Internacionais e de Administração Noturno ou Matutino, no Campus Santana do Livramento, cada um com duas vagas. Tais vagas foram geradas por desligamentos, transferências e abandonos e poderão ser retificadas durante o processo.</p> <p>O processo seletivo se constituirá de uma prova que visa à avaliação dos conhecimentos adquiridos pelos candidatos no Curso Secundário. A avaliação será realizada através de uma prova de redação em Língua Portuguesa, analisada segundo os elementos: a) Leitura e Interpretação Textual; b) Argumentação e Dissertação; c) Produção de Textos. O teste será aplicado no dia 15 de dezembro de 2013, no campus do curso desejado, com início às 14h e duração de quatro horas. Os resultados serão publicados a partir do dia 6 de janeiro de 2014 no portal da UNIPAMPA.</p>

			<p>Para inscrever-se e realizar a prova, o candidato deverá apresentar documento especial de fronteiriço acompanhado da cédula de identidade ou do passaporte. Informações específicas sobre como realizar a inscrição estão disponíveis no portal da UNIPAMPA e no campus onde ocorre o curso pretendido. As matrículas dos aprovados serão realizadas no dia 30 de abril de 2014.</p> <p>Escrito por Aline Silveira</p>
20.	Projeto Ferradura dos Vinhedos incentiva ampliação do turismo	30/12/13	<p>O projeto <i>Ferradura dos Vinhedos em Santana do Livramento RS: Turismo e Desenvolvimento na Fronteira do Brasil com o Uruguai</i>, que embasou a iniciativa lançada em Santana do Livramento no dia 26 de dezembro, foi desenvolvido no campus local da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), e entregue por servidores da instituição à Secretaria Municipal de Turismo, no início do mês. A iniciativa é uma promoção da Prefeitura Municipal de Santana do Livramento com apoio da UNIPAMPA e patrocínio do Banrisul.</p> <p>O idealizador do projeto, professor Avelar Fortunato, batizou o projeto ao observar o formato de ferradura do trajeto entre as empresas integrantes do Arranjo Produtivo Vitivinícola de Santana do Livramento, após percorrer esses dez locais da cidade. Além da organização dos fatores de produção, dos vultosos investimentos financeiros que promovem o crescimento econômico, o local apresenta espetáculos naturais, riquezas patrimoniais, históricas, religiosas e culturais que podem ser potencializadas turisticamente.</p> <p>O projeto registrado na Universidade informa que os investimentos no setor produtivo vitivinícola da região da Ferradura dos Vinhedos em Santana do Livramento já ocorrem desde o ano de 1973. Mais recentemente, novos investimentos têm contribuído para o crescimento do setor e para o desenvolvimento econômico do município.</p> <p>O diferencial do projeto Ferradura dos Vinhedos é propor o uso adequado dos potenciais natural, histórico, patrimonial e cultural combinados à produção do vinho. A meta é a geração de novos negócios por empreendedores de portes diversos, especialmente no campo do turismo. O trajeto pode ser percorrido durante uma manhã, permitindo ao visitante conhecer os dez pontos do roteiro, provar as bebidas e a gastronomia local. Outras atrações do Roteiro devem ser constituídas justamente pelas novas iniciativas de negócios ligados a essas oportunidades.</p>

